

VENCEDOR DO PRÉMIO CAMPIELLO

Donatella di Pietrantonio

A FILHA DEVOLVIDA

«O romance mais belo do ano.»

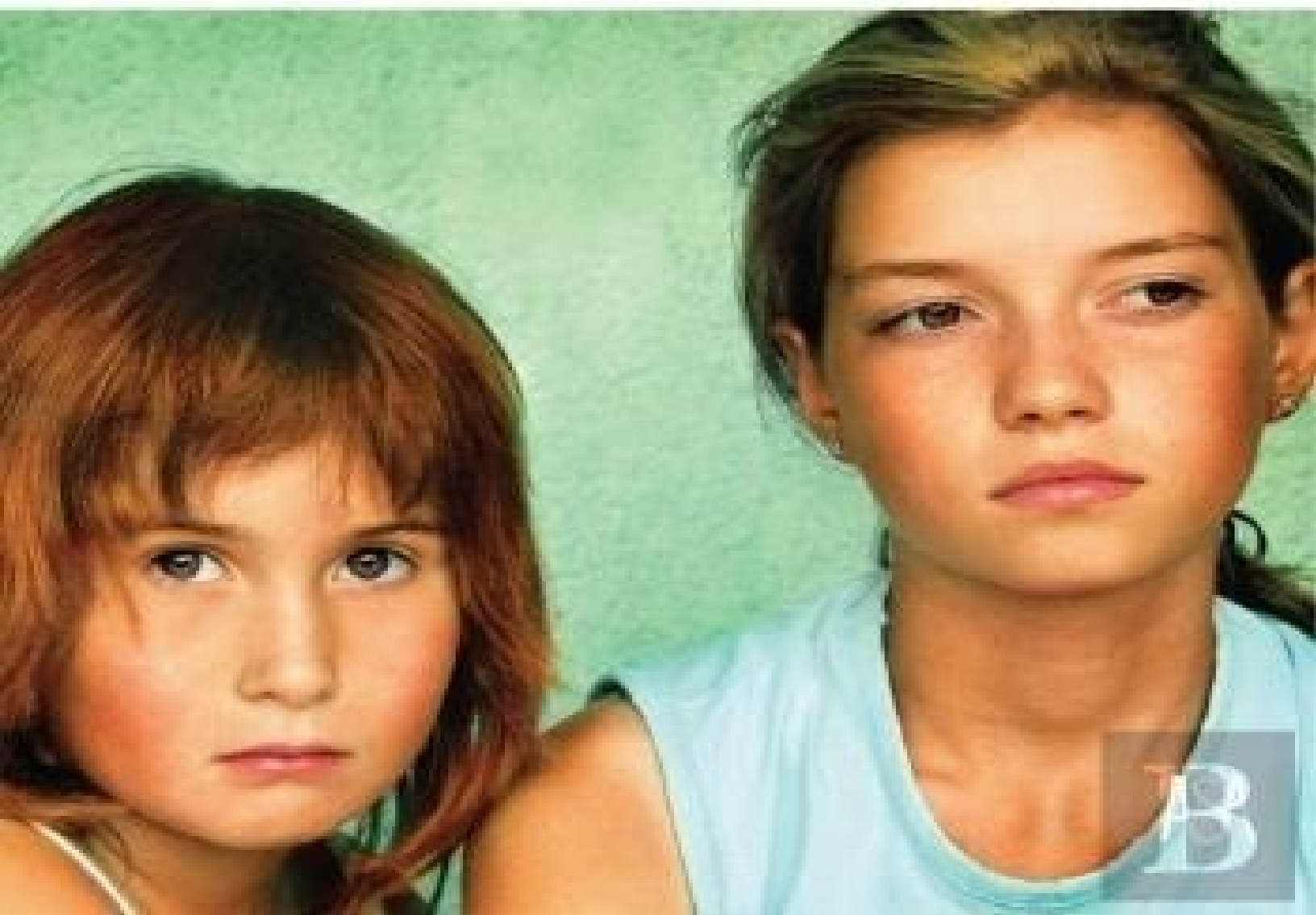
HUFFINGTON POST

«Uma escrita febril e poderosa.»

CORRIERE DELLA SERA

«Uma delicada história de crescimento e aprendizagem.»

LE MONDE





Ficha Técnica

Título: A Filha Devolvida
Título original: L'arminuta
Autor: Donatella di Pietrantonio
Tradução: Tânia Ganho
Revisão: Rita Almeida Simões
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da capa: Tanya Gramatikova/Trevillion Images
ISBN: 9789892344737

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2017, Giulio Einaudi editore s.p.a., Torino
www.einaudi.it

© 2019, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.asa.leva.com
www.leva.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

DONATELLA
DI PIETRANTONIO

A FILHA DEVOLVIDA

Para o Piergiorgio, que cá esteve tão pouco tempo

Ainda hoje, de certo modo, permaneço presa àquele verão da minha infância, em redor do qual a minha alma continuou a girar, embatendo nele sem trégua, como um inseto à volta de uma lâmpada ofuscante.

Elsa Morante, *Menzogna e sortilegio*

1.

Aos treze anos, já não conhecia a minha outra mãe.

Subi a custo as escadas de sua casa com uma mala incómoda e um saco cheio de sapatos ao monte. No patamar, deparei com o cheiro a fritos e uma espera. A porta não queria abrir-se, alguém pelo lado de dentro a abanava sem dizer nada e se debatia com a fechadura. Observei uma aranha agitar-se no vazio, dependurada da extremidade do seu fio.

Depois do estalido metálico, apareceu uma menina com tranças frouxas, feitas havia vários dias. Era minha irmã, mas eu nunca a tinha visto. Puxou a porta para trás, a fim de me deixar entrar, fixando-me com o seu olhar penetrante. Na época, ainda éramos parecidas, mais do que em adultas.

2.

A mulher que me tinha concebido não se levantou da cadeira. O bebé que ela segurava nos braços mordida o polegar a um canto da boca, onde provavelmente estava um dente a querer despontar. Observavam-me ambos e ele interrompeu o seu ruído monótono. Eu não sabia que tinha um irmão tão pequenino.

– Chegaste – disse ela. – Pousa as tuas coisas.

Limitei-me a baixar os olhos na direção do cheiro a sapatos que, ao mais pequeno movimento, se desprendia do saco. Do quarto ao fundo, com a porta encostada, vinha um ressonar tenso e sonoro. O bebé recomeçou a choramingar e virou-se para o peito, babando-se sobre as flores húmidas do algodão desbotado.

– Não fechas a porta? – perguntou a mãe, secamente, à menina, que permanecia imóvel.

– As pessoas que a trouxeram não sobem? – objetou ela, apontando para mim com o queixo espetado.

O meu tio, como eu teria de aprender a tratá-lo agora, entrou nesse momento, ofegante, devido às escadas. No calor da tarde estival, segurava com dois dedos o cabide de um casaco novo, do meu tamanho.

– A tua mulher não veio? – perguntou-lhe a minha primeira mãe, elevando a voz, para se sobrepor ao pranto que subia de tom no seu colo.

– Está de cama – respondeu, virando a cabeça. – Ontem, fui eu que tratei de ir comprar umas coisas, algumas já para o inverno. – E mostrou a etiqueta com a marca do meu casaco.

Postei-me junto da janela aberta e pousei a bagagem no chão. Ao longe, uma barulheira, como de um camião a descarregar pedras.

A dona da casa decidiu oferecer um café ao convidado, talvez o cheiro acordasse o marido, explicou. Passou da sala de jantar despojada para a cozinha, depois de colocar o bebé choroso no parque. Ele tentou pôr-se de pé, agarrando-se à rede, à altura de um buraco reparado grosseiramente com um pedaço de guita entrelaçada. Quando me aproximei, berrou ainda mais, irritado. A irmã de todos os dias pegou nele com esforço e deixou-o no chão de mosaicos de grés. Ele gatinhou em direção às vozes na cozinha. O olhar sombrio da menina deslizou do irmão para mim, mantendo-se baixo. Queimou as fivelas douradas

dos meus sapatos novos, subiu pelas pregas do meu vestido azul, ainda tesas da fábrica. Atrás dela, voava uma mosca que, de vez em quando, embatia na parede, procurando um espaço por onde sair.

– Esse vestido, também foi ele que t’arranjou? – perguntou, baixinho.

– Comprou-mo ontem, para eu vestir hoje.

– Mas ele é o quê, em relação a ti? – continuou, curiosa.

– Um tio afastado. Vivi com ele e com a mulher dele até hoje.

– Então, quem é a tua mãe? – perguntou, desanimada.

– Tenho duas. Uma delas é a tua mãe.

– Às vezes, ela falava-me duma irmã mais velha, mas eu nunca acredito muito no que ela diz.

De repente, agarrou-me na manga do vestido com os dedos ávidos.

– Daqui a nada, já não te serve. No ano que vem, pode ficar pra mim, por isso tem cuidado pra não o estragares.

O pai saiu do quarto, descalço, bocejando. Apresentou-se de tronco nu. Viu-me, enquanto seguia o aroma a café.

– Chegaste – disse, como a sua mulher.

3.

Da cozinha, as palavras chegavam-me esparsas e abafadas, as colheres já não tilintavam. Quando ouvi o ruído das cadeiras a arrastarem, tive medo, na garganta. O meu tio veio despedir-se de mim, com um toque apressado na face.

– Porta-te bem – disse.

– Esqueci-me de um livro no carro, vou descer para o ir buscar. – E segui-o escada abaixo.

Com o pretexto de procurar no porta-luvas, entrei no automóvel. Fechei a porta e tranquei-a.

– O que é que estás a fazer? – perguntou ele, já instalado ao volante.

– Vou contigo, não vos vou dar trabalho nenhum. Ou melhor, a mamã está doente e precisa da minha ajuda. Aqui não fico, não conheço aquela gente lá de cima.

– Não vamos recomeçar com a mesma conversa, tenta ser racional. Os teus verdadeiros pais estão à tua espera e vão cuidar de ti. Vai ser divertido viver numa casa cheia de miúdos. – Bafejava-me a cara com o café que acabara de beber, misturado com o cheiro das suas gengivas.

– Quero viver em minha casa, convosco. Se fiz alguma asneira, diz-me e não volto a portar-me mal. Não me deixes aqui.

– Lamento muito, mas não podes continuar connosco, já te explicámos isso. Agora, se faz favor, acaba com os caprichos e sai do carro – rematou, fixando o nada diante de si. Sob a barba de alguns dias, os músculos dos maxilares latejavam como acontecia algumas vezes, quando estava à beira de se enervar.

Desobedeci, continuando a resistir. Então, ele desferiu um murro no volante e saiu do carro para me tirar do espaço exíguo à frente do banco, onde eu me tinha agachado, a tremer. Abriu a porta com a chave e agarrou-me por um braço, o ombro do vestido que ele me tinha comprado descoseu-se uns centímetros. Na sua garra, eu não reconhecia a mão do pai taciturno com quem vivera até à manhã daquele dia.

No asfalto da praça, ficaram as marcas de pneus e eu. O cheiro a borracha queimada no ar. Quando levantei a cabeça, alguém da minha família à força me observava da janela do segundo andar.

*

Voltou passado meia hora, ouvi-o bater à porta e, depois, a voz dele no patamar. Perdoei-o imediatamente e peguei nas minhas bagagens, com um arroubo de alegria, mas, quando cheguei à porta, já os passos ressoavam ao fundo das escadas. A minha irmã tinha na mão um boião de gelado de baunilha, o meu sabor preferido. Era por isso que ele tinha voltado, e não para me levar consigo. Foram os outros que comeram o gelado, naquela tarde de agosto de 1975.

4.

Ao fim do dia, chegaram os filhos mais velhos. Um cumprimentou-me com um assobio, o outro nem sequer se apercebeu da minha presença. Precipitaram-se para a cozinha, acotovelando-se para se apropriarem dos lugares à mesa, onde a mãe tinha servido o jantar. Encheram os pratos, salpicando molho, e ao meu canto chegou apenas uma almôndega esponjosa com pouco condimento. Por dentro, era clara, de miolo de pão velho molhado e uns quantos grumos de carne. Comemos almôndegas de pão com mais pão embebido em molho, para forrar o estômago. Uns dias depois, já eu sabia competir pela comida e manter-me concentrada no prato, para o defender das investidas aéreas dos outros garfos. Mas, daquela vez, perdi o pouco que a mão da mãe acrescentara à minha parca ração.

Os meus primeiros pais só depois do jantar se lembraram de que, em casa, não havia cama para mim.

– Esta noite, dormes com a tua irmã, de qualquer maneira vocês são umas magricelas – disse o pai. – Amanhã, logo se vê.

– Pra cabermos as duas, temos que nos deitar ao contrário – explicou-me a Adriana –, a cabeça duma ao lado dos pés da outra. Mas vamos lavá-los – tranquilizou-me.

Mergulhámo-los em água na mesma bacia, ela demorou-se a tirar a sujidade de entre os dedos.

– Olha só como a água ficou preta – riu-se –, foi dos meus, os teus estavam limpos.

Desencantou uma almofada para mim e entrámos no quarto sem acender a luz. Os rapazes respiravam como quem já dormia e o cheiro a suor adolescente era forte. Instalámo-nos cabeça com pés e pés com cabeça, sussurrando. O colchão recheado de lã de ovelha era mole e deformado pelo uso, eu escorregava para o meio. Emanava um odor a amoníaco, dos chichis que o tinham impregnado, um cheiro novo e repugnante para mim. Os mosquitos estavam ávidos de sangue e eu queria cobrir-me melhor com o lençol, mas a Adriana puxava-o para si, enquanto dormia.

De repente, ela sobressaltou-se, talvez estivesse a sonhar que caía. Afastei suavemente um dos pés dela e encostei a face à planta a cheirar a sabonete de má qualidade. Encaixei-me quase a noite inteira naquela pele áspera, secundando os movimentos das pernas. Sentia com os dedos os bordos irregulares das unhas partidas. Tinha uma tesoura na mala, de manhã poderia emprestar-lha.

A lua minguante apareceu à janela aberta e atravessou-a de uma ponta à outra, deixando um rasto de estrelas e a pequeníssima sorte de termos o céu livre de casas, daquele lado.

«Amanhã, logo se vê», dissera o pai, mas, depois, esqueceu-se. A Adriana e eu não lhe pedimos nada. Todas as noites, ela emprestava-me uma planta do pé para eu encostar a face. Era tudo o que eu tinha, naquela escuridão povoada de bafos.

5.

Um calor molhado espalhou-se por baixo das minhas costelas e da anca. Levantei-me bruscamente e palpei entre as pernas. Estava seco. A Adriana mexeu-se na escuridão, continuando deitada. Encolhida num canto, retomou ou continuou o sono, como se estivesse habituada. Passado um pouco, voltei a deitar-me também, retraindo-me o mais possível. Éramos dois corpos em redor do molhado.

Aos pouquinhos, o cheiro evaporou-se, só de vez em quando se sentiam umas lufadas. Quase ao amanhecer, um dos rapazes, não identifiquei qual deles, agitou-se num ritmo crescente durante uns minutos, gemendo.

De manhã, a Adriana acordou e manteve-se imóvel, com a cabeça na almofada e os olhos abertos. Depois, fitou-me um instante, sem dizer nada. A mãe veio chamá-la com o bebé ao colo, e farejou o ar.

– Fizeste chichi na cama outra vez, que lindo! Tens de dar sempre nas vistas.

– Não fui eu – ripostou a Adriana, virando-se para a parede.

– Sim, com certeza foi a tua irmã, bem-educada como ela é. Despacha-te, já é tarde. – E foram ambas para a cozinha.

Não estava preparada para as seguir e, de qualquer maneira, já não me sabia mexer. Fiquei ali parada, de pé, sem ter coragem sequer de ir à casa de banho. Um irmão sentou-se na cama, com as pernas afastadas. Entre dois bocejos, sopesou com uma mão as cuecas inchadas. Quando se apercebeu da minha presença no quarto, pôs-se a observar-me, enrugando um pouco a testa. Fixou-se no meu peito coberto só pela camisola interior que eu vestira em vez do pijama, por causa do calor. Instintivamente, cruzei os braços por cima do estorvo que me crescera recentemente, enquanto o suor me aflorava às axilas.

– Dormiste aqui? – perguntou, com a sua voz de homem recém-adquirida.

Respondi que sim, envergonhada, porque ele continuava a examinar-me à descarada.

– Tens quinze anos?

– Não, vou fazer catorze.

– Mas pareces ter quinze, talvez até mais. Desenvolveste-te depressa – concluiu.

- E tu, quantos tens? – perguntei, por delicadeza.
- Quase dezoito, sou o maior. Já trabalho, mas por acaso hoje, não.
- Porquê?
- O meu patrão não precisa, hoje. Chama-me quando lhe dá jeito.
- Mas o que é que fazes?
- Trolha.
- E a escola?
- Oh, a escola! Desisti no sétimo ano, de qualquer maneira ia chumbar.

Vi os músculos moldados pelo trabalho, os ombros fortes. Uma espuma castanha trepava-lhe pelo tronco tisonado pelo sol, e mais alto ainda, até ao rosto. Provavelmente, também ele crescera depressa. Quando se espreguiçou, senti o cheiro a adulto, não era desagradável. Uma cicatriz em forma de espinha de peixe decorava-lhe a têmpora esquerda, talvez fosse uma velha ferida mal suturada.

Deixámos de falar. Uma vez mais, observava-me o corpo. De vez em quando, ajustava o sexo com a mão, pondo-o numa posição menos incómoda. Eu queria vestir-me, mas, na véspera, não tinha desfeito a mala, deixara-a na outra assoalhada e, para a ir buscar, teria de dar uns passos, de costas para ele, sob o seu olhar. Esperei que acontecesse alguma coisa. Ele descia devagar, das minhas ancas cobertas de algodão branco até às pernas nuas, aos pés contraídos. Decidi não me virar.

A mãe veio ao quarto, mandou-o despachar-se, disse que um vizinho procurava ajuda para uns trabalhos no campo. Em troca, dar-lhes-ia caixas de tomates maduros, daqueles para fazer conservas.

– Vai com a tua irmã buscar leite, se querem tomar o pequeno-almoço – ordenou-me, em seguida, esforçando-se por suavizar o tom, mas, antes de terminar a frase, já tinha voltado ao de sempre.

No outro quarto, o bebé gatinhara até ao meu saco de sapatos e despejara-os à sua volta. Mordiscava um, com uma careta, por causa do sabor amargo. A Adriana já estava a preparar o feijão-verde para o almoço, de joelhos numa cadeira, encostada à mesa da cozinha.

– Vê só a quantidade que estás a desperdiçar – repreendeu a mãe, prontamente. Ela não fez caso.

– Lava-te, pra irmos comprar o leite, tenho fome – disse-me.

Fui a última pessoa a usar a casa de banho. Os rapazes tinham salpicado o chão com água e pisado tudo, sobrepunham-se marcas de solas de sapatos e pés descalços. Em minha casa, nunca tinha visto os ladrilhos em tão mau estado.

Escorreguei sem me magoar, à bailarina. No outono, de certeza que não retomaria as aulas de dança, nem de natação.

6.

Lembro-me de uma das primeiras manhãs. Pela janela, uma luz pálida anunciava o temporal que se abateria mais tarde, como nos dias anteriores. Em redor, uma estranha quietude. A Adriana tinha descido com o bebé a casa da viúva do rés do chão e os rapazes tinham saído, todos eles. Eu estava sozinha com a mãe.

– Depena o frango – ordenou-me, estendendo-me o animal morto, que segurava pelas pernas, com a cabeça pendente. De certeza que alguém lho levará, eu tinha ouvido tagarelar na entrada e, no fim, os agradecimentos dela. – E, depois, desossa-o.

– Faço o quê? Não entendo.

– Comes-o assim? Tens de lhe arrancar as penas, ou não? Depois, cortas aos bocados e tiras os miúdos – explicou, sacudindo ligeiramente o braço estendido na minha direção.

Dei um passo atrás e desviei os olhos.

– Não consigo, faz-me impressão. Posso limpar a casa.

Fitou-me sem dizer mais nada. Bateu com a carcaça no rebordo do lava-louça, com um ruído abafado, e começou, furiosa, a arrancar-lhe as penas.

– Esta nunca viu um frango sem ser cozinhado – ouvi-a dizer, entre dentes.

Empenhei-me na limpeza, o que não era difícil. Não sabia fazer outras tarefas domésticas, não estava habituada. Munida de uma esponja, esfreguei afincadamente a mancha de calcário no fundo da banheira, depois liguei a torneira para a encher. Com água fria, porque a quente nunca mais chegava e eu não queria pedir ajuda. Da cozinha, chegava-me, de vez em quando, o ruído de ossos partidos, enquanto eu continuava a esfalfar-me à volta dos sanitários sujos. No fim, tranquei a porta por dentro com o gancho de ferro e mergulhei na água. Quando estendi a mão para o sabonete que estava na borda, tive a sensação de que ia morrer. O sangue esvaiu-se-me da cabeça, dos braços, do peito, deixando-os gelados. Restavam-me uns instantes para um par de gestos necessários: tirar a tampa do ralo e gritar por socorro. Não sabia como atrair a atenção da mulher, não conseguia chamar-lhe mamã. Em vez da sequência de emes e ás, vomitei

coalhos de leite ácido na água que se escoava. Nem sequer me lembrava do nome dela, se tivesse querido invocá-lo. Então, gritei e perdi os sentidos.

Passado não sei quanto tempo, acordei com o cheiro seco do chichi da Adriana. Estava estendida na cama, nua, com uma toalha das mãos em cima do corpo. No chão, ao lado, um copo vazio, que devia ter contido água com açúcar, a cura que a mãe usava para todos os males. Mais tarde, ela apareceu à porta do quarto.

– Quando te sentes mal, não sabes avisar logo, em vez de esperares pelo pior?
– perguntou, mastigando qualquer coisa.

– Desculpa, pensei que ia passar – respondi, sem a fitar.

Nunca a chamei, durante anos. Desde que lhe fui devolvida, a palavra «mamã» ficou-me presa na garganta como um sapo que se recusa a sair. Se precisava de a interpelar com urgência, tentava chamar-lhe a atenção de diferentes maneiras. Por vezes, se tinha o bebé ao colo, beliscava-lhe as pernas para ele chorar. Então, ela virava-se para nós e eu falava-lhe.

Esqueci-me durante muito tempo dessas torturazinhas que infligi ao meu irmão e só agora, que ele tem mais de vinte anos, me lembrei delas, por acaso. Sentada num banco a seu lado, no lugar onde ele vive atualmente, reparei que tinha uma nódoa negra na pele, igual às que eu lhe causava naquela época. Desta vez, foi a esquina de um móvel que o magoou.

*

Ao jantar, estavam todos excitados com a novidade do frango, a Adriana perguntou-se se seria Natal em pleno verão. Eu estava dividida entre a fome e o nojo de o ter visto esventrado, com as vísceras pendentes no lava-louça, entre as chávenas sujas do pequeno-almoço.

– Uma coxa para o papá e a outra para a pessoa que desmaiou hoje – decidiu a mãe. Mas os outros pedaços eram muito mais pequenos e ossudos, uma vez que o peito tinha sido posto de parte para o dia seguinte. Aquele que se chamava Sergio rebelou-se de repente.

– Se está doente, que coma o caldo e não a coxa – insurgiu-se. – Eu é que tenho direito a ela, hoje ajudei a vizinha do andar de cima a mudar de casa e tu até meteste ao bolso o dinheiro que eu ganhei.

– E por causa dela tiveste que arrombar a porta da casa de banho – interveio outro, sacudindo o dedo indicador na minha direção. – Esta só dá prejuízo, não a podes devolver a quem a tinha?

Com uma palmada na cabeça, o pai fê-lo sentar-se e calar o bico.

– Já não tenho fome – disse eu, na direção da Adriana, e fugi para o quarto. Pouco depois, ela foi ter comigo, com uma fatia de pão com azeite. Tinha-se limpado e trocado de roupa, vestia uma saia demasiado pequena.

– Despacha-te! Assim que acabares, veste-te e vamos a correr à festa. – E pôs-me o prato debaixo do nariz.

– De quem?

– Do santo padroeiro, claro. Não ouviste a fanfarra? E os cantores estão quase a começar, na praça. Mas não vamos pra lá, o Vincenzo vai levar a gente à feira popular – sussurrou.

Nem meia hora depois, a espinha de peixe na têmpora do Vincenzo brilhava sob as luzes do descampado onde os ciganos se tinham instalado. Dos rapazes, ele fora o único que não me atacara na disputa pela coxa de frango e não dissera aos irmãos para nos acompanharem, só eu e a Adriana é que tínhamos ido com ele. Contou as moedas que arranjava sabe-se lá como e trocou umas palavras com o vendedor de bilhetes, via-se que se conheciam bem, talvez das festas dos anos anteriores. Fumaram juntos, pareciam da mesma idade e tinham a mesma pele escura. O cigano ficou com o dinheiro das primeiras voltas e, depois, deixou-nos andar de graça.

Eu nunca andara num carrossel, a minha mãe dizia que era demasiado perigoso, o filho de uma amiga dela tinha esmagado o polegar num carrinho de choque. A Adriana, que já era perita naquelas andanças, ajudou-me a subir para o assento e fechou a barra de segurança.

– Agarra-te com força às correntes – aconselhou-me, antes de se sentar à minha frente.

Voei entre ela e o Vincenzo, instalaram-me no meio para me protegerem do medo. No ponto mais alto, alcançava-se uma espécie de felicidade, o que me tinha acontecido nos últimos dias ficava agarrado à terra, como um nevoeiro pesado. Eu passava por cima de tudo e conseguia abstrair-me, durante uns momentos. Ao fim de umas voltas de ensaio, senti de repente um pé nas costas e a voz:

– Agarra-me essa cauda! – Mas o impulso do meu braço foi fraco, não tive coragem de largar a corrente.

– Estica a mão, miúda, que não te acontece nada de mal – incitou-me ele e, depois, golpeou-me com mais força. À terceira tentativa, projetei-me toda no vazio e senti qualquer coisa peluda tocar-me na palma da mão aberta e agarrei-a com toda a força. Tinha conquistado a cauda da raposa e a exultação do Vincenzo.

As cadeirinhas abrandaram a sua corrida circular com um estrépito metálico e, aos pouquinhos, imobilizaram-se. Desci do carrossel e dei dois passos, involuntários e trôpegos, sob o efeito da inércia. Os arrepios que me percorriam os braços não eram de frio; depois das tempestades quotidianas, o calor sufocante regressava imediatamente. Ele aproximou-se e fitou-me nos olhos, em silêncio, com os seus a cintilar. Eu tinha sido corajosa. Endireitei o vestido, que o vento desalinhou. Ele acendeu um cigarro e soprou-me a primeira baforada para o rosto.

7.

Quando chegámos perto de casa, o Vincenzo deu-nos a sua chave. Esquecera-se de uma coisa qualquer no carrossel, podíamos deixar a porta entreaberta. Mas tardava em voltar, enquanto eu, ainda excitava pelo voo, não conseguia dormir. Do lado de lá da parede, um ranger rítmico no quarto dos pais e, depois, mais nada. As horas passaram e eu tinha as pernas irrequietas, bati na cara da Adriana com um pé. Mais tarde, quando senti a humidade de sempre, levantei-me e deitei-me na cama do Vincenzo, que continuava vazia. Mexendo-me, encontrava os odores das diferentes partes do seu corpo, as axilas, a boca, o odor genital. Imaginei-o à frente da rulote do seu amigo cigano, a conversar por entre o fumo do cigarro. Foi assim que adormeci, quase de manhã.

Ele apareceu à hora do almoço, com as calças de trabalho sarapintadas de cimento seco. Ninguém parecia ter-se apercebido da sua ausência noturna. Os pais entreolharam-se simplesmente, quando ele se aproximou da mesa.

O pai deu-lhe uma bofetada a frio, sem dizer uma palavra. O Vincenzo desequilibrou-se e, ao cair, uma mão foi parar dentro do prato da massa com o molho feito com o tomate que ele ganhara no campo, nos dias precedentes. No chão, encolheu-se numa atitude de defesa e esperou que acabasse, de olhos fechados. Quando os pés do outro se afastaram, rebolou um pouco para se distanciar e deixou-se ficar estendido, a recompor-se no pavimento fresco.

– Comam – disse a mãe, com o bebé ao colo. Apesar da confusão, ele não chorara, como se estivesse habituado. Os rapazes obedeceram imediatamente e a Adriana, um pouco distraída, fê-lo depois de endireitar a toalha. Só eu fiquei assustada: nunca tinha visto a violência de perto.

Aproximei-me do Vincenzo. Uma respiração rápida e superficial movia-lhe o peito. Dois fiozinhos de sangue desciam-lhe do nariz até à boca aberta e uma das maçãs do rosto começava já a inchar. A mão tinha ficado suja de molho. Dei-lhe o lenço que tinha no bolso, mas ele virou-se para o outro lado, sem o aceitar. Sentei-me no chão, a seu lado, como um ponto próximo do seu silêncio. Ele sabia que eu ali estava e não me mandou embora.

– Da próxima vez, esfrangalho-o – prometeu entre dentes, quando reconheceu o ruído do pai a levantar-se da mesa.

Já toda a gente tinha acabado de comer, a Adriana começou a levantar a mesa e o bebé, a queixar-se de sono.

– Se não comes, o problema é teu – disse a mãe, passando à minha frente –, mas lavas a louça na mesma, hoje é a tua vez. – E apontou para o lava-louça cheio. Nem olharam um para o outro, ela e o filho.

O Vincenzo pôs-se de pé e limpou a cara na casa de banho. Com dois pedaços de papel higiénico enrolados, tamponou as narinas e voltou a correr para o trabalho, a hora de descanso acabara.

Enquanto ela enxaguava os pratos que eu lhe ia passando ensaboados, a Adriana falou-me das fugas do irmão. Da primeira vez, aos catorze anos, tinha seguido os feirantes depois de uma festa na aldeia vizinha. Ajudara-os a desmontar o parque de diversões e, no momento da partida, escondera-se na caixa de um camião. Mostrara-se na paragem seguinte, com medo de que o mandassem para casa. Mas os ciganos deixaram-no ficar durante uns dias, trabalhava com eles vagueando pela região. Quando o puseram numa camioneta para que regressasse à sua família, ofereceram-lhe um objeto precioso como recordação.

– O papá encheu-o de pancada – disse a Adriana –, mas ele ficou com o anel de prata com umas inscrições esquisitas. Foi o amigo que viste ontem à noite que lho ofereceu.

– Mas, que eu saiba, o Vincenzo não usa nenhum anel.

– Escondeu-o. Às vezes, usa-o, mas depois gira-o entre os dedos e esconde-o outra vez.

– Onde? Não sabes?

– Não, ele vai mudando de esconderijo. Deve ser um anel mágico, porque, depois de lhe tocar, o Vincenzo fica feliz durante um bocado.

– Esta noite ele também dormiu com os ciganos?

– Acho que sim. Quando volta com aquele ar contente é porque esteve com eles. Mesmo sabendo que, depois, apanha.

A mãe chamou-a para ir recolher a roupa que estava na varanda. As tarefas que me mandava cumprir não eram muitas, comparadas com as da Adriana. Talvez me estivesse a poupar, ou então esquecia-se da minha presença. Era um facto que me considerava uma incapaz, e tinha razão. Às vezes, eu nem sequer percebia as ordens dela, naquele seu dialeto que era muito rápido e comia as palavras.

– Lembras-te da primeira vez que o Vincenzo fugiu de casa? – perguntei, quando a Adriana veio à cozinha guardar os panos dobrados. – Ela ficou

desesperada? Avisaram os carabineiros?

Ela franziu a testa e as sobrancelhas quase se uniram no meio.

– Não, os carabineiros, não. O papá procurou-o de carro. Ela não chorou, mas andou muda – respondeu, apontando com o queixo na direção dos gritos lançados contra outro filho qualquer, na assoalhada ao lado.

8.

Para conseguir dormir pelo menos um pouco, eu lembrava-me do mar. O mar a umas dezenas de metros da casa que eu julgara ser minha e onde vivera desde que era pequena, até uns dias atrás. Só a rua separava o jardim da praia e, nos dias em que o áfrico soprava, a minha mãe fechava a janela e baixava as persianas, para impedir a areia de entrar nas assoalhadas. Mas ouvia-se o fragor das ondas, apenas um nadinha abafado e, de noite, o som favorecia o sono. Recordava-o na cama com a Adriana.

Contei-lhe, como se fossem fábulas, os passeios com os meus pais à beira-mar, até à gelataria mais famosa da cidade. Ela, com um vestido de alcinhas e verniz vermelho nas unhas dos pés, caminhava de braço dado com ele, enquanto eu ia à frente a correr para me pôr na fila. Frutos variados para mim, com *chantilly* por cima, de natas para eles. A Adriana nem imaginava que houvesse tantos sabores, eu tinha de lhos enumerar várias vezes.

– Mas onde é que fica essa cidade? – perguntava, impaciente, como se se tratasse de um lugar mágico.

– A cerca de cinquenta quilómetros daqui.

– Um dia levas-me lá e mostras-me o mar. E a loja dos gelados.

Falei-lhe dos jantares no jardim. Era eu quem punha a mesa, enquanto os banhistas abandonavam o areal e caminhavam pelo passeio a poucos metros de mim, do lado de lá da cancela. Arrastavam as suas socas de madeira e dos tornozelos desprendiam-se grãos de areia.

– E o que é que comiam? – perguntava a Adriana.

– Normalmente, peixe.

– Atum em lata?

– Não, não, há tantos outros. Comprávamo-los fresquinhos no mercado dos pescadores.

Descrevi os chocos, imitando os tentáculos com os dedos. As flexões das cigarras-do-mar agonizando nas bancas sob o meu olhar fascinado. Fixavam-me, elas também, com as duas manchas escuras da cauda como olhos reprovadores. No caminho de regresso, ao longo do balastro da via-férrea, na companhia da minha mãe, o saco restolhava com os seus derradeiros espasmos.

Enquanto falava, tinha a impressão de sentir na boca o sabor dos fritos que ela fazia, das lulas recheadas e das caldeiradas. Perguntava-me como estaria a minha mãe. Se teria recomeçado a comer um pouco, se se levantaria da cama mais vezes. Ou se, pelo contrário, estaria internada nalgum hospital. Não quisera dizer-me nada sobre a sua doença, certamente para não me assustar, mas eu virava a sofrer nos últimos meses, nem sequer fora à praia, ela que inaugurava sempre a época banhar nos primeiros dias quentes de maio. Com a sua autorização, eu ia sozinha para o chapéu de sol, porque já era crescida, dizia ela. Fui à praia na véspera de partir e até me diverti com as minhas amigas, não acreditava que os meus pais tivessem realmente coragem de me devolver.

*

Ainda não perdera o bronzado, apenas interrompido pelo branco em forma de biquíni. Nesse ano, tivera de usar a parte de cima, já não era uma criança. Os meus irmãos também estavam morenos, mas só nas zonas expostas durante o trabalho ou os jogos ao ar livre. De certeza que tinham pelado no início do verão e, depois, voltado a bronzear. O Vincenzo exibia nas costas o mapa permanente das mordeduras do sol.

– Tinhas amigas na cidade? – perguntou-me a Adriana. Acabara de saudar pela janela uma colega da escola que a chamava da praceta.

– Tinha. Sobretudo a Patrizia.

Fora precisamente com ela que eu escolhera o biquíni, na primavera. Tínhamos ido comprá-lo a uma loja perto da piscina que frequentávamos juntas. Ela era praticamente campeã, eu andava lá um pouco por obrigação. Tinha sempre frio: antes de entrar na água, quando saía. Não gostava do interior cinzento, nem do cheiro a cloro. Mas até disso sentia saudades, desde que tudo mudara.

Queríamos comprar fatos de banho iguais, a Pat e eu, para usarmos na praia com as nossas novas formas. Tínhamos tido a menstruação pela primeira vez com uma semana de intervalo uma da outra e até a erupção de borbulhas parecia sincronizada. Os nossos corpos cresciam por sugestões recíprocas.

«A ti, fica-te melhor este», dissera a minha mãe, entre as prateleiras da loja, pescando no meio dos outros um biquíni que deixava menos pele à vista. «Até porque a pele do peito é delicada e, com o outro, apanhavas um escaldão.» Lembro-me de todos os pormenores dessa tarde. No dia seguinte, ela adoeceu.

Assim sendo, eu tinha renunciado ao biquíni minúsculo, com os nozinhos entre as copas e nas ancas. A Patrizia, não, comprara-o na mesma. Ela vinha

muitas vezes a minha casa, eu ia menos a casa dela, os meus pais receavam que os vícios da família dela me contagiassem. Eram alegres, um pouco distraídos, desarrumados. Nunca os tínhamos visto na missa ao domingo, nem sequer na Páscoa e no Natal, talvez não acordassem a horas. Comiam o que lhes apetecia quando tinham fome, mimavam dois cães e um gato mal-educado que saltava para cima da mesa, para roubar os restos. Lembro-me dos lanches que preparávamos sozinhas na cozinha dela, as ondas de chocolate com que barrávamos o pão, mesmo sabendo que faziam mal aos dentes.

«É isto que me dá energia para nadar», dizia a Pat. «Tira mais uma fatia, a tua mãe não está aqui para ver.»

Só me deixaram ficar a dormir em casa dela uma vez. Os pais tinham ido ao cinema e nós vimos televisão até tarde, comendo batatas fritas, depois ficámos acordadas a conversar de uma cama para a outra quase toda a noite, com o gatinho deitado em cima da colcha, a ronronar. Não estava habituada àquelas liberdades e, no dia seguinte, em minha casa, quase adormeci em cima do peito de frango.

«Não te terão pegado alguma coisa?», inquietou-se a minha mãe.

A Patrizia pensou que era uma piada, quando lhe disse que era obrigada a partir. A princípio, ela não compreendia aquela história de uma família verdadeira que me reclamava, e eu percebia ainda menos do que ela, ao ouvi-la contada pela minha própria voz, tal e qual a aprendera. Tive de lha explicar outra vez, desde o início, e a Pat foi tomada por um ataque de soluços que a sacudiam da cabeça aos pés. Nessa altura, assustei-me de verdade, percebi, pela sua reação, que estava para me acontecer uma coisa grave, porque ela nunca chorava.

«Não tenhas medo, os teus pais, os de cá, quero dizer, não vão permitir uma coisa dessas. O teu pai é carabineiro, há de arranjar uma maneira», tentou ela consolar-me, quando se recompôs.

«Ele não para de dizer que não pode fazer nada para o impedir.»

«A tua mãe deve estar desfeita.»

«Não anda bem há uns tempos, talvez desde que soube que não pode ficar comigo. Ou, então, foi ela que decidiu mandar-me embora precisamente por estar doente, e não mo quer dizer. Não consigo acreditar que uma família que nunca ninguém viu me queira de volta, de repente.»

«Mas, olhando para ti, não és parecida com nenhum dos teus pais. Não com os que nós conhecemos.»

A ideia ocorreu-me durante a noite e contei-a à Patrizia, na manhã seguinte, debaixo do chapéu de sol dela. Aperfeiçoámo-la ao mínimo pormenor, entusiasmadadas com o nosso plano. A seguir ao almoço, fui a correr a casa dela, sem sequer pedir autorização à minha mãe, que descansava no quarto. De qualquer maneira, naquela altura, ela ter-me-ia despachado com um sim cansado e distraído com outra coisa qualquer.

A Pat recebeu-me de cabeça baixa, agarrando-se à porta. Com um pé malcriado, afugentou o gatinho que enrolava a cauda nas pernas dela. Quase perdi a vontade de entrar. Segurou-me na mão e levou-me na direção do «não» que a mãe tinha para me dizer. Nós as duas imagináramos que, no dia seguinte, depois da praia, voltaríamos para ali juntas e eu ficaria escondida o tempo necessário, mesmo que fossem um ou dois meses. Se eu desaparecesse, talvez todos os pais se empenhassem em encontrar uma solução para mim. Até teria telefonado para minha casa, embora só uma vez e por poucos segundos – como nos filmes –, para os tranquilizar e lhes ditar as minhas condições.

«Eu não vou para casa deles. Ou volto convosco, ou fujo para longe.»

A mãe da Pat abraçou-me com força, com o carinho de sempre e um constrangimento novo. Arranjou espaço no sofá e disse-me para me sentar ao seu lado. Afastou, ela também, o gato, não era altura para mimos.

«Tenho muita pena», disse. «Sabes que gosto muito de ti. Mas não é possível.»

9.

– Não estavas bem na cidade? – perguntou-me o Vincenzo, à queima-roupa.

Encontrávamo-nos na garagem, na cave do prédio. Num monte informe encostado às paredes, havia cestos furados, caixas onduladas pela humidade, um colchão esburacado a verter pedaços de lã. Uma boneca sem cabeça a um canto. No pouco espaço que existia no meio, nós, miúdos, pelávamos os tomates e cortávamo-los em pedacinhos para fazer as conservas, mas eu era a mais lenta.

– A *menina* nunca fez isto – tinha já troçado um dos irmãos, numa voz esganiçada.

O bebé enfiou um braço no balde das peles e levou-o à boca. A mãe não estava, naquele momento, tinha ido buscar qualquer coisa.

– E então? Porque é que voltaste para cá? – insistiu o Vincenzo, indicando tudo em redor com uma mão vermelha.

– A decisão não foi minha. A minha mãe disse que eu era crescida e que os meus pais verdadeiros me queriam de volta.

A Adriana ouvia, atenta, com os olhos pousados em mim, não precisava de olhar para as mãos e para a faca que usava.

– Sim, está-se mesmo a ver! Tira isso da cabeça, aqui ninguém te queria – disse o Sergio, o mais cruel. – Hã, mãe? – gritou, lançando a voz para o exterior. – A sério que foste tu que quiseste esta tonta?

O Vincenzo empurrou-o com um braço e o outro caiu, zombando, do caixote de madeira em que estava sentado. Um dos pés tocou num recipiente meio cheio e alguns tomates já pelados foram parar ao chão de cimento, coberto de pó. Eu preparava-me para os deitar no balde do lixo sem pensar, mas a Adriana tirou-mos da mão mesmo a tempo, com um gesto ágil de adulta. Passou-os por água e espremeu-os antes de os voltar a colocar dentro da panela. Virou-se para me fixar em silêncio, para ver se eu tinha percebido: não se devia desperdiçar nada. Fiz que sim com a cabeça.

A mãe voltou com as garrafas limpas e prontas para encher. Tinha posto uma folha de manjeriço dentro de cada uma.

– Meu Deus, estás com o período ou quê? – perguntou-me, brusca.

Respondi demasiado baixinho, tal foi a vergonha.

– Ei? Estás ou não estás?

Repeti que não com o dedo.

– Ainda bem, senão ia tudo prò galheiro. Se te vier o período, há coisas que não podes fazer.

*

No lume aceso num canto, entre o prédio e o talude de terra, as garrafas de molho de tomate tinham acabado de ferver em banho-maria, num caldeirão. O Vincenzo apareceu com um saco meio cheio de maçarocas, olhando por cima do ombro. Fingiu que não ouvia a voz que lhe perguntava onde o arranjava. Tirámos-lhes as barbas e as folhas, os grãos no interior delas eram tenros e espirravam leite sob a pressão da unha. Eu observava os outros e imitava-os. O bordo de uma folha cortou-me a pele ainda demasiado delicada.

O Vincenzo assou-as nas brasas, virando-as de vez em quando com as mãos nuas, com um toque rápido dos dedos calejados.

– Se queimarem um bocado, ficam ainda melhores – explicou-me, sorrindo-me de lado.

Passou a primeira diante da cara do Sergio, que pensou que era para si, mas afinal se destinava a mim. Queimei-me.

– Por favor – murmurou o Sergio, esperando pela sua vez.

– Já tinha comido maçarocas algumas vezes, mas cozidas. Assim, são muito mais saborosas – disse eu.

Ninguém me ouviu. Em silêncio, ajudei a Adriana a lavar e a repor na garagem todos os recipientes usados para fazer o molho.

– Não lighes ao Sergio, ele é mau pra toda a gente.

– Talvez ele tenha razão, talvez não tenham sido os teus pais a pedir para eu voltar. Agora tenho a certeza, vim para cá porque a minha mãe está doente. Mas aposto que me vem buscar, quando estiver boa.

10.

Querida mamã, ou querida tia,

Já não sei como te chamar, mas quero voltar para tua casa. Não me sinto bem nesta aldeia e não é verdade que os teus primos estavam à minha espera; acolheram-me como a peste e sou um estorvo para todos, não passo de mais uma boca para alimentar.

Estavas sempre a dizer que, para uma rapariga, a coisa mais importante é a higiene pessoal. Pois fica sabendo que, nesta casa, até lavar-me é difícil. Partilhamos a duas um colchão que tresanda a chichi. No mesmo quarto, dormem os rapazes de quinze anos para cima, o que não te agradaria nada. Não sei o que poderá acontecer aqui. Tu, que vais todos os domingos à missa e dás aulas de catequese na paróquia, não me podes deixar nestas condições.

Estás doente e não me quiseste dizer o que tens, mas já sou suficientemente crescida para estar junto de ti e te ajudar.

Percebi que ficaste comigo, quando eu era pequenina, para meu bem, porque eu tinha nascido numa família pobre e numerosa. Por aqui, nada mudou. Se gostas de mim, manda o tio vir buscar-me, por favor, senão, um dia destes, atiro-me pela janela.

*

P.S. Desculpa eu me ter recusado a despedir-me de ti na manhã em que me obrigaram a partir, e obrigada pelas cinco mil liras que puseste entre os meus lenços. Os trocos que sobraram chegarão para o envelope e o selo.

*

Esqueci-me de assinar a carta, escrita numa folha arrancada de um caderno pautado. Enfieei-a na caixa vermelha ao lado da porta da tabacaria e contei os trocos, suficientes para comprar dois sorvetes, um de menta para mim e outro de limão para a Adriana.

– A quem é que a mandastes? – perguntou-me, lambendo cuidadosamente o papel que tinha descolado da superfície gelada.

– À mãe que vive na cidade.

– Ela não é uma mãe.

– À tia, então – precisei, nervosa.

– Sim, é uma prima afastada do nosso pai. Na realidade, o primo afastado é o marido dela, o que te trouxe pra cá, o carabineiro. Mas o dinheiro é dela, é ela que paga as tuas coisas.

– Como é que sabes? – ripostei, enquanto o líquido esverdeado escorria pelo pauzinho de madeira até aos meus dedos.

– Ontem à noite, ouvi uma conversa no quarto dos nossos pais. Eu estava escondida no armário, porque o Sergio me queria bater. Parece que essa tal Adalgisa até te vai mandar pra escola superior, coitada de ti.

– Que mais disseram? – perguntei, virando o sorvete para que pingasse pela ponta.

A Adriana abanou a cabeça e tirou-me da mão, lambeu-o todo e devolveu-me, instando-me a comer, com um gesto impaciente.

– Disseram várias vezes que ela se meteu num grande sarilho.

Chuí sem vontade nenhuma o que restava do sorvete, enfiando-o todo na boca, até o reduzir a um fantasma de gelo descorado.

– Dá-mo – disse a Adriana, exasperada, e acabou-o, com dentadinhas à volta do pau.

Perguntei ao carteiro quanto tempo demorava uma carta a chegar à cidade, multipliquei os dias por dois e acrescentei um para a redação da resposta. Depois, comecei a esperar por ela, sentada no murete todas as manhãs a partir das onze, enquanto os miúdos corriam atrás uns dos outros na praceta ou jogavam à macaca. Eu balouçava as pernas ao sol suave de setembro e, por vezes, imaginava que, ao invés de um envelope carimbado, aparecia o tio carabineiro que eu julgara ser meu pai. Levava-me para casa no seu comprido automóvel cinzento e, então, eu perdoava-lhe tudo, por não se ter oposto à minha devolução, por me ter deixado ali sozinha, no asfalto.

Ou então, vinham os dois, ela curada, com o cabelo frisado pelo mesmo cabeleireiro que cortava o meu – entretanto, a franja crescera e já me tapava os olhos – e, no pescoço, uma das *écharpes* sedosas que costumava usar na meia-estação.

– Estás à espera de quê, de uma carta de amor? – brincava o carteiro, depois de me ter desiludido, procurando em vão dentro da sua sacola de couro.

A carrinha deteve-se sob o azul do céu, a meio da tarde. O homem que ia ao volante saiu, para perguntar em que piso morava a destinatária das mercadorias; o nome era o da mãe. Começou a descarregar algumas peças embaladas, os miúdos interromperam imediatamente as brincadeiras para o ajudarem a levá-las escada acima. Estávamos, todos nós, curiosos e ele divertia-se a manter-nos em suspenso.

– Cuidado, cuidado com as esquinas. Assim que o montar, verão o que é – repetia aos mais impacientes.

– Onde é que dormem as meninas? – perguntou, como se seguisse instruções que aprendera de cor.

A Adriana e eu abrimos-lhe o quarto, entreolhando-nos, incrédulas. Em poucos minutos, diante dos nossos olhos, ganhou forma um beliche inteiro, com direito a escada e colchões novos. O homem encostou-o à parede e, para o isolar, instalou à volta dos lados livres um biombo articulado composto por três painéis. Foi lá abaixo buscar mais qualquer coisa, a resposta à minha carta ainda não estava completa.

– Mas quem é que encomendou esta coisa toda? E quem é que paga? – inquietou-se a Adriana, como que despertando subitamente de um sonho. – Dívidas já o papá tem. E onde é que a mãe se enfiou?

Tinha sumido depois do almoço com o bebé, sem dizer nada. Talvez se tivesse distraído, à conversa com alguma vizinha.

– Os nossos pais não nos deixaram dinheiro – começou a minha irmã a justificar-se perante o homem que transportara umas caixas até ali acima, com a ajuda do habitual cortejo de gaiatos. Continham dois pares de lençóis coloridos, um edredão de lã e uma colcha mais ligeira. Pareciam, todas elas, destinadas apenas a uma das camas sobrepostas. Também havia sabonetes, embalagens do meu champô preferido e um para os piolhos, caso fosse necessário. E uma amostra do perfume da minha mãe, que se tinha apercebido de que eu lhe roubava umas gotinhas de manhã, antes de ir para a escola.

– Está tudo pago. Preciso só da assinatura de um adulto no recibo.

A Adriana encarregou-se disso, imitando a escrita hesitante do pai. Quando ficámos sozinhas no quarto, pediu-me para dormir ela na cama de cima, depois na de baixo, depois novamente na de cima. Tirara os sapatos e experimentava os lugares, subindo e descendo a escada. Levámos para o patamar o velho estrado deformado e o colchão fedorento.

– Tenho medo de molhar o novo.

- Ela também comprou um resguardo impermeável. Fica tu com ele.
- Quem é que comprou?

A mãe entrou nesse instante, com a cabeça do bebé adormecido escorregando-lhe do ombro. Não se mostrou surpreendida com a novidade que a Adriana lhe quis mostrar imediatamente, puxando-a pela camisa. Irritada com o entusiasmo da filha, olhou com uma espécie de arrogância obtusa para o beliche e o resto e, a seguir, para mim.

– Foi a metediça da tua tia. Sabe-se lá o que lhe contastes sobre nós. Falei com ela ontem, da cabina pública. A dona Adalgisa mandou o Ernesto da tasca chamar-me.

O privilégio de dormir em colchões acabadinhos de sair da fábrica, resguardadas pelo biombo, virou-se contra mim e a Adriana logo na primeira noite. Os rapazes escondiam-se atrás daquela geringonça, como lhe chamavam, e pregavam-nos sustos, aparecendo de repente, com um berro. Derrubaram-nos várias vezes e, no espaço de uma semana, o tecido fixado à estrutura dos painéis rasgou-se em diversos pontos. Enfiavam a cabeça nos buracos e soltavam gritos. A minha irmã e eu assistimos à destruição do nosso mundinho à parte, os protestos não chegaram para o salvar e os pais não intervieram. Os meus anos de filha única não me ensinaram a defender-me, sujeitava-me aos ataques, impotente e furibunda. Quando o Sergio passava por mim, era de estranhar que não caísse fulminado pelas minhas pragas silenciosas.

O Vincenzo era o único que não participava nas malvadezas, por vezes gritava com os irmãos para que eles parassem, aborrecido com o chinfrim que faziam. Depois de termos levado o biombo inutilizado para a garagem, ele observava-me longamente, à noite e ao acordar, como se tivesse sentido falta da vista sobre o meu corpo. Continuávamos a usar pouca roupa, devido ao calor persistente daquele verão infundável.

No beliche que tanto a entusiasmara, a Adriana não conseguia dormir nem em cima, nem em baixo, e estávamos constantemente a trocar de cama. A uma hora variável, vinha aninhar-se ao meu lado, onde quer que eu estivesse. Mas o resguardo era só um, por isso, passado pouco tempo, já a urina involuntária da Adriana se impregnara em ambos os colchões novos.

11.

A minha mãe da beira-mar morreu no beliche de cima, numa dessas noites. Ao vê-la, não parecia doente, talvez só um pouco mais cinzenta do que era hábito. A dada altura, o sinal peludo que se lhe estendia no queixo como uma lagarta encarnada começou a esbater-se, devagarinho. Empalideceu em escassos minutos, até se confundir com o branco escuro que o rodeava. O ar parou de lhe encher o peito e o olhar ficou fixo.

A outra mãe acompanhou-me ao enterro. Pobredealgisa pobredealgisa, repetia, retorcendo as mãos. Mas, depois, expulsaram-na dali, tinha as meias de licra cheias de malhas e não podia assistir à cerimónia naquele estado. Fiquei sozinha à frente, a única filha da falecida, atrás de mim um grupo indistinto de figuras negras participava no funeral. Os coveiros baixavam o caixão para dentro da campa recém-escavada e, sob o peso, as cordas rangiam ao roçarem nas arestas. Devo ter-me aproximado demasiado da beira da sepultura, porque a terra desabou sob os meus pés e caí em cima dela, fechada no esquife. Fiquei imóvel, aturdida e porventura invisível. O padre proferia uma bênção monocórdica e aspergia-me a mim também com água benta. Depois, o ruído das pás que, surdas aos meus gritos, começavam a devolver à cova a terra removida. Finalmente, alguém me agarrou com força num braço.

– Se não paras de berrar como uma louca, atiro-te pela janela fora – ameaçou-me o Sergio, abanando-me na escuridão.

Não voltei a adormecer. Segui a viagem fria da Lua, até ela se esconder atrás da parede.

Este pesadelo foi o apogeu das minhas angústias noturnas. Após breves cedências ao sono, os meus despertares eram sobressaltos inesperados e a certeza de uma desgraça iminente, mas qual? Tateava nessas falhas de memória até que a doença da minha mãe voltava à tona, de repente, e se agigantava, se agravava na escuridão. De dia, conseguia dominá-la, acreditar numa cura, no meu eventual regresso a casa. De noite, ela piorava até morrer em sonho.

Mais tarde, fui eu que, por uma vez, desci para junto da Adriana. Ela não acordou, afastou os pés para me acolher na nossa posição recíproca, mas eu quis

encostar a cabeça ao lado da dela, na almofada. Abracei-a, para me consolar. Era tão pequenina e ossuda, cheirava a cabelo oleoso.

Em contraste, emergiram recordações dos caracóis da Lidia, como flores vermelhas entre os lençóis. Demasiado jovem para que eu a tratasse por tia, a irmã mais nova do meu pai carabineiro. Durante alguns anos, vivemos juntas em casa dos meus pais, ela aparecia nas minhas primeiras recordações daquelas assoalhadas. Ocupava um quarto ao fundo do corredor, comprido e estreito, mas com vista sobre as ondas. À tarde, eu despachava os trabalhos de casa e, depois, ouvíamos música no rádio. Ela atormentava-se a pensar num homem perdido, repetia, angustiada, as estrofes de amor, com o punho sobre o peito asmático. Os pais dela tinham-na mandado para casa do irmão, para ela respirar o ar marinho.

Quando ficávamos sozinhas, a Lidia enfiava uma minissaia e uns sapatos com sola compensada, que tinha escondido no armário, e punha o som do gira-discos no máximo. Dançava o *shake* na sala de jantar, abanando-se toda, de olhos fechados. Sabe-se lá onde teria aprendido, não estava autorizada a sair depois de o Sol se pôr, mas, por vezes, desobedecia, fugindo por uma janela do rés do chão. Eu queria-a junto de mim todas as noites. Precisamente no momento de me entregar ao sono, era assaltada por comichões em pontos inacessíveis das costas. A Lidia vinha coçar-me e, a seguir, ficava sentada na cama. Contava-me as vértebras, magra como eu era, e com base em cada uma delas, construía uma história. Dava nomes às mais salientes e punha-as a conversar, como velhinhas, tocando ora numa, ora noutra.

«Contrataram-me», disse ela, um dia, ao chegar a casa.

Perdi-a assim, nos Grandes Armazéns, uns anos antes da minha devolução. Tínhamos ido fazer compras, numa manhã cedo, e, enquanto eu experimentava uma camisola com peixes e estrelas-do-mar, ela pedira a uma empregada para falar com a gerente. Como chegava mais tarde, resolvemos esperar. Assim que ela nos recebeu no gabinete despido, a Lidia tirou da carteira um diploma de secretária e pediu emprego, não importava a função. Estava sentada diante da mesa e eu de pé, ao seu lado e, de vez em quando, acariciava-me um braço.

Chamaram-na quase imediatamente, por um breve período à experiência. Uma noite, voltou para casa com a farda a tremer nas palmas das mãos, teria de a vestir no dia seguinte. Provou-a, andando de um lado para o outro, na sala. Era branca e azul, com o colarinho e os punhos engomados. Agora, também ela tinha uma farda, como o irmão. Exibiu-se, volteando, para nos mostrar que a saia rodava. Quando se deteve e o mundo parou de girar à sua volta, eu já lá não estava para a ver.

De vendedora passou logo a caixa e, ao fim de um ano, a chefe de secção. Chegava cada vez mais tarde. Depois, pediu transferência para a sede, a umas centenas de quilómetros de distância. Escrevia-me, de vez em quando, e eu não sabia o que responder. Na escola, estava tudo a correr bem, sim. A Patrizia continuava a ser minha amiga, claro. Na piscina, tinha aprendido a dar cambalhotas dentro de água, mas continuava a sentir frio. No início, ela mandava postais com os monumentos da cidade, depois, devem ter-se esgotado. Nos cadernos, eu pintava o Sol de preto, como o meu estado de espírito, e a professora ligou para minha casa, a perguntar se tinha morrido alguém. A média das minhas notas era de dez em dez; no esmero minucioso dos trabalhos de casa, eu ocupava o tempo que a Lidia deixara vazio.

Ela voltou em agosto, para passar as férias, mas eu tinha medo de ainda ser feliz com ela. Fomos à praia de sempre e ela apanhou um escaldão, apesar dos cremes que comprara com o desconto reservado aos funcionários. Com os banhistas habituais que a cumprimentavam, falava já com o falso sotaque setentrional dos emigrantes. Tive vergonha por ela e comecei a matar a nostalgia.

Só a vi mais uma vez, antes de decidirem devolver-me à procedência. Ela tocou à campainha e eu abri a porta a uma desconhecida, de cabelo pintado e esticado. Agarrada às pernas, trazia uma menina que não era eu.

*

No escuro com a Adriana, imaginei que a Lidia poderia ter-me salvado, eventualmente acolhendo-me durante uns tempos, no Norte. Mas ela mudara de cidade e eu não sabia como a localizar. Era ainda demasiado cedo para imaginar uma salvação diferente.

12.

Apagaram a luz e saltaram para cima da cama. O Sergio mandou o irmão calar-se no instante em que entrei no quarto, mas escaparam-se-lhes uns risinhos, apesar de os abafarem com as almofadas. O Vincenzo ainda não voltara, desde que saíra à tarde, e a Adriana estava na outra assoalhada, com o bebé nos braços. Despi-me às escuras e, naquele silêncio pesado, enfiei-me entre os lençóis. O meu pé tocou em qualquer coisa viva, que se movia e agitava, quente e peluda. Senti, ao mesmo tempo, o meu berro, picadas repetidas no tornozelo e os dois a zombarem. Não sei como é que cheguei ao interruptor, mas virei-me para a cama. Um pombo girava sobre si próprio aos saltinhos, rodando em torno de uma asa aberta, como se, para voar, bastasse distendê-la. A outra, partida, estava encostada ao corpo. Os seus excrementos no lençol novo. Chegou à beira do colchão e caiu, aterrando de peito.

Os irmãos, entretanto, sentaram-se e riam a bandeiras despregadas, batendo nas coxas com força, enquanto as lágrimas lhes escorriam pelas faces. O animal continuou a debater-se, no chão, tentando levantar-se. Cansado do espetáculo, o Sergio agarrou nele pela asa saudável e atirou-o violentamente pela janela. Naquele momento, tive a certeza de que fora ele quem partira a outra.

Gritei-lhe, demasiado de perto, que era um monstro e arranhei-lhe a cara com todas as unhas, bem fundo, deixando-lhe na pele sulcos, aos quais aflorou imediatamente o sangue. Não se defendeu, não me bateu, continuou a rir-se, forçando agora um pouco o tom, para me mostrar que eu não conseguia magoá-lo. O outro saltava em cima das camas, como um macaco, imitando o grito dos pombos.

O pai veio ver o que se passava. Antes de averiguar o que tinha acontecido, distribuiu ao acaso umas bofetadas a cada um, para que eles se acalmassem. Por acordo tácito, era sempre ele quem castigava os rapazes desde que eram crescidos, porque a sua mulher já não tinha forças para tanto. Ela tratava da Adriana, com uma sova mais ou menos diária.

– Foi só uma brincadeira – justificou-se o Sergio. – À noite, ela grita por tudo e por nada, e acorda-nos. Preguei-lhe um susto para ela gritar de medo.

No dia seguinte, eu ajudava a dobrar os lençóis já enxutos.

– Cuidado com os percevejos-fedorentos – avisou a mãe, enxotando um, muito verde. – Não sei porque é que gostam de se enfiar entre a roupa pendurada. – Depois, passou com naturalidade dos insetos aos filhos: – O segundo saiu-me torto. O outro, meia volta, foge, mas não é mau rapaz.

– Eles não me querem cá em casa, é por isso que me torturam. Porque é que não me mandam de volta para onde eu estava?

– Aos poucos, o Sergio vai acabar por s’habituair. Mas vê se não gritas quando dormes, que o deixas com os nervos em franja.

Calou-se um instante, com a pilha de roupa nas mãos. Fitou-me nos olhos, o que era raro, como se seguisse um pensamento.

– Lembras-te quando a gente se encontrou no casamento? Devias ter uns seis, sete anos.

Reavivou-me a memória com uma chicotada.

– Lembro-me de qualquer coisa, só que aqui estás diferente, com a roupa de todos os dias. Daquela vez, estavas elegante – admiti.

– Nem imaginas a quantidade de vezes que vesti aquele conjunto. A certa altura, engordei um bocado e tinha medo que se rasgasse pelas costuras – disse, sorrindo. E, depois, começou a contar: – Foi num domingo de junho, os noivos perderam muito tempo a tirar um monte de fotografias e eu já não aguentava com fome. Às três, ainda a gente andava à procura dos lugares à mesa. De repente, virei-me e dei de caras contigo, quase nem te reconhecia, tão crescida e bonita que estavas.

– E quem te disse que era eu?

– Antes de mais, senti que eras tu e, depois, estava lá a Adalgisa, não estava? Conversava com uma pessoa da família e não deu logo por mim. Chamei-te e levantastes a cara. Ficastes de boca aberta, talvez porque me caíam as lágrimas.

Hoje, pediria que me contasse ao pormenor aquele encontro, mas, naquele instante, fiquei demasiado confusa. Ela continuou sem que eu a interrompesse, depois de pousar a roupa numa cadeira.

– Assim que me viu, a Adalgisa meteu-se entre nós as duas. Mas tu inclinavas-te por trás, com uma carita curiosa, e observavas-me.

Observava uma madeixa prematuramente branca que lhe atravessava a testa, como um sinal de identificação só dela. Quando lhe fui devolvida, já começara a fundir-se com o resto dos cabelos de um grisalho precoce e acabaria por se perder no branco uniforme.

Naquele dia, no casamento, eu ainda não sabia de nada. Os meus pais eram primos distantes, eu tinha o apelido deles. Nos meses de desmame, as duas famílias partilharam a minha vida oralmente, sem acordos precisos, sem se perguntarem o preço que eu teria de pagar pela sua indefinição.

– Eu não podia falar muito, porque eras pequenina, mas a tua tia levou um raspanete.

– Porquê?

– Ela tinha jurado que vocês iam vir sempre a nossa casa, que te íamos criar juntas. Em vez disso, a gente só te viu uma vez, na festa do teu primeiro aniversário e nós é que fomos à cidade. – Faltou-lhe a voz por uns instantes. – Mas, depois, mudaram de casa e ninguém nos avisou.

Ouvi atentamente o seu relato, mas não queria fiar-me nela. Até a Adriana o dissera, no dia em que eu ali chegara, que não se podia acreditar nela.

– A Adalgisa inventou uma desculpa, que tinha a cunhada doente e não a podia deixar, mas ainda nem tinha acabado a frase, quando a Lidia veio cumprimentar-me, toda radiosa e a vender saúde.

– A Lidia sofria de asma, às vezes tínhamos de a levar ao pronto-socorro – respondi secamente.

Fitou-me e não disse mais nada. Percebeu de que lado eu estava. Pegou na pilha de roupa que pousara na cadeira e levou-a para o seu quarto.

13.

Depois da minha carta sem resposta, devem ter sido feitos novos acordos que eu desconhecia. Ao sábado, a mãe da aldeia devia dar-me uma pequena soma, proveniente, sabe-se lá como, da mãe da beira-mar. Ao apertá-la entre os dedos, por vezes um pouco reduzida por quem ma dava, sentia-me tranquilizada em relação à saúde da minha mãe distante, talvez começasse a melhorar. E eu estava sempre nos pensamentos dela. Tinha a sensação de receber, juntamente com as moedas, o calor da palma da sua mão, conservado no metal das cem liras, como se ela lhes tivesse tocado realmente.

Trocava um sinal de cumplicidade com a Adriana e íamos à tasca do Ernesto. Abria a arca dos gelados e procurava entre o vapor frio e branco. Dois gelados cobertos de pedacinhos de avelã, um de chocolate para mim e um de cereja para ela, que comíamos na rua, sentadas a uma mesinha, como os velhos concentrados a jogar às cartas. Punha o resto de parte, por vezes comprava uma chucha para o Giuseppe, que estava sempre a perdê-la.

No espaço de poucas semanas, amealhei dinheiro suficiente para os bilhetes de camioneta e umas sanduíches. A Adriana assustou-se quando lhe contei o meu plano, por isso propusemos ao Vincenzo que nos acompanhasse. Ele estava a acabar de fumar ao fundo da praceta, antes de subir para jantar. Soprou o fumo de olhos fechados, como quando refletia.

– Está bem, mas em casa ninguém pode saber aonde vamos – cedeu ele, para surpresa nossa. – Dizemos-lhes que vocês vão trabalhar comigo no campo, de qualquer maneira eles estão-se a borrifar – acrescentou, lançando um olhar negro ao segundo andar.

Partimos ao raiar do dia, na camioneta que fazia o trajeto até à cidade. A Adriana nunca a tinha visto, o Vincenzo só conhecia alguns bairros periféricos, onde os seus amigos ciganos acampavam com os carrosséis. A paragem ficava a dois passos do estabelecimento balnear onde decorreram todos os meus verões. Da nossa sombra perfumada de protetor solar, a minha mãe e eu observávamos os bandos de banhistas a caminho do troço de praia pública, do lado de lá do cordão delimitador. Naqueles dias de final de estação, teríamos saboreado uvas, depenicando-as, uma a uma, dos cachos que ela levava para o lanche.

Ainda estava vazio, àquela hora. Uma nova rapariga varria a passarela de cimento entre o passeio e a entrada do bar. O banheiro abria os chapéus de sol aos gomos amarelos e verdes, um estalido metálico atrás do outro. Mas não o meu, na primeira fila, como se soubesse que não seria usado.

– Olha quem aqui está, onde é que te meteste? – disse-me, quando passei perto dele. – Vocês desapareceram completamente, nem a tua mãe tem vindo, foram de férias para qualquer lado? Vou já abrir o teu, o número sete.

A espreguiçadeira rangeu, por falta de uso. O homem, de camisola de alças desbotada, virou-se de repente para as duas pessoas que me seguiam a poucos metros de distância, eram diferentes dos clientes habituais.

– São meus primos, vivem na montanha – disse-lhe baixinho.

De qualquer maneira, eles não me teriam ouvido, tão fascinados que estavam com a novidade. Sentaram-se à beira da água, até o Vincenzo um nadinha intimidado. Pequenas ondas indolentes lambiam a areia, sem espuma e sem voz. O Sol, ainda baixo sobre a linha do horizonte, e as gaivotas pousadas nos escolhos do quebra-mar.

– Mas, se transbordar, morremos? – perguntou a Adriana, assustada. Deixou escorrer a areia fina entre os dedos, incrédula. Despimo-nos, ela vestia um fato de banho que já não me servia e o Vincenzo ficou de cuecas. Pendurámos a roupa nas varetas do chapéu de sol, numa delas estava atada uma fita do cabelo que eu julgava ter perdido. Então, era ali que a deixara! Soltei-a a custo, com as unhas roídas, e guardei-a no meu saco. Tinha-a havia anos. Quando era mais pequena, a minha mãe penteava-me e, depois, punha-me, roçando-me no rosto com as mãos. Sentada todas as manhãs na beira da minha cama e eu de pé, diante dela. Era agradável, o som da escova na minha cabeça, a ligeira vibração dos picos de ferro.

A minha irmã não queria molhar sequer os pés, com medo de que o mar a tragasse. Acocorou-se ao seco, com o queixo nos joelhos e o olhar diluído em todo aquele azul. Mergulhei em silêncio, deslizando debaixo de água enquanto durava o fôlego, sem perturbar a superfície. Depois, com a cabeça de fora, vi a praia que se povoava de banhistas matinais, a Adriana encolhida sobre si mesma à espera do meu regresso, a corrida impetuosa do Vincenzo e o seu mergulho, projetando salpicos no ar. Ele aprendera a nadar no rio, com os amigos. Dirigiu-se a mim, com braçadas fortes e desordenadas, traçando um rasto no mar. Desapareceu um instante, quando estava quase junto de mim, e ergueu-me de repente, enfiando o pescoço entre as minhas pernas. Dei por mim encavalitada

nos ombros dele, enquanto ele se mantinha à tona e cuspia. Nem nos apercebíamos do frio.

– Foi porreiro trazeres a gente aqui, estou-me a divertir à grande – disse.

Esgueirou-se e exibiu-se a fazer o pino e a dar cambalhotas, agarrou-me várias vezes pela cintura e lançou-me como um brinquedo. Ria e o sal esbranquiçava-lhe as gengivas. Sem querer, toquei-lhe com um pé na zona do sexo, que estava inchado. Tapou-me os ouvidos com as mãos e beijou-me nos lábios, depois enfiou a língua na minha boca e explorou-a, movendo-a, gulosa, à volta da minha. Esquecera-se de quem éramos.

Afastei-me, a nado, sem pressa e sem repulsa. Só à beira da praia é que me apercebi de que o meu coração continuava acelerado. A Adriana estava ali sentada, como eu a deixara. Talvez não tivesse passado muito tempo, ainda que o mundo parecesse diferente. Estendi-me na areia, perto dela, esperando que a calma me regressasse ao peito em desordem.

– Tenho fome – disse ela, lamurienta.

Eu tinha as sanduíches no saco, mas, para a deixar feliz, levei-a ao bar para comer uma piza pequenina e uma *Coca-Cola*, com o resto das moedas. Quando voltámos para o chapéu de sol, o Vincenzo saía da água, como um deus rude e selvagem, que descera à beira-mar por um único dia. A avaliar pelo seu passo cansado, a vastidão azul fora fecundada. Qualquer pessoa notava, as cuecas aderiam-lhe demasiado às formas do corpo e tinham descido, deixando a descoberto uma fila de pelos. Mas já não havia a multidão suada de agosto, naquele fim sereno de verão. Agora que eu era clandestina na praia onde crescera, podia evitar que os banhistas habituais me reconhecessem. O Vincenzo e eu também nos evitámos um ao outro, nas horas seguintes. Pus as sanduíches à vista, sem dizer nada. Acompanhei a Adriana ao baloiço e, com uma desculpa, afastei-me.

Bastou-me atravessar e meter pela rua quase em frente. Segui ao longo da vedação do jardim, observando os sinais de abandono. Uma cadeira derrubada pelo vento; em cima da mesa que púnhamos para os jantares ao ar livre, as primeiras folhas caídas. Um pano preso aos espinhos da roseira, a planta preferida da minha mãe; no mês de maio, prendia um botão ao peito, antes de sair. A relva alta e as flores mortas de sede. Cheguei ao portão com chumbo nos pés. A caixa do correio não estava muito cheia, pelos vistos vinha alguém tirar as cartas de tantos em tantos dias, também a minha tinha sido recebida. O caminho da entrada invadido pela areia arrastada pelo áfrico, as persianas todas fechadas, como quando íamos de férias. Ao abrigo do telheiro, a minha bicicleta, com um

pneu vazio. Toquei à campainha no vazio das assoalhadas e, após uma espera inútil, repeti o toque umas quantas vezes e demoradamente. Encostei a testa ao botão e fiquei assim até o calor se tornar insuportável. Voltei para trás a passo de corrida, arriscando-me a ser atropelada. Sentei-me à sombra das cabinas.

Ela devia estar mesmo morta, como no meu sonho, como as suas tulipas, caso contrário não teria abandonado a casa. Mas fora ela quem enviara para a aldeia o beliche e o resto das coisas, e a outra mãe tinha dito que falaram ao telefone. Então, porque é que não falava também comigo? Onde estava? Talvez não me quisesse impressionar, ligando-me com uma voz doente, de um hospital distante. E se, em vez disso, o meu pai tivesse sido transferido para outra cidade? Ele dizia que isso podia acontecer. Não, ter-me-iam levado com eles para onde quer que fosse. E a Lidia sabia? Sabia e não me procurava? Verdade seja dita, eles não se falavam com frequência. Pouco antes de pedir transferência para o Norte, a Lidia fizera uma das suas e talvez a minha mãe não lhe tivesse perdoado totalmente.

A Lidia travara conhecimento com a bailarina que vivia na mansarda do prédio em frente, por vezes conversavam às escondidas através do gradeamento do nosso jardim. A Lili Rose trabalhava numa discoteca da costa e dormia a manhã inteira. De vez em quando, uns senhores com ar distinto tocavam-lhe à campainha, circunspectos. A Lidia não tinha autorização sequer para a cumprimentar, não fosse ser contaminada.

Mas, num domingo de calor sufocante, os meus pais tinham ido a um funeral, deixando-nos sozinhas em casa. A Lili Rose viera perguntar se também nos faltara a água, as torneiras de sua casa não deitavam uma gota. Por cima dos olhos pisados da maquilhagem da véspera, a meada de cabelos oxigenados e, no corpo, um vestido mínimo. A Lidia convidara-a a entrar, oferecera-lhe uma bebida fresca e, depois, um duche. A Lili Rose saíra da casa de banho, descalça e a pingar, com o roupão da minha mãe meio aberto à frente.

Tinham começado a dançar na sala, no início compostas, depois, cada vez mais agarradas, ao som de ritmos lentos e sensuais de alguns discos. Com a bacia espetada para a frente, a Lili Rose ensinava a Lidia a menear-se e a roçar-se no corpo de um homem. Esticava a perna pela racha do tecido de turco e esfregava-a na da Lidia, mas só na brincadeira. Com o passar dos minutos, porém, comecei a ficar inquieta e a olhar para a porta, enquanto elas, não. Tinham afastado a mesinha baixa e passado a passos de *shake* frenéticos, abanando-se como duas possesas. A Lidia despira a camisola suada e estava só de calções e sutiã. No fim de um disco de 45 rotações, tinham caído para cima

uma da outra no sofá, ofegantes. O cinto do roupão da Lili Rose soltara-se, desnudando-a.

A minha mãe encontrara-as naqueles propósitos, quando voltara mais cedo do funeral.

*

Fiquei atrás das cabinas. A Adriana, desfeita em lágrimas, encontrou-me por acaso, errando, perdida. Talvez tivesse caído do baloiço, nem sequer limpara a areia dos lábios e do nariz. Naquele ambiente desconhecido, estava desarmada, não conseguira encontrar o chapéu de sol na primeira fila, onde teria podido esperar por mim na companhia do irmão.

– Não caí sozinha, aqueles ali empurraram-me – queixou-se, quando fomos ter com o Vincenzo. – Disseram-me que nunca me viram nesta praia e que não podia andar no baloiço. – Mostrou-lhe uns miúdos que andavam às voltas no parque infantil.

Ele investiu como um touro, não sei se trocaram algumas palavras ou se começaram de repente à pancada. Quando a Adriana e eu lá chegámos, já eles reboavam na terra, agarrados uns aos outros como estátuas de areia, todos contra um, o nosso. Chamámos o gerente do estabelecimento, que gritou com eles e os separou. Mas, depois, à parte, disse-me para nunca mais lá levar aquele arraçado de cigano, ainda por cima de cuecas, de quem se tratava? Não era, com certeza, parente de uma família tão boa como a minha, sobretudo sendo o meu pai carabineiro.

O Vincenzo lavou-se na água baixa, sem desfrutar do banho. A meio da tarde, as pessoas comiam melão, nos chapéus de sol vizinhos, e observavam-nos. Passou o homem com o apito, caminhava ao longo da beira-mar, gritando «cocos frescos».

– Está a vender ovos frescos? – perguntou a Adriana, surpreendida.

– Não, é um fruto exótico – expliquei, mas já não tinha dinheiro.

Ele sorriu da curiosidade da minha irmã, que se aproximara do balde, e deu-lhe um pedaço, embora pequeno, para ela provar pela primeira vez.

Vestimo-nos e dirigimo-nos à paragem do autocarro, por um instante julguei ouvir nas nossas costas uma expiração geral de alívio. Pela janela, disse adeus ao prédio de cinco andares onde a Patrizia vivia e, em silêncio, prometi-lhe voltar para a ver.

– Eu vou para casa mais tarde, combinei ir ter com uns amigos – disse o Vincenzo, levantando-se, de repente, para sair numa das paragens dos subúrbios.

Ao vê-lo no passeio, todo pisado, através do vidro empoeirado, eu já não sabia o que sentia por ele. Levou um dedo indicador aos lábios, fitando-me, enquanto o motorista arrancava, e não compreendi se queria soprar-me um beijo ou dizer-me para não contar nada.

A Adriana dormiu até chegarmos à aldeia, mas, depois, de noite, queixou-se do escaldão. Em casa, ninguém reparou que ela estava queimada, a mãe limitou-se a perguntar se tínhamos trazido um pouco de fruta do campo. O Vincenzo regressou passados dois dias e o pai não o castigou, talvez nem sequer se tivesse apercebido ou, então, desistira de punir o filho.

14.

– Desce – chamara ele, debaixo da janela –, tens de vir ver uma coisa, atrás da garagem.

Desci um pouco mais tarde, com a Adriana, e ele lançou-me um olhar irritado.

Mandou-a comprar cigarros à praça e disse que podia ficar com o troco. Devia ter muito dinheiro no bolso, o Vincenzo, porque, quando tirava as moedas, caiu-lhe uma nota. Com um mero olhar, demoveu-me de ir atrás da Adriana.

– Ela ainda é muito miúda, não sabe guardar segredo – disse-me, quando ela dobrou a esquina. – Espera-me aqui.

Voltou logo a seguir, com aquele seu jeito desconfiado de olhar por cima do ombro para um lado e para o outro. De debaixo do braço, tirou um saquinho de veludo azul e ajoelhou-se no chão para o abrir e me mostrar o seu tesouro. Na faixa de cimento que circundava o prédio, ele alinhou as peças, como no balcão de uma ourivesaria. Não deviam ser novas, porque o brilho era um pouco baço. Com o máximo de delicadeza de que foi capaz, soltou dois colares que se tinham emaranhado e colocou-os lado a lado. No fim, admirou, satisfeito, a sua pequena exposição de pulseiras, anéis e fios com ou sem pendants, e só depois se virou para mim, para ver o efeito que o espetáculo de ouro surtira em mim. Ficou espantado com o meu silêncio e ar preocupado.

– O que é que tens, não gostas? – perguntou, levantando-se, desiludido.

– Onde é que os arranjaste?

– Em lado nenhum, foi um pagamento que me fizeram – justificou-se, com um esgar de menino ofendido.

– Isso vale um monte de dinheiro. É impossível teres ganhado tanto em dois dias.

– Os meus amigos quiseram agradecer-me antes de eu me vir embora. Eu tinha-os ajudado de borla.

– E, agora, que vais fazer com essas coisas? – insisti.

– Vendê-las. – E ajoelhou-se novamente, para recolher as joias.

– És louco? Se te apanham com mercadoria roubada, metem-te num reformatório.

– Ooooh, o que é que tu percebes destas coisas? Quem é que te disse que foram roubadas, hã? – E virou-se para me mostrar duas pulseiras que segurava na mão trémula. Até as narinas lhe fremiam acima do seu novo bigodinho.

– É fácil perceber. Além do mais, o meu pai é carabineiro, está sempre a contar histórias sobre os ciganos que assaltam casas. – Saiu-me assim pela boca fora, ainda me enganava a falar dos meus pais adotivos.

– Pois, que sorte a tua, ainda andas a pensar no pai carabineiro. Mas olha que o teu tio já nem se lembra de ti. Nem vem ver se te estás a dar bem na aldeia.

As lágrimas caíram-me inesperadamente dos olhos, apanhando-me de surpresa. O Vincenzo tinha falado como o Sergio, mas levantou-se imediatamente e aproximou-se. Enxugou-me o rosto com os polegares ásperos e disse-me várias vezes, com a voz e a expressão contritas, para não chorar, não suportava ver-me chorar. Espera, espera, disse, e acabou de recolher as joias e de as arrumar no saco azul. Todas, menos uma.

– Tinha-te chamado para te dar isto, mas irritaste-me... – E aproximou-se com um coração belíssimo, pendurado numa gargantilha.

Afastei-me com um gesto instintivo, um passo para trás e para o lado, e ele ficou parado com o cordão de ouro suspenso no ar, o pendente oscilando. A testa contraiu-se numa série de rugas tempestuosas, a boca reduzida a um corte a direito. Na têmpera, a espinha de peixe latejava, vermelha da raiva acabada de reacender. Mas, ao mesmo tempo, reconheci-lhe nos olhos uma estupefação dolorosa, indefesa. Voltei para a frente, dando um passo igual em sentido contrário, e levantei o queixo para receber a prenda. O contacto das mãos, estranhamente hábeis, a fecharem-me a corrente na nuca, sem olhar. No meu peito, uns instantes de frescor em forma de coração, depois o metal aqueceu com o sangue profundo que o movia em pequenos impulsos frequentes e regulares.

– Fica-te muito bem – disse o Vincenzo, numa voz gutural.

Num gesto lento, reproduziu em tamanho maior, na minha pele, o contorno do pendente, e quis descer aos seios.

– Aqui tens os cigarros – disse a Adriana, aparecendo a correr.

Deteve-se bruscamente, não sei o que viu.

– Os cigarros... – repetiu baixinho, estendendo-lhe, hesitante, o maço.

Ainda tinha entre os dentes o pauzinho do gelado de cereja que comprara com os trocos. Virei-me de costas e tirei a prenda do pescoço, escondi-a no bolso. Usá-lo-ia raramente, mas ainda hoje o tenho, um objeto eventualmente roubado. Não sei como consegui salvá-lo de vinte anos de vida, levando-o comigo para toda a parte. Tem valor para mim. Usei-o como talismã em algumas ocasiões, no

exame do décimo segundo ano, em alguns encontros importantes. Pô-lo-ei de novo no casamento da Adriana, se é verdade que ela se quer casar. Sabe-se lá a quem terá pertencido, aquele coração.

Nos dias que se seguiram, evitei ficar a sós com o Vincenzo, mas, quando o via aparecer, um espasmo contraía-me as entranhas e, de repente, uma espécie de langor inundava-me a barriga. À noite, os seus assobios de chamamento entravam pelas janelas, vindos dos lados da garagem, era preciso muita força de vontade para os ignorar. Após uma breve espera em vão, ele voltava para casa, mudo, furibundo, batendo com a porta. Gerava uma corrente de ar que causava a queda inesperada de uma panela do gancho na parede, o choro sem motivo do Giuseppe, uma dor de cabeça inexplicável na Adriana. Eu resistia, à distância.

*

Os trocos de sábado chegavam para comprar o bilhete de camioneta. Aos pais, disse a verdade, que queria ir ao aniversário de uma amiga de antes. Até lhes pedi para ficar a dormir em casa dela. Entreolharam-se um instante, com aquela sua incerteza apática.

– Não te posso levar, o carro não pega – disse o pai, à laia de autorização. Pelo som estranho da sua voz, apercebi-me de que raramente falava.

De manhã, desci as escadas cedo, pela janela tinha visto, na encosta por trás do prédio, uma coisa colorida para colher e dar à Patrizia. Era tudo o que eu lhe podia oferecer. Eram dentes-de-leão e umas flores simples, igualmente amarelas, que emanavam um cheiro a nabo. Atei o ramo com um fio e voltei lá acima, para me preparar. A Adriana não sabia de nada, quando percebeu aonde eu ia sem ela, foi a correr ao quarto buscar um desenho que eu lhe fizera e rasgou-o diante dos meus olhos. Surpreendentemente, a mãe quis acompanhar-me à praça, à paragem da camioneta, com o bebé ao colo. Disse-lhe adeus pela janela e ele abanou as mãos naquele seu modo repetitivo, que não parecia um adeus.

Durante a viagem, as flores perderam o viço e algumas pessoas observavam-nas das cadeiras vizinhas, talvez por causa do cheiro. Enquanto esperava que me abrissem a porta do quinto andar do prédio, na costa norte, já nem sequer sabia se devia dá-las à minha amiga.

Ela saltou para cima de mim, gritando de alegria, os cães ladravam por causa do alvoroço e o gato veio ver o que se passava. De olhos baixos, pedi desculpa pela singeleza do presente, mas ela garantiu, aos pulinhos, que, de entre as prendas que recebera, a mais bonita era eu.

Passámos a manhã inteira sozinhas, sem parar de conversar, embora eu um pouco menos. Tinha vergonha de falar da minha nova vida e, portanto, interrogava-a desesperadamente sobre a sua. Reencontrei os cheiros da casa, a canela na cozinha, a suor um nadinha acre da Patrizia no quarto e, na casa de banho, ao perfume número cinco da mãe, que o punha sempre antes de ir para o escritório. A festa de anos realizara-se na véspera, mas o frigorífico estava cheio de deliciosos restos salgados e doces, que debicámos estendidas em cima da cama durante horas. A Pat contou-me as competições de natação que ganhara, eu teria ficado em terceiro ou quarto lugar, se tivesse participado. Rimo-nos do rapaz de nariz comprido que andava atrás dela havia meses.

– E, depois, como é que ele faz para me beijar com aquela tromba? – perguntava-se ela, hesitando em lhe dar uma hipótese.

«Enquanto estavas na aldeia...», assim começava o relato de cada episódio, como se a minha ausência fosse agora um capítulo encerrado.

15.

O gato miava, roçando-se na dona, mas recebia uma mera carícia distraída e comida, nada. Tínhamo-nos esquecido do dia que passava, a Pat nem se vestira, ficara de pijama. O barulho da porta e, a seguir, o das chaves pousadas no móvel da entrada acabou por nos despertar do nosso mundo a duas, já reconstruído. A Vanda comoveu-se e abraçou-me longamente, com força, impregnando-me com o seu perfume francês. Fechei os olhos, perdida no abraço da camisa de linho branco, até ela me soltar. Percebeu que eu não lhe guardava rancor, perdoara-lhe sem pensar duas vezes a recusa em esconder-me em sua casa.

– Deixa-me ver-te – disse, depois, afastando-se um passo.

Achou-me novamente mais alta e só um nadinha mais magra. Por acaso, nesse mesmo dia, ela tinha comprado na churrasqueira umas beringelas à parmegiana, um dos meus pratos preferidos. Enquanto eu comia, ela observava-me, sorrindo, tendo renunciado à sua porção, com a desculpa de que andava há demasiado tempo a adiar a dieta. Entretanto, o pai da Pat ligou, só o veríamos à noite. Comi também a parte dele e limpei o fundo do prato com o pão. A minha amiga ficou espantada, antigamente eu não o fazia.

– Na aldeia, é assim que se come – expliquei, incomodada.

A Vanda estava suavemente curiosa acerca da minha família biológica e, com ela, mostrei-me menos evasiva. Baixava um pouco a guarda, depois, de repente, voltava a envergonhar-me. Comecei a identificar os meus primeiros pais com aquela vergonha.

Enumerei os nomes dos outros filhos, contando algumas coisas sobre a Adriana e o Giuseppe. Não tinha noção de que descrevia ambos com pena e ternura, sobretudo ela. A minha irmã, chamava-lhe eu. Sobre o Vincenzo, não disse nada.

– E os teus pais? – acabou ela por perguntar.

– Nunca mais tive notícias deles, desde que o meu pai me levou para a aldeia.

– Não, referia-me àqueles com quem estás a viver agora.

– Ele trabalha na fábrica de tijolos, mas acho que não é sempre. – E calei-me. Pedi licença e fui à casa de banho, com urgência, mas só para me fechar lá dentro e esperar um instante, cheirando os frascos perfumados. Puxei o

autoclismo sem ter usado a sanita e voltei para a sala. Como eu calculara, a Vanda já estava ocupada com outra coisa.

Mais tarde, a Patrizia pediu-lhe para nos acompanhar ao porto, para vermos a procissão dos barcos, pois era a festa da marinha local. A seguir à missa na igreja mais próxima, a frota, toda engalanada de flores, partiu com a estátua do santo e o padre, precedendo a flotilha de barcos de pesca, do maior ao mais pequeno, adornados com bandeirolas multicoloridas adejando ao vento. A Pat e eu tínhamo-los seguido no meio da multidão espalhada pelo cais, depois deixámo-los avançar para norte, ao longo da praia. Antes de regressarem a terra, lançariam à água uma coroa de louro, em homenagem aos mortos no mar. As mulheres dos pescadores vendiam peixinho frito, a Patrizia comprou um pacote para cada uma e as espinhas minúsculas das espadilhas fizeram-nos cócegas na língua. Ao jantar, voltámos a comer, para não desiludir a Vanda, que tinha gratinado lingueirões frescos que o marido trouxera.

– Na semana passada, vi o teu pai – disse o Nicola. – Estava num posto de controlo, numa estrada fora da cidade.

– E falaste com ele? – perguntei, ansiosa.

– Não, estava a mandar parar um camião. Deixou crescer a barba.

– Não penses nisso agora – disse a Pat, dando-me um toque, depois de lançar um olhar de través ao pai. – Vamo-nos arranjar e voltar para a festa. Eu empresto-te qualquer coisa para vestires.

Naquele ano, também não perderíamos o espetáculo final de fogo de artifício.

– É melhor não irmos de carro – disse o Nicola, por isso sentei-me no quadro da bicicleta dele e lá fomos nós, com elas as duas atrás. Ele pedalava com pouco esforço, tocando a campainha para avisar os peões, que eram cada vez mais numerosos à medida que nos aproximávamos do porto. Avançávamos em silêncio e sem atrito, entre as luzes e os cheiros caramelizados das primeiras bancas, a algodão-doce e praliné de amêndoa. De vez em quando, refluxos gasosos a esgoto. Depois, como já não se conseguia avançar no passeio largo da beira-mar, descemos das bicicletas e prendemo-las com cadeados à grade de um estabelecimento. A Patrizia e eu queríamos passear um pouco sozinhas, os pais dela combinaram um ponto de encontro no fim do fogo de artifício. Esperámos pelo início do espetáculo sentadas na praia, numa primeira fila imaginária, e aos pouquinhos a multidão foi chegando atrás de nós, impaciente. De ambos os lados, havia rapazes e um deles, com óculos de estudante do liceu e o cabelo encaracolado, inclinava-se de vez em quando para a frente, olhando-me de esguelha.

– O dos caracóis está interessado em ti – riu-se a Pat, e piscou-lhe o olho.

Envolvi-lhe os ombros e abracei-a com força, por um instante. Não conseguia dizer-lhe a falta que ela me fazia, ela e a vida da qual eu fora rechaçada. Talvez tenha visto as lágrimas que eu tentava esconder.

– O que é que tens? – perguntou, e não lhe respondi.

Alguns preparativos anunciavam o começo do fogo e uma onda de entusiasmo percorreu os espectadores. Levantámo-nos, com os olhos postos na escuridão por cima do mar. Começaram em surdina, como se se tratasse de um ensaio, disparando os foguetes aos soluços, que se transformaram num crescendo contínuo. Contra o fundo frio dos astros fixos, os universos de estrelas, acabados de explodir, apagavam-se passado um instante de glória. Debaixo de água, longe dos nossos pensamentos, o susto mudo dos peixes.

De repente, uma mão viva e determinada apertou a minha, virei-me, sorrindo para a Pat, que já não via há uns minutos. Não era ela, era o tipo dos caracóis, o reflexo do fogo de artifício nas lentes dos seus óculos. Ainda hoje me lembro do aperto que senti no estômago, com uma intensidade que os anos pouco atenuaram. Escolhera-me a mim, de entre tantas raparigas.

– Como é que te chamas? – perguntou-me ao ouvido, com a voz e o hálito doce da sua boca. As feições delicadas mudavam de cor de instante para instante, como as maravilhas no céu.

Não sei se ouviu a resposta do nome, no alarido da última salva de disparos. Não consegui decifrar o dele no movimento dos lábios, talvez fosse Mario ou Massimo. Da mão que me segurou com força durante uns instantes, o arrepio quente subiu-me pelo braço, até ao coração. Alguém lhe deu um empurrão e o beijo que vinha direito ao meu rosto perdeu-se no ar. De repente, também nós nos perdemos um do outro, no tropel final que abandonava a praia. Eu tinha de procurar a Patrizia e ele não soube ficar ao meu lado. Podia ter a idade do Vincenzo, mas era muito diferente.

*

Desde a minha devolução, nunca mais tinha dormido um sono longo e profundo como o daquela noite. Com as luzes da alvorada, a angústia subtil de um novo dia infiltrou-se por entre as cortinas e enfiou-se na cama dos hóspedes. Acordei aturdida, como se me tivesse embriagado. À tarde, tinha de voltar para a aldeia. Sentei-me à mesa do pequeno-almoço com a Vanda, a única pessoa que já estava a pé.

– Não viste a minha mãe, nestes últimos tempos?

– Nunca mais, desde que não estás com ela. – E serviu-me leite com chocolate.
– Mas passaste alguma vez pela rua de minha casa?
– Sim, mas estava sempre tudo fechado. – Deu-me o pão e a marmelada, biscoitos em forma de flores.

– Talvez a estejam a tratar num hospital distante e o meu pai tenha ido com ela.

– Porque é que dizes isso?

– Porque, na aldeia, ninguém me pediu de volta e ela não tinha motivos nenhuns para me devolver. Talvez me tenha escondido a verdade para não me assustar, mas nas últimas semanas faltavam-lhe as forças para cozinhar, limpar. Ficava na cama e chorava por minha causa. – Calei-me para esfregar um olho. – Mas tenho a certeza de que, quando ela estiver boa, me vão buscar e voltaremos para casa – concluí.

A Vanda bebeu o café, pensativa. Ficou com uma manchinha castanha no nariz.

– Com o tempo, tudo se esclarecerá – disse ela –, mas, para já, tenta aguentar, pelo menos durante o ano letivo que começa. De qualquer maneira, com as notas que tens, terás de vir para o liceu aqui da cidade.

Anuí, com a cabeça caída sobre o leite que arrefecia e só com uma unha na boca.

– Agora, come. Vais ver que te deixam voltar cá a casa.

Mais tarde, perguntei à Patrizia se queria acompanhar-me a minha casa, não era longe. Ela entusiasmou-se como se se tratasse de uma missão aventureira.

– Levo uma chave de parafusos? – perguntou, numa voz baixa de agente secreto; segundo ela, teríamos de arrombar a fechadura do portão.

Mas ele já estava aberto e das traseiras chegou-nos barulho. Entrámos à cautela, com a Pat a imitar a maneira de andar dos espiões nos filmes. Atravessámos o carreiro. A areia tinha sido varrida, o jardim estava em ordem, o cheiro a relva aparada indicava que fora cortada recentemente. Um ancinho estava encostado ao muro, entre outros utensílios. A casa, porém, continuava fechada, com as persianas corridas. Sob o telheiro, a minha bicicleta fora um nadinha arredada e o pneu já não estava vazio, a bomba encontrava-se ao lado, no chão. Mais pancadas nas traseiras e, depois, silêncio. Outra vez. A respiração suspensa, a boca seca, estava prestes a encontrar o meu pai. Ele martelava muitas vezes daquela maneira, quando fazia as suas reparaçõezinhas domésticas.

Na esquina do muro, gritei e dei por mim nos braços do Romeo, o jardineiro, depois de ter esbarrado nele. A Patrizia, por sua vez, desequilibrou-se e ficou

sentada na relva, fitando-nos.

– Ei, menina bonita, de onde é que tu saíste? Parecia que não estava ninguém em casa. Podes chamar a tua mãe? Já acabei o trabalho.

– Os meus pais não estão cá estes dias – improvisei. – Quem te deu a chave?

– O teu pai deixou-ma num bar. Disse-me por telefone para limpar o jardim, antes de chegar o outono.

– Também tens a chave da porta?

– Não, essa não. – E deve ter ficado desconfiado de alguma coisa. – Estás aqui sozinha? – perguntou, apontando para a casa.

– Não, estou em casa da minha amiga, viemos buscar uns livros. Podes deixar a chave comigo, os meus pais voltam amanhã. – Pensei que mentia com um certo à-vontade, mas ele não caiu na minha patranha.

– É melhor eu deixá-la no mesmo bar, como combinei com o sargento.

Privou-me, assim, da possibilidade de entrar pelo menos no jardim. Não retifiquei a patente do meu pai nos Carabineiros.

*

Ao almoço, tive dificuldade em enrolar no garfo o esparguete com amêijoas e o Nicola, que sabia o quanto eu gostava daquele prato, incitava-me a comer. Um mal-estar apático fazia-me sentir um nó na garganta. Na televisão, falavam das novas leis antiterrorismo, depois uma reportagem sobre o primeiro grande parque de diversões italiano, inaugurado havia pouco tempo.

– Não podemos perder isto – disse a Pat. – Da próxima vez que me visitares, vamos. Há excursões de camioneta para lá ir passar o dia.

Só volvidos vários anos é que acabaríamos por ir. Eu tinha terminado uma leva de exames na universidade, em Roma, fui ter com ela e partimos juntas. O lago era um destino insólito para duas raparigas, mas a Patrizia tivera um desgosto de amor e a paisagem de água estagnada afigurou-se-lhe em sintonia com o seu estado de espírito.

«Já não aguento este velório, hoje vamos a Gardaland», decidiu ela, uma manhã, no terraço do nosso hotelzinho com gerânios nas janelas. Na entrada, misturámo-nos com as crianças. Gritei de susto até nas atrações mais simples, na montanha-russa, no ponto mais alto da roda gigante, onde se ficava parado uns instantes, a oscilar no vazio. Mas nada me restituiu a emoção que senti naquela noite com o Vincenzo e a Adriana, nas cadeirinhas voadoras rangentes dos ciganos.

*

Apanhei a camioneta numa das paragens da marginal. Os três fizeram questão de me acompanhar, a Vanda até levou os cães pela trela. Eu tinha chegado com flores silvestres na mão e regressava à aldeia com uma provisão de cadernos, roupa interior, camisolas e calças e, para os transportar, um saco, que também seria útil para a escola. Quando nos despedíamos, escaparam-se-me uns soluços, não consegui contê-los. Preferia afogar-me no azul a trinta metros de areia do passeio.

Revejo-me sentada no meu lugar à janela, com a cabeça inerte, encostada ao vidro. O Nicola dera-me uns pacotes de bolachas e, da churrasqueira habitual, uma porção generosa de beringelas à parmegiana. Pensei oferecê-las à minha irmã, numa tentativa de a apaziguar. Naquela noite, talvez pudéssemos comê-las às escondidas, só ela e eu na garagem. Eu dar-lhe-ia cadernos e emprestar-lhe-ia o saco. Assustava-me reencontrá-la, armada dos seus ciúmes. A Adriana era tudo o que eu tinha, no final do trajeto de camioneta. Até lá, eu podia chorar à vontade ao longo da estrada serpeante, porque o lugar ao meu lado estava vazio.

16.

Ela fora para a praça, ao final da manhã, e esperara por mim a cada camioneta que chegava da cidade. Não a vi imediatamente à meia-luz do pôr do sol de setembro, postara-se um pouco à parte. Dirigia-me já para casa, quando ela deu um passo e eu a vi, de punhos fechados e virados para baixo, os olhos invisíveis por baixo das sobrancelhas crispadas. Fitámo-nos a uns metros de distância, não sabia se me devia aproximar daquela amálgama de raiva remoída e cansaço. Percebi que observava, com aquela sua voracidade, o saco repleto de coisas que não sabia o que eram, os pacotes que eu carregava a custo. De repente, largou a correr e veio ter comigo, abraçou-me. Eu tinha pousado tudo no asfalto, puxei-a para mim e dei-lhe um beijo na testa. Avançámos lado a lado, sem dizer nada, ela ajudava-me a transportar o saco e o resto, mas não quis saber imediatamente qual era o conteúdo. Só falou quando chegámos à praça em frente do prédio, inspecionando-a com um olhar abrangente. Mas não havia ninguém àquela hora, as pessoas estavam a jantar.

– É melhor esconderes as coisas que trazes aqui em baixo, senão vão acabar mal. – E apontou para o segundo andar, pensando no Sergio e no outro.

Abrimos a garagem com a chave que estava sempre escondida atrás de um tijolo e despachámo-nos.

– Não comas muito – disse-lhe, a seguir, nas escadas. – Trouxe-te uma coisa boa para provares depois.

Em casa, a família não parecia ter sentido a minha falta. Só o Giuseppe é que se afastou do peito da mãe, inclinando-se na minha direção. Peguei-lhe ao colo e ele pôs-me na boca uma mão pegajosa e adocicada.

– A menina comeu peixe – ripostou imediatamente o Sergio, quando, à mesa, eu disse que não tinha fome. – Daquele cru – acrescentou, para que não houvesse dúvidas.

O Vincenzo não estava. Depois do jantar e das tarefas domésticas, a Adriana e eu descemos as escadas com uma desculpa que ninguém nos pediu; ela tinha escondido uns talheres por dentro da roupa. Sentada em cima de uma cesta virada para baixo, provou a sua primeira beringela à parmegiana e comeu tudo,

percebendo que eu abdicava da minha parte. O arroto que se lhe escapou no fim soou como um perdão pelos meus dois dias de ausência.

*

Na manhã seguinte, tivemos de tomar conta do pequenito, a mãe tinha ido a casa de alguém no campo, buscar fruta para fazer compotas. Rebolávamo-lo na cama entre as duas – era um pouco o nosso boneco –, quando desatou a chorar de repente, encolhendo-se sobre si próprio.

– Oh, meu Deus, magoou-se nalguma coisa? – perguntei, assustada.

– Não, não, quando está com dores de barriga, dobra-se todo – respondeu a Adriana, tentando agarrá-lo por um braço.

Acalmou-se depois de uma descarga líquida e malcheirosa, que lhe subiu pelas costas até ao pescoço. A Adriana sabia o que fazer, despiu-o dentro da banheira e ele ali ficou de gatas, um bebé indefeso e patético sobre o fundo branco incrustado de calcário. Eu não conseguia tocar-lhe naquelas condições, mau grado a minha boa vontade, repugnava-me, mas ela não precisava de ajuda, lavava-o metodicamente, esfregando-lhe as costas com as mãos nuas, para retirar as fezes moles e espumosas. Vestiu-o mesmo a tempo de ele fazer uma segunda descarga, que voltou a sujar tudo, e depois uma terceira, até já não termos nada para lhe vestir. Então, embrulhou-o numa toalha e pegou-lhe ao colo, a berrar novamente, massajando-lhe a barriga agitada por cólicas.

– Já vai passar, já vai passar – repetia-lhe ao ouvido, e para mim, que tinha ficado embasbacada: – Faz-lhe um chá com muitos limões –, mas não encontrei nenhum na cozinha e, com a pressa, deixei cair a água no chão.

– Pega nele um minuto, enquanto eu trato disso. – Mas o Giuseppe gritou com toda a força e não quis sair do colo da irmã mais competente. – Vai pedir à vizinha de baixo – rendeu-se a Adriana.

A vizinha de baixo deve ter tido dó da minha cara desanimada e preparou, ela própria, o chá na sua cozinha. Veio comigo ao andar de cima para ver o que se passava e voltou a sua casa, para ir buscar umas roupas antigas de quando os filhos eram pequenos. Vestimos o Giuseppe só com uma camisola, os seus intestinos continuavam a esvaziar-se de vez em quando, embora com menos violência. Agora que já me conseguia aproximar dele, enxuguei-lhe o cabelo suado com um pano e, finalmente, ele passou do colo da Adriana para o meu.

A vizinha subiu novamente ao meio-dia, com um prato de creme de arroz para ele. Dei-lhe de comer na boca e, depois de umas quantas colheres, adormeceu nos meus braços.

– Não o deitas no berço? – perguntou a Adriana, mas achei que ele merecia uma espécie de recompensa, por tudo o que tinha sofrido.

Os músculos que eu usava para o segurar ficaram dormentes e, quando me mexi ligeiramente, eles recuperaram a sensibilidade através de mil formigueiros. Pensando bem, nunca tinha sentido o prazer de uma intimidade tão próxima com um bebé.

Quando a mãe chegou, ralhou connosco por não termos despachado algumas tarefas e por o chão estar um pouco pegajoso, nalguns pontos onde o Giuseppe se tinha aliviado.

Mais tarde, a Adriana e eu descascámos os pêssegos para fazer conservas para o inverno. Ela comia muitos deles, às escondidas de quem os trouxera do campo. Não tínhamos almoçado, ocupadas como estávamos com a disenteria do pequenito.

– Com esta idade, os bebés já andam, ele ainda só gatinha e nem «mamã» diz – comentei, apontando para os movimentos rastejantes do nosso irmão.

– O Giuseppe não é normal, só agora é que percebestes? É retardado – respondeu, como se nada fosse.

Fiquei com a faca suspensa no ar, o fruto caiu-me da mão. Em algumas ocasiões, as sínteses súbitas e espontâneas da Adriana atingiam-me como raios. Acompanhei o bebé que passeava pela casa, levantei-o dos ladrilhos e peguei-lhe um pouco ao colo, falando com ele. Via-o agora com outros olhos, como a sua diferença exigia.

Nunca soube exatamente o que ele tinha, ou o que lhe faltava. Há alguns anos, um médico leu-me um diagnóstico abstruso.

– É um problema congénito? – perguntei.

Observou-me da cabeça aos pés, com a minha indumentária impecável e o meu aspeto que creio que era agradável.

– Em parte, sim. Mas também jogaram contra ele alguns fatores... enfim, ambientais. Em pequenino, deve ter sofrido algumas formas de privação.

Observava-me com insistência por detrás da mesa, com as mãos abertas sobre o processo clínico. Talvez medisse o fosso que existia entre mim e o meu irmão, pensando que a sua teoria dos fatores ambientais não batia certo. Ou talvez eu é que esteja a imaginar coisas.

Na escola primária, o Giuseppe foi um dos primeiros a terem apoio escolar, mas o professor mudava todos os anos e os laços rompiam-se a cada mês de junho. Eu própria o vi deixar uma lágrima como recordação na palma da professora Mimma. Aliás, as mãos sempre foram o tema preferido dos desenhos

que ele fez em grande quantidade desde pequeno, era essa a sua atividade predominante nas aulas. Representava os colegas a escreverem, dando especial atenção aos dedos, o resto era um mero esboço, a cabeça uma oval com poucos traços distintivos.

Nunca aprendeu a defender-se e se, sem querer, se via no meio de uma zaragata, ficava parado, cândido e quieto, exposto aos golpes acidentais. Nunca ninguém lhe bateu de propósito. Numa manhã em que o fui buscar à escola, ele tinha um corte numa maçã do rosto. A professora disse-me que levara um murro de um menino que fazia pontaria a outro. O Giuseppe pegara-lhe na mão, abrira-a e observara-a longamente, como se procurasse o nexó entre a sua beleza e a dor que lhe infligira. O colega ficara imóvel, deixando-se examinar.

17.

O toque soou. Ao longo do corredor, os outros mantiveram uma distância que me isolava como se fosse uma estranha. Alguém colara à carteira onde eu me ia sentar uma etiqueta invisível com a alcunha que, na aldeia, usavam desde que eu voltara para a família. Eu era «a Regressada». Ainda não conhecia praticamente ninguém, mas eles sabiam mais sobre a minha história do que eu, tinham ouvido as conversas entre os adultos.

Quando ela era pequena, uma parente distante qui-la como filha. Mas, agora que é crescida, porque é que voltou para cá, para casa destes mandriões? A mulher que a criou morreu?

A carteira ao lado da minha ficou vazia, ninguém a escolheu. A professora de Letras apresentou-me, dizendo que eu nascera ali na aldeia, mas crescera na cidade e regressara agora, já adolescente; vá-se lá saber quem é que lhe contara.

– Vai frequentar o oitavo ano convosco – anunciou, entre os cochichos e as risadinhas. Convidou uma rapariga com os dentes tortos a sentar-se ao meu lado e ela obedeceu, bufando e arrastando a cadeira com muito barulho. – Vai fazer-te bem – acrescentou a professora Perilli, quando a insociável acabou de se instalar e recolher os livros que tinha deixado cair –, serás obrigada a falar em italiano. – Dirigia-se a ela, mas observava no meu rosto o efeito da primeira tarefa que me confiava. Depois, perguntou a cada um de nós como tínhamos passado as férias.

– Eu vim para cá – disse baixinho, quando chegou a minha vez. Não dei voz aos instantes que me concedeu para continuar e ela não insistiu com perguntas. Tinha olhos pequeninos, mas muito azuis, e pestanas tão curvas que desenhavam círculos quase perfeitos. Via-a bem do lugar que me tinha calhado, à frente e ao centro, e sentia o seu perfume. O voo lento das mãos que acompanhavam as palavras no ar começava já a seduzir-me. Na segunda hora, reparei nas pernas dela, tornadas mais grossas pelas faixas que as envolviam por dentro da meia-calça. Estava muito perto de mim, pousou a ponta dos dedos na minha carteira.

– Fui operada às varizes, há pouco tempo – respondeu, ao meu mero olhar.

Sobressaltada, levantei os olhos até onde podia, a professora Perilli estava mesmo ali. Detive-me nos anéis com as gemas coloridas e luzes misteriosas nas profundezas secretas das pedras.

– A azul é uma safira – disse ela – e a vermelha, um rubi. Vamos estudar, a Geografia, os países produtores destas maravilhas. – Depois, dirigindo-se a toda a turma: – Agora, vamos fazer uma revisão de gramática, lembrem-se de que este ano têm um exame final. – Tirou do meu caderno um gancho que lhe tinha caído do penteado e voltou para a sua secretária.

Apresentou-nos palavras para analisarmos e eu respondia também às perguntas dirigidas aos outros, numa voz baixíssima. Ela apercebeu-se e lia a exatidão nos meus lábios.

– O que significa «armando»? – perguntou.

– É o meu tio – lançou um engraçadinho.

– Muito bem, nome próprio de uma pessoa – felicitou-o ela, abanando ligeiramente a cabeça.

– É o gerúndio do verbo «armar» – escapou-se-me, um pouco mais alto.

– A Regressada sabe tudo – riu-se o sobrinho do tal Armando.

– Sim, ao contrário de ti, ela estudou os verbos – concluiu secamente a professora Perilli, fulminando-o com o olhar.

No intervalo, a Adriana apresentou-se sem o mínimo receio à porta da sala de aulas. Atravessara o jardim que dividia a escola primária do liceu e tinha ido ver como é que eu estava. Faltavam-lhe alguns botões na bata azul-celeste e a batinha tinha uns quantos centímetros descosidos. Qualquer outra menina de dez anos teria parecido patética, com a sua magreza e cabelo oleoso, entre aqueles rapagões prontos para fazerem troça dela.

– Que fazes aqui? – perguntou a professora, levantando-se, um pouco inquieta.

– Vim ver se a minha irmã está bem. Ela é da cidade.

– A tua professora sabe que saíste?

– Eu disse-lhe, mas ela se calhar não ouviu, porque os rapazes estavam a fazer uma barulheira dos diabos.

– Então, deve estar preocupada contigo. Vou chamar um contínuo para te acompanhar à sala.

– Eu sei voltar prà sala sozinha, conheço o caminho. Mas, primeiro, queria saber se está tudo bem com a minha irmã. – E apontou para mim.

Eu tinha ficado sentada no meu lugar, paralisada de vergonha. Com o rosto vermelho, fixava obstinadamente a carteira, como se a Adriana não me dissesse respeito. Tive vontade de a matar, mas, ao mesmo tempo, invejava-lhe aquela desenvoltura natural e descarada.

Assim que a professora a tranquilizou em relação a mim, ela levantou a voz para marcar encontro comigo à saída e finalmente decidiu-se a ir embora.

Os meus colegas estavam todos de pé, reunidos em grupinhos pela sala. Mastigavam qualquer coisa, conversando e rindo, supus que de mim. A visita da Adriana tornou-me um alvo ainda mais fácil, ou talvez eu estivesse a sobrevalorizar o interesse que suscitava neles.

Não tinha nada para o lanche, não estava habituada a prepará-lo sozinha. Da secretária, a professora Perilli observava-me de vez em quando, discretamente, folheando um livro. Apesar das pernas enfaixadas, a dada altura levantou-se quase de um salto.

– Ao menos, come isto. Tenho sempre alguns no saco, para os alunos que se esquecem de trazer a merenda. – E pousou um pão com açúcar em cima da minha carteira. Afastou-se na direção de uma disputa que ameaçava descambar. Passados uns minutos, imobilizou-se de novo, voltando para a secretária. O intervalo estava quase a acabar. Perguntou-me pelo Vincenzo, que tinha sido aluno dela. Não soube o que lhe responder, ele não voltava para casa havia vários dias e já ninguém na família parecia importar-se com isso. Nem a Adriana sabia ao certo onde ele estava. Até eu começava a esquecer-me um pouco dele.

– Trabalha, mas nem sempre – disse.

O toque soou e os outros voltaram para os seus lugares, com o habitual ruído dos pés metálicos das cadeiras a arrastar.

– Que tipo de trabalho?

– O que consegue arranjar. – E voltei a vê-lo numa tarde de calor abafado, a partir lenha para uma vizinha que preparava já as reservas de inverno. Eu tinha descido para ir buscar qualquer coisa à garagem e detivera-me fascinada a observá-lo, sem ele saber, concentrado no esforço, que acompanhava com gritos guturais, a cada golpe de machado. Nas torções do tronco, os músculos brilhavam à luz ainda crua do dia, um regato de suor descia-lhe ao longo das concavidades da coluna dorsal, molhando-lhe os calções, a única peça de roupa que ele envergava.

– É uma pena, os estudos.

– Como?

– É uma pena ele ter abandonado os estudos – repetiu a professora Perilli.

– Ele é um delinquente! – disse uma voz, elevando-se atrás de nós.

Ela dirigiu-se ao rapaz que intercetara a nossa breve conversa.

– Foi o que me disseram também de ti, que és um delinquente – picou-o. – Devo acreditar?

À saída, quis ignorar a Adriana, mas era impossível. Esperava-me ao portão, toda alegre e saltitante.

– És um génio das palavras, os professores do liceu só falam de ti.

Avancei em silêncio. Ela sabia sempre tudo, quase antes de as coisas acontecerem, é um fenómeno que ainda hoje não consigo explicar. Encontrava-se sempre no lugar certo, escondida atrás de uma porta, uma esquina, uma árvore, com o seu ouvido prodigioso. Perdeu-o, em parte, ao crescer.

Caminhava uns passos atrás, talvez envergonhada por causa da minha cara amuada.

– Mas o que é que eu te fiz? – protestou, diante do correio.

A possibilidade de me ter incomodado com a sua incursão na minha sala de aulas nem sequer lhe passava pela cabeça. Decidi esperar por ela, quando dois rapazes da minha turma a flanquearam: eu era a irmã mais velha e devia protegê-la.

– Mas os vossos pais são o quê, dois coelhos? Com a Regressada, quantos é que vocês são agora, seis, sete? – gozou o maior.

– Pelo menos a nossa mãe faz filhos com o marido, enquanto a tua dá tudo a quem lhe quiser saltar prà espinha – retorquiui a Adriana, de resposta sempre pronta, acelerando o passo. Com um toque rápido no braço, sugeriu que eu também corresse e, então, fugimos, com a vantagem da surpresa e da ligeireza. Não vieram atrás de nós e, quando nos sentimos em segurança, desatámos a rir como umas perdidas, relembrando a cara gorda que empalidecera perante o insulto.

– Mas o que é que significa ao certo o que lhe disseste? – perguntei. – Não percebi bem.

– Olha, se queres ficar por cá, devias era aprender palavras em dialeto.

18.

Depois de vários dias de ausência, o Vincenzo regressou numa tarde de outubro, com o rosto diferente e a expressão de quem superara um limite. Envergava roupa nova e o cabelo acabadinho de cortar no barbeiro deixava mais à vista a espinha de peixe na têmpora. Trazia um presunto que pousou com cuidado numa cadeira da cozinha, como se fosse um convidado importante. Com aquela prenda, talvez esperasse que ninguém o repreendesse pela sua enésima fuga. Os olhos de todos aterraram na perna salgada, com o osso a espreitar da carne seca. O pai não estava, ainda não tinha voltado da fábrica.

– Começamos? – perguntou o Sergio, no meio daquele silêncio.

– Não, esperamos pela janta – respondeu o irmão, bruscamente.

Mandou-me a mim e à Adriana à padaria, buscar um pão do dia. A mãe costumava comprar o da véspera, porque era mais barato.

Os rapazes não quiseram correr o risco de se afastar e passaram cada minuto da longa espera nervosa sem arredar pé dali. Apoiado na vertical às costas da cadeira, o presunto fixava-nos, impassível. O cheiro da banha apimentada que o recobria intensificava-se a par com a nossa fome. De vez em quando, o Vincenzo lançava um olhar furtivo ao meu corpo e à expressão do meu rosto, que questionava a proveniência daquela sua oferta. O Giuseppe gatinhava em redor dos pés da cadeira, também ele se apercebia de que todas as atenções estavam centradas ali em cima.

– Mas podemos cortá-lo entretanto, ou não? – impacientou-se o Sergio.

– Não, quero que ele o veja inteiro – retorquiu o Vincenzo, com um tom feroz, destinado ao pai que nunca mais chegava.

Finalmente ele apareceu, com as calças sujas dos tijolos crus, os dedos arranhados e esbranquiçados.

– O teu filho voltou com isto – disse-lhe a mulher, apontando com o queixo. – Vai-te lavar, para comermos.

Ele lançou uma olhadela distraída ao jantar.

– Onde é que o roubou? – perguntou, como se o Vincenzo não estivesse ali, a um metro dele, de punhos cerrados, a ranger os maxilares.

Ao passar para se ir lavar, o pai deu um empurrão à cadeira e o presunto caiu, com um baque suave. O Sergio apanhou-o prontamente e pousou-o na mesa, pegando numa faca, pois era chegada a hora. O Vincenzo tirou-lha das mãos e aproximou-se da porta da casa de banho.

– Estou a trabalhar num talho da cidade e o patrão quis recompensar-me com um prémio, além do dinheiro que me devia por tudo o que fiz – disse ele ao pai, que saía com as mãos húmidas. Indicou-lhe o presunto com a lâmina da faca e, depois, encostou-lha ao pescoço por um instante. – Tu, para os teus filhos, só serves para comprar pão velho em saldo na padaria, é por isso que dizes mal – sibilou-lhe, antes de o deixar ali, sem palavras.

Afiou a faca com a ajuda de outra e começou a cortar, furioso. Atirava as fatias para um prato que a Adriana segurava, deslocando-o ligeiramente para um lado ou para o outro para ele não falhar a pontaria, mas as mãos dos irmãos esticavam-se e apanhavam-nas quase em voo. Eu observava a destreza com que o Vincenzo separava a pele da gordura com uma lâmina tão pouco indicada e sentia-me culpada por causa da minha desconfiança, igual à do pai. Talvez quisesse mesmo aprender o ofício e quiçá, da outra vez, não estivesse a mentir quando disse que os ciganos lhe tinham pagado com ouro. Os boatos da aldeia também podiam ser infundados.

– Chega, assim não dá – disse ele aos irmãos. – Têm que o comer com o pão e vocês os dois não são os únicos que têm boca.

Fez sinal à mãe, que percebeu que devia cortar o pão. Com a Adriana, preparei as sanduíches e distribuímo-las várias vezes, três ou quatro para cada um, mas a primeira foi para o pai, que a aceitou sem qualquer embaraço. O Giuseppe chupava uma fatia de presunto condimentada com o ranho que lhe pingava do nariz, até eu ver e o limpar. A Adriana e eu servimo-nos no fim, juntamente com o Vincenzo. Ele alimentara a sua família. Sentou-se ao nosso lado e mastigámos em silêncio, enquanto os outros, saciados, saíam da cozinha um a um.

– A professora Perilli manda-te cumprimentos – disse-lhe eu, quando acabámos de comer.

– Ah, a Perilli. Não queria que eu desistisse da escola.

– Pois não, aliás aconselha-te a voltar.

– Sim, está-se mesmo a ver! Eu, com esta barba, a aparecer com um caderno, só se for para fazer rir os putos. – Falou com ar fanfarrão, mas corou ligeiramente.

– Segundo a professora, és muito inteligente.

– É por isso que não volto para a escola, tenho mais que fazer. – Levantou-se para arrumar o presunto, do qual pouco sobrara.

– Agora que estás a trabalhar na cidade, dormes em casa dos teus amigos? – perguntei, varrendo as migalhas do chão.

– E daí? Que mal tem? Os ciganos que conheço vivem em casas e são honestos, não são nada como as pessoas julgam. O carabineiro meteu-te um monte de idiotices na cabeça.

Mais tarde, a ausência da lua à janela mergulhava o quarto em silêncio e escuridão absoluta. Eu não conseguia dormir, mas, talvez por estar distraída com a minha própria respiração, não me apercebi de nenhum movimento, só do hálito quente e salgado dele em cima de mim, de repente. Devia estar de joelhos em cima dos ladrilhos, ao meu lado. Afastou o lençol e esticou a mão, nunca imaginei que pudesse ser tão tímida e leve. Mas era o início, ou o medo de que, se me acordasse bruscamente, eu gritasse. Fiquei imóvel só por fora, toda a minha pele se arrepiou, o coração começou a bater mais depressa, as mucosas ficaram húmidas. Vejo-me à distância no meu corpo adolescente, campo de batalha entre aqueles desejos novos e as interdições de quem me mandara de volta para ali. O Vincenzo agarrou-me num seio com a palma da mão e encontrou o mamilo ereto. Senti-o deslocar-se e o colchão ceder ao meu lado, mas não fazia ideia da posição exata dele. Quando pousou os dedos no meu púbis, apertei-lhe o pulso com a mão. Deteve-se, mas parecia uma pausa momentânea, e eu própria não sabia quanto tempo duraria a minha resistência.

Não estávamos habituados a ser irmão e irmã e, no fundo, não acreditávamos realmente nisso. Talvez eu não o tenha detido por nos correr nas veias o mesmo sangue, provavelmente ter-me-ia defendido de qualquer outro rapaz. Arquejávamos, suspensos na orla do irreparável.

Fomos salvos por um bocejo da Adriana. Como uma gata ensonada, descia a escada às escuras para vir terminar a noite ao meu lado. De certeza que fizera chichi na cama de cima. O Vincenzo mexeu-se, rápida e silenciosamente, um animal apanhado de surpresa. A irmã não se apercebeu dele. Cedi-lhe um espaço a escaldar de energias que ela ignorava e começou imediatamente a transpirar. Passado um pouco, destapou-se, também eu continuava a irradiar calor. Virei o ouvido na direção da cama de lona do Vincenzo, senti-o agitar-se e, depois, silêncio. Possivelmente chegara sozinho aonde me queria levar.

Como nos outros dias, levantei-me ao raiar do dia, para estudar sentada à mesa da cozinha. Naquela casa, por vezes era impossível fazê-lo à tarde. Ele também acordou cedo, abriu a torneira nas minhas costas e esperou que saísse água mais

fresca. Ouvi-o beber longamente, em grandes sorvos ruidosos. Eu tinha a cabeça debruçada sobre uma guerra qualquer no meu livro de História, mas estava completamente desconcentrada. Ele ficou uns minutos ali, atrás de mim, sem que eu sentisse nenhum movimento. Depois, encostou-se à minha cadeira e, afastando-me o cabelo dos olhos, beijou-me na testa. Desapareceu sem dizer nada.

19.

A caligrafia ondulante inscrita no envelope que chegara nessa manhã era da Lidia, a irmã do meu pai carabineiro. No lado do destinatário, escrevera apenas o meu nome próprio, o apelido da família a quem devia ser entregue e a aldeia. Não sabia o endereço exato, mas também não pusera o seu, no espaço do remetente. Mesmo sem rua, o carteiro entregara a carta e a mãe dera-ma, quando eu voltara da escola.

– Nem penses que a vais ler agora, põe a mesa – ordenou, num tom amargo.

Andava irritada comigo, ultimamente, desde que a professora Perilli a abordara na rua. Dissera-lhe que eu era uma aluna brilhante e que, no ano seguinte, devia inscrever-me num liceu na cidade. Ela, professora, acompanharia as decisões da família a esse respeito e recorrería às assistentes sociais, se fosse necessário. Com esta ameaça, deixara-a diante do correio.

– Aquela quer vir dar ordens dentro desta casa, diz que não podes acabar como os meus filhos rapazes. Até parece que fui eu que os obriguei a desistirem da escola! – desabafara a mãe. – E tenho culpa, se és demasiado esperta? Gastas eletricidade a estudar de manhã cedo e eu nunca digo nada.

A seguir ao almoço, quis que lavasse eu a louça, mesmo não sendo a minha vez, e depois mandou-me enxugá-la. Normalmente, secava por si só na bancada, mas, naquele dia em que eu tinha pressa para abrir o envelope, ela fazia-me perder tempo de propósito.

A Lidia escrevera um simples bilhete. Da folha dobrada, caíram algumas notas de mil liras. Tinham-na informado da minha mudança, era assim que lhe chamava, o que não lhe agradava, mas eu era uma rapariga muito inteligente e ela confiava na minha capacidade de adaptação. Infelizmente, vivia longe e estava muito ocupada com o trabalho e a família, senão teria ido visitar-me, para ver como me estava a dar em casa dos meus pais verdadeiros. Não são maus, tranquilizava-me, são nossos primos afastados, meus e do teu pai. Sabia que eras filha deles, mas não me cabia contar-te. Além disso, estava convencida de que ficarias para sempre com o meu irmão e a minha cunhada. Às vezes, basta uma pequena coisa para que a vida mude de repente.

Seguiam-se algumas perguntas, talvez não se tivesse apercebido de que, ao omitir o seu endereço, não poderia receber resposta. Concluía anunciando que me viria visitar no verão, durante as férias. Entretanto, o dinheiro ser-me-ia útil para as pequenas despesas pessoais. Também ela se preocupava só com isso, como se ali onde eu estava não me faltasse mais nada.

Fiquei imóvel, com a folha inerte nas mãos. Uma raiva ácida subiu-me do estômago, como uma onda às avessas. A mãe aproximou-se, atraída pelas notas que provavelmente vira a voar. Apanhou-as e entregou-mas, pedindo para eu lhe dar um par. Levantei os ombros sem forças, o que ela interpretou como um sinal de assentimento. Não estava ninguém em casa, àquela hora. Ela baixou-se para procurar qualquer coisa no espaço por baixo do lava-louça, entre garrafas cheias e vazias, o lixo, tocas de baratas. Fechou a cortina, para evitar o cheiro a mofo, e virou-se. Eu estava diante dela, a poucos centímetros.

– Onde é que está a minha mãe?

– Estás cega ou quê? – respondeu, com um gesto apontando para si própria.

– A outra. Vão-se decidir de uma vez por todas a contar-me que fim ela levou?

– E atirei a carta da Lidia ao ar.

– Eu sei lá onde é que ela está?! Só a vi uma vez, pouco tempo antes de voltares. Veio falar connosco, acompanhada por uma amiga. – Arquejava ligeiramente, o suor humedeceu-lhe a penugem acima dos lábios.

– Não morreu? – insisti.

– A que propósito? Aquela vai viver cem anos, com a vidinha confortável que tem – retorquiu, rindo-se, nervosa.

– Quando me mandou para vossa casa, estava doente.

– Olha, então não sei de nada. – As duas mil liras que enfiara no sutiã tinham saído do lugar e espreitavam pelo decote em V da camisola.

– Mas vou ter de aqui ficar para sempre ou um dia eles vêm-me cá buscar? – perguntei, hesitante.

– Vais ficar connosco, isso é uma certeza. Mas não me faças perguntas sobre a Adalgisa, terás de ver isso com ela.

– Mas quando? E onde? Alguém me diz? – gritei-lhe na cara, tão próxima da minha.

Arranquei-lhe do peito as notas enroladas e rasguei-as em pedacinhos. Imobilizada pela estupefação, não teve tempo de me impedir, não reagiu imediatamente. Fitou-me com as pupilas fixas e negras. Arreganhou os dentes como um cão que se prepara para atacar. A bofetada partiu com frieza, com força. Cambaleei, um passo para o lado, para não perder o equilíbrio. A garrafa

de azeite que ela tinha encontrado debaixo do lava-louça ficara no chão. Lancei-a e partiu-se. Por uns instantes, observámos, quase hipnotizadas, a mancha amarela e transparente que se espalhava devagar pelos ladrilhos, para lá dos vidros e sobre os fragmentos das notas.

– Ainda estava meio cheia e era a última. Este ano, vais connosco apanhar as azeitonas, assim aprendes a ganhar aquilo que comes – disse, antes de começar a bater na cabeça que provocara aquele desastre.

Eu protegia-me com as mãos nas orelhas e ela procurava espaços descobertos para me atingir e magoar.

– Não, não, nela não! – gritou a Adriana, acabada de chegar com o Giuseppe, nem ouvi a porta. – Eu limpo, mas nela não podes bater – insistiu, agarrando no braço da mãe, tentando defender a minha unicidade, a diferença entre mim e os outros filhos, incluindo ela. Nunca consegui explicar o gesto daquela menina de dez anos que todos os dias apanhava uma sova, mas queria salvar o privilégio do qual eu, a irmã intocável, recém-regressada, gozava.

Levou um empurrão que a fez cair de joelhos em cima dos cacos gordurosos. No parque, o Giuseppe fez coro com os gritos dela, de dor. Ajudei-a a levantar-se do chão e a sentar-se, comecei a arrancar com os dedos os pedacinhos enterrados na pele. O sangue escorria ao longo da penugem que as meninas daquela idade por vezes têm. Ouvimos a porta bater e o choro do bebé interromper-se de repente, a mãe tinha ido embora. Para os cacos mais pequenos, tive de usar uma pinça das sobrancelhas, que a Adriana tinha, sei lá como. Deixava escapar alguns ais, de vez em quando. Era preciso desinfetar.

– Só temos álcool – disse, resignada.

Chorei também eu, enquanto ela gritava por causa do ardor, e pedi-lhe desculpa, a culpa era toda minha.

– Não fizestes de propósito – absolveu-me ela –, mas agora podemos contar com sete anos de desgraça. Esta foi a primeira. Azeite derramado é como um espelho partido.

No fim, enfaixei-lhe os joelhos com lenços de homem, não tínhamos mais nada. Quando se levantou, caíram-lhe para os tornozelos. Ela quis ajudar-me a limpar, com todo o cuidado para não nos cortarmos. Viu a carta no chão e as notas rasgadas, contei-lhe o que acontecera.

– Estás sempre calada que nem um rato e hoje, de repente, passastes-te da cabeça? – perguntou, olhando para a cozinha em redor. – Ao menos escondestes o dinheiro que te restou?

A mãe pousara as notas na mesa, depois de as recolher, mas tinham desaparecido. Provavelmente levava-as antes de sair, como ressarcimento dos danos que eu lhe causara. Mais tarde, voltou para casa como se nada tivesse acontecido, era o seu costume. Mandou-nos descascar batatas para o jantar.

– A vizinha de baixo diz que és a melhor aluna da escola – relatou e, por um instante, a sua voz habitualmente apática denotou orgulho. – Não dês cabo da vista com os livros, os óculos são caros – acrescentou.

Depois desse dia, nunca mais me bateu.

20.

Não o víamos havia vários dias. Os boatos da aldeia diziam que ele se juntara a um bando de ladrõezecos que percorriam o campo e atacavam casas rústicas isoladas, à mesma hora em pontos diferentes, a acreditar nos rumores.

O presunto que ele trouxera já quase acabara. A mãe serrara o osso em pequenos pedaços, enquanto a Adriana e eu pegávamos nele pela ponta. Cozera-os um a um com os feijões e as sopas ficavam cheias de gordura e saborosas. A nossa alimentação mantivera-se invariável durante um tempo e os nossos intestinos estavam virados do avesso.

A minha irmã não foi à escola nesse dia de manhã, doía-lhe a barriga. A viúva do rés do chão abriu a porta, quando reconheceu os meus passos.

– Tem cuidado, que hoje deve acontecer uma desgraça – anunciou. – Ontem à noite, duas corujas cantavam à janela da tua mãe – respondeu, perante o meu olhar interrogativo.

À saída das aulas, o ar estava demasiado quente para a época. Eu atravessava a praça entre as bancas do mercado que estavam a ser montadas. Diante da carrinha dos leitões, um redemoinho de vento levantou poeira e papéis, o vendedor correu a cobrir os restos com uma toalha. Viu-me, como todas as quintas-feiras.

– Que fazes aqui? Não soubeste o que aconteceu ao teu irmão?

Fiz que não com a cabeça.

– Um acidente, na curva grande depois da draga.

Imobilizei-me. Não quis perguntar a qual dos irmãos se referia. Acrescentou que os nossos pais estavam no local. Não me lembro como fiz para lá chegar também, a quem pedi para me acompanhar.

Havia carros estacionados na berma da estrada, atrás do da polícia. Alguém chamara as autoridades por causa de um roubo, já não confiavam nos carabineiros da aldeia, que nunca apanhavam aqueles rufias. Os agentes tinham perseguido a velha moto com o tubo de escape roto e, na curva, uma guinada, devido a um pouco de cascalho ou uma mancha de óleo, atirara-a para fora da estrada. O rapaz que conduzia agarrara-se ao guiador e não tinha ferimentos graves, já o estavam a operar no hospital.

O Vincenzo largara a cintura do amigo. Voara por cima da erva outonal, até ao terreno das vacas. Talvez tenha visto, naqueles ínfimos instantes pelos ares, onde se ia enredar. Caíra com o pescoço em cima do arame farpado, como um anjo demasiado cansado para bater as asas uma última vez, para lá da linha fatal. Os espigões de ferro tinham-se-lhe enterrado na pele, abrindo a traqueia e rasgando-lhe as artérias. Ficara dependurado com a cabeça voltada para os animais no pasto, o corpo inerte do outro lado, sobre os joelhos, um pé torto. As vacas viraram-se para o mirar, depois baixaram os focinhos e recomeçaram a pastar. Quando cheguei, o camponês imóvel apoiava-se no punho da sua forquilha, diante da morte que acontecera no seu terreno.

Os polícias disseram que era preciso esperar pelo médico. Encostada a uma árvore, eu via-o um pouco à distância. O Vincenzo. Não sei porque é que não o cobriram, ali ficou, exposto aos curiosos, como um espantalho mal conseguido. Levantara-se um vento ligeiro, que lhe movia intermitentemente as fraldas da camisa.

Agachei-me, deixando as costas deslizarem ao longo da aspereza da cortiça. Vindos de um lado qualquer, os gritos da mãe, como uivos diurnos. Depois, o silêncio preenchido por uma voz baixa que tentava consolá-la. De vez em quando, levantavam-se também para o céu as injúrias do pai, acompanhadas por esbracejares ameaçadores dirigidos a Deus. Outras mãos seguravam-no, na tentativa de o acalmar.

Estendi-me de lado e encolhi-me na posição fetal em cima do minúsculo povo da relva. Alguém se apercebeu da minha presença, aproximou-se. A Regressada, diziam as pessoas, ou então: a irmã. Ouvia-as, mas como que através de um vidro. Tocaram-me num ombro, nos cabelos, seguraram-me pelas axilas e fizeram-me sentar. Não podia continuar caída no chão, daquela maneira. Descreviam entre si o acidente, sem pouparem nos pormenores, como se eu ali não estivesse. Perguntavam se os rapazes tinham andado a roubar, antes. Um garantia que sim, mas não sabia onde, nem o quê. Os polícias só tinham encontrado, caídas perto da moto, duas canas de pesca e uma saca com lúcios, apanhados no rio naquela manhã soalheira. Talvez o meu irmão tencionasse levá-los para o jantar, como o presunto. Dois homens maravilhavam-se, nunca tinham visto lúcios tão grandes naquela zona.

A luz alternava com a sombra das nuvens que vinham da montanha e um frio súbito. Pensaram em acompanhar-me à quinta, para eu beber um copo de água. Recusei-me a ir. Pouco depois, a camponesa trouxe-me uma chávena de leite das suas vacas.

– Toma – disse.

Abanei a cabeça, mas, depois, houve qualquer coisa nela, a espessura da sua mão na minha bochecha, que me convenceu a provar. Bebi um gole, mas sabia a sangue. Devolvi-lhe a chávena, já a chuva começava a cair dentro dela.

*

O Vincenzo não voltou para casa, não havia espaço suficiente para um velório. A igreja paroquial acolheu o caixão de pinho tosco que o continha, vestido com uma camisola e as calças à boca de sino que comprara pouco tempo antes. O médico do serviço de saúde suturou-lhe, por compaixão, a ferida grande no pescoço. Os pontos pareciam os espigões de ferro que se lhe tinham enterrado na carne no final do seu voo. Aquele corte não teria tempo para cicatrizar como a espinha de peixe na têmpora. Na penumbra saturada de incenso, o rosto parecia inchado e lívido, exceto algumas zonas subitamente claras, com uma coloração quase esverdeada.

A Adriana foi a última a saber. Um longo ataque de choro, atirada para cima da cama vazia do irmão.

– Agora, já não te posso devolver o dinheiro que me emprestastes – repetia ela, na ausência.

Depois, pôs-se a vasculhar o quarto, com as mãos febris nas gavetas, nos armários, nas latas. Vi-a guardar qualquer coisa num bolso, antes de sair para ir ao encontro dele na igreja. As vizinhas atarefavam-se em redor do caixão, instalando ao lado do corpo os objetos úteis ao Vincenzo no Além: pentes, lâmina, lenços de homem. Moedas para pagar a Caronte a travessia de barca. A Adriana aproximou-se, tocou-lhe nos dedos entrelaçados sobre o peito. Retraiu-se de repente, não esperava que estivessem tão frios e rígidos. Tirou do bolso a prenda dos ciganos e quis enfiar-lha no dedo médio, onde ele costumava usá-la. Não conseguiu, teve de tentar no dedo mindinho e ficou a meio. Girou um pouco o anel, do lado da decoração gravada na prata.

Veio pouca gente despedir-se dele, familiares e velhas das redondezas, as pessoas cuja única distração era ver os mortos. A professora Perilli apareceu e, em vez de lhe fazer um sinal da cruz como os outros, deu-lhe um beijo na testa, depois de uns minutos de pé ao lado dele.

De uma aldeia da montanha chegaram os avós paternos, que nunca se deslocavam. Sentaram-se junto do neto, estendido para sempre. Eu não os conhecia e não sei se se lembravam de mim, recém-nascida. A Adriana sussurrou-lhes quem eu era e, imóveis, observaram-me um instante, como se

fosse uma forasteira. Retraíram-se sobre si próprios. A minha primeira mãe já tinha perdido os pais, por isso eles não a podiam consolar.

Por volta das onze horas, o pároco começou a apagar as velas e a mandar toda a gente embora. O Vincenzo ficou sozinho na sua última noite à face da Terra, sob o olhar fixo das estátuas.

*

Na homilia da manhã seguinte, só distingui umas quantas palavras, alusões a quem se perdia à falta de uma orientação certa e firme, ovelhas tresmalhadas que o Senhor acolheria no seu abraço misericordioso, graças às nossas orações. À saída, um aguaceiro e um círculo de chapéus de chuva pretos à nossa volta, para as condolências. Um desconhecido que não as sabia formular sussurrou-me felicidades, dando-me dois beijinhos. Creio que foi nesse momento que senti que pertencia à família do Vincenzo.

No cemitério, já não chovia. Éramos poucos os que tínhamos ficado com ele. Do lado oposto da sepultura, apareceu, a dada altura, o meu pai carabineiro, que segurava na gola levantada do casaco diante do pescoço. Cumprimentou-me com um discreto aceno de cabeça e, depois, abriu a boca como se me quisesse falar dali. Voltou a fechá-la. Usava barba, como o Nicola me tinha contado, e parecia um pouco desleixado. Quase não reagi ao encontro tão esperado, não me aproximei dele; de qualquer maneira, naquele instante, não saberia o que lhe dizer. Passados uns minutos, desapareceu.

Vieram também os ciganos, que se puseram à parte, num sítio onde havia um feixe de sol. Eram quatro, creio que da idade do meu irmão, exceto um que parecia mais velho e vestia uma camisa violeta com um grande colarinho e um botão de luto fixado no peito. Levavam os sapatos polidos e brilhantina nos cabelos escuros penteados para trás, como ao domingo. Prestaram assim homenagem ao companheiro, com a sua simples presença.

Do lado de lá do muro do recinto, esperavam-nos os cavalos, deixados à solta.

21.

Voltámos para a casa gelada. Naquela noite, a neve surgira prematuramente nas montanhas e havia umas horas que o vento fustigava o vale. Os vidros das janelas mal vedadas vibravam, as correntes de ar sopravam nas assoalhadas. A vizinha, que tomara conta do Giuseppe durante o funeral, trouxe-o de volta, mas, quando se aproximou da mãe com o bebé ao colo, ela virou-se para o outro lado. Nem a Adriana o quis. Peguei eu nele, sentei-me numa cadeira e encostei a cabeça à parede. Limitei-me a segurá-lo, sem forças. Ele sentia que não se devia fiar em mim e não se mexia. As mulheres dos outros andares tinham-nos preparado o tradicional «consolo», comida e bebida, em cima da mesa. Não sei se alguém comeu.

Passado um pouco, o Giuseppe começou a dar sinais de agitação, queria descer do meu colo. Gatinhou até à mãe, vestida de preto, observou-a de baixo para cima, com uns grandes olhos interrogativos. Ela também o deve ter visto, do alto da sua desolação. Contornou-o e foi-se deitar em cima da cama, onde ficou até ao fim da tarde do dia seguinte. As vizinhas revezaram-se a oferecer-lhe uma tigela de caldo quente, como das vezes em que tinha dado à luz, mas ela fazia sempre uma careta.

Nos dias que se seguiram, convidavam-nos a cada refeição, ora uma, ora outra. Eu preferia ficar ali e desenvencilhar-me com uma sanduíche ou com o que a Adriana me trazia da cozinha delas.

À noite, tinha a sensação de ouvir o Vincenzo a mexer-se entre os lençóis e que a morte não passara de um sonho ou de uma partida bem pregada. Por vezes, era o cheiro dele, inconfundível, que se espalhava no quarto. Era tão duro, o regresso à realidade da ausência. Cheguei a acordar, sobressaltada, sentindo a sua respiração na minha cara, como quando me procurara no escuro.

Não era a única pessoa que me preenchia as horas de insónia. Julgava que, no cemitério, mal tinha reparado no meu pai, mas o seu rosto meio coberto de barba visitava-me, insistente. Os olhos severos, ou melhor, desiludidos. Desistira de falar comigo, disso eu tinha a certeza. Talvez receasse que eu voltasse a pedir-lhe para me levar consigo, ou talvez houvesse mais qualquer coisa no olhar dele. O peso de uma reprovação silenciada. E se tivesse sido ele quem decidira mandar-

me embora? Eu nunca pensara nessa possibilidade. Mas que culpa podia eu ter? Alguém lhe contara que eu dera um beijo nos corredores da escola? Não era razão suficiente para cortar com uma filha. Eu percebia isso, mesmo sendo tão jovem, até nas fantasias que a noite agravava. Se fizera alguma coisa de mal, não me lembrava.

No início, a mãe passava uma grande parte do tempo na cama, deitada de lado, de olhos abertos. O Giuseppe queria estar ao seu lado e não a aborrecia. Os seios que, dias antes, ainda o amamentavam, tinham secado. Ele deixava-se ficar aninhado junto dela, naquele calor passivo. Trepava pelo corpo abandonado, andava à volta dela. Depois de algumas tentativas, já nem tentava chamar-lhe a atenção, era inútil. De vez em quando, porém, berrava de repente e eu ia a correr. Imóvel por um instante no quarto, não sabia o que fazer. Ela fitava-me com aqueles olhos. Então, eu pegava no Giuseppe ao colo e levava-o.

Depois, ela começou a levantar-se, e as vizinhas, vendo-a a pé, deixaram de nos ajudar. Mas a mãe não fazia nada em casa, só tinha forças para caminhar ao longo da nacional, até à estrada dos ciprestes. Vestia-se sempre de preto e os cabelos despenteados pareciam folhas que tinham ficado agarradas aos ramos de uma árvore no inverno. Numa manhã, perguntei-lhe se podia acompanhá-la e fitou-me sem responder. Segui-a um passo atrás, não trocámos uma palavra durante dois quilómetros. Só ganhou vida sobre a terra que cobria o Vincenzo. Depois de morto, era o único filho que contava para ela.

No caminho de regresso, observei-a, à minha frente. Eu abrandava o passo, para acompanhar o dela. As ervas daninhas do talude arranhavam-na, mas ela não as sentia. De vez em quando, desviava-se para a linha branca que dividia a estrada, sem se aperceber do perigo. Uma buzina dela sobressaltou-a, antes que eu tivesse tempo de lhe corrigir a trajetória. A minha pena transformou-se, de repente, em raiva, incendiou-me por dentro. Ei-la, a *mater dolorosa* daquele rufia. Entregara-se completamente a ele, fechado entre as tábuas do caixão. Não tinha nada para mim, que sobrevivia. De certeza que, quando me dera, com poucos meses de idade, não ficara naquele estado. Aproximei-me dela e ultrapassei-a, segui caminho sem me virar para trás, para ver se não era atropelada por nenhum carro. Se alguém devia protegê-la, esse alguém não era eu.

*

Passados uns dias, a professora Perilli tocou à porta do prédio e perguntou por mim e pela Adriana. Descemos nós, com vergonha de a receber em casa.

– Amanhã, vocês as duas voltam para a escola – disse, imperiosa. Não acrescentou mais nada, o marido esperava-a dentro do carro, com o motor ligado.

– Eu vou, mas não é por ela, que nem sequer é minha professora. Vou porque me apetece – retorquiu a Adriana, nas escadas.

A seguir às aulas, tínhamos nós de cozinhar qualquer coisa para todos, normalmente uma sopa com massinha. Das primeiras vezes, eu não punha água suficiente na panela ou cozia demasiado a massa, se a minha irmã não ficasse de olho no que eu fazia.

– Tu és só cabeça – comentava, desanimada. – Não sabes fazer nada com as mãos, a não ser pegar na caneta.

Ela tinha jeito até para as compras, na frutaria comprava um quilo de batatas e pedia como oferta cenouras e cebolas para os nossos caldos de legumes. Do talho, apenas duzentos gramas de carne moída e restos para o cão inexistente. Cozê-los-íamos, mas para nós. Hoje, não como nada que possa assemelhar-se à nossa alimentação daquela época. Basta-me sentir o cheiro a comida cozida para ficar com vontade de vomitar.

– Aponta e, no fim do mês, o meu pai passa por cá – prometia a Adriana a cada comerciante. Com aquela sua prontidão e rapidez, já de saco na mão, desarmava-os. Atrás dela, eu não passava de uma muda presença de reforço. O desconforto causado por aqueles breves olhares que nos lançavam, enquanto nos serviam de boca fechada, acompanhava-me até à rua.

A minha irmã também era frágil. Refugiava-se no rés do chão, em casa da viúva. Em troca de companhia e alguns serviços, recebia afeto e comida. Levava o Giuseppe consigo, «senão ele morre», escapou-lhe uma noite, quando eu subia as escadas com ele, meio a dormir.

A mãe perdera o apetite e não pensava no nosso. Quando o pai regressava da fábrica, por vezes trazia um pouco de mortadela ou anchovas, se a mercearia ainda estivesse aberta. Quanto ao resto, contentava-se com as massas que nós preparávamos. À mulher, não dizia nada.

Nalgumas tardes, ela sentava-se, com os braços inertes em cima da mesa da cozinha. Não havia ninguém, nessas horas. Eu cortava o pão, molhava-o em azeite e deslizava o prato na direção dela, mas não demasiado próximo. Sentava-me também, de frente para ela, e começava a comer. Só com um dedo, empurrava o prato mais um pouco. Se ela não se sentisse forçada, por vezes pegava numa fatia e dava uma dentada, quase por reflexo involuntário. Mastigava lentamente, como se já não tivesse o hábito de o fazer.

- Falta o sal – disse, num desses momentos.
- Desculpa, esqueci-me. – Dei-lhe o frasco.
- Não, está bom assim. – E acabou de comer o pão.

Seguiram-se mais dias de silêncio. Ela engolira novamente a voz.

Num domingo, viu-me às voltas com uma cebola para o caldo de legumes.

- Comem sempre sopa de massa! – exclamou. – Não sabes fazer um molho?
- Não.
- Põe azeite e deita a cebola.

Esperámos pelo cheiro a cebola refogada. Ela abriu a garrafa de tomate que tínhamos preparado em agosto e eu verti-a na panela. Indicou-me a intensidade do lume e as ervas aromáticas que devia acrescentar.

– A massa sou eu que escorro – disse, depois. – Tu não estás habituada, deixas cozer de mais.

Servi o macarrão com molho de tomate a toda a família e pareceram contentes por terem uma refeição normal, mas ninguém disse nada. Ela aceitou três ou quatro, pouco condimentados. Sentou-se com os outros, como quando o Vincenzo era vivo, mas manteve o prato no colo, por baixo do rebordo da mesa, e comeu assim, de cabeça caída.

22.

O *Mercedes* creme estacionou no meio da praça e foi imediatamente cercado por crianças incrédulas. Saíram dois homens, um de bigode e o outro de chapéu branco com aba larga. Vi-os da janela, perguntavam qualquer coisa a um miúdo e ele apontava na minha direção. Pareciam ciganos e tive um certo medo, mas eles nem sequer à campainha tocaram. Encostaram-se à bagageira do carro e esperaram, fumando. De vez em quando, eu vigiava-os sem deixar que me vissem.

Quando o pai apareceu ao fundo, regressando a pé da fábrica, atiraram as beatas para o asfalto e foram ao encontro dele como se o reconhecessem. Ele limitou-se a abrandar e observou-os à distância, depois dirigiu-se à porta, ignorando-os. Barraram-lhe a passagem e, pelos gestos, percebi que era o do bigode quem falava, no início. Talvez pedisse para subir. Abri uma portada para ouvir.

– Em minha casa, ciganos não entram. Digam-me aqui o que querem.

Um motor a acelerar abafou a resposta, depois soou novamente a voz do pai, mais exaltada.

– Se o meu filho vos devia dinheiro, eu não sei de nada, nem quero saber. Vão perguntar-lhe pelo dinheiro, lá onde ele está agora.

O que se encontrava mais próximo tocou-lhe num braço como que para o acalmar, mas ele empurrou-o e o chapéu voou, rolando, todo branco. A Adriana viera ter comigo à janela, sustivemos ambas a respiração.

Não aconteceu nada, os dois voltaram para dentro do carro e partiram, o nosso pai entrou em casa batendo com a porta.

Uns dias depois, flanquearam-nos à saída da escola, mas não eram os mesmos e o carro, que só observávamos de esguelha, pareceu-nos muito mais pequeno e amolgado em vários sítios. A Adriana agarrou-me na mão e juntámo-nos a umas colegas da turma dela. Eles seguiam-nos a uma velocidade de caracol, enquanto caminhávamos pelo passeio, depois adiantavam-se um pouco e paravam à espera. Depois da praça, ficámos sozinhas, as outras tinham virado para uma rua. O rapaz que não ia a conduzir saiu do automóvel e dirigiu-se a nós com um meio sorriso. A minha irmã apertou-me a mão com a palma suada, era o sinal

combinado para darmos meia-volta. Daquela vez, era ela quem estava assustada, tinha ouvido histórias de ciganos que raptavam crianças. Virámo-nos rapidamente na direção da escola, mas, na esquina da tabacaria, quase caímos nos braços de quem nos procurava.

– Mas porque é que estão a fugir? Não vos quero incomodar, só fazer-vos uma pergunta!

Devia ter uns vinte anos e, de perto, era mais atraente do que ameaçador. Até a Adriana se sentiu mais tranquila, soltou-me a mão e, com um aceno de cabeça, fez-lhe sinal para falar. Talvez ele se sentisse constrangido perante duas raparigas, a sua gentileza parecia um pouco forçada. Por acaso o Vincenzo, perguntou ele, tinha deixado alguma coisa para os amigos? E não estaríamos nós a guardá-la?

– Mas o nosso irmão não sabia que ia morrer! O que é que ele haveria de ter deixado?

Os modos despachados da Adriana confundiram-no. Ele falou de uma quantia que o Vincenzo pedira emprestada para comprar uma moto. Dias antes da desgraça, o Vincenzo tinha dito que já estava pronto para a restituir. Podíamos nós procurar esse dinheiro?

– Achas que ele levava o dinheiro para casa?! Ele construiu uma cabana de madeira num sítio qualquer, perto do rio, e era lá que escondia as suas coisas – mentiu a Adriana, esperta. Depois, rematou a operação de despistagem dando-lhe indícios vagos sobre a localização da cabana. Assim nos livrámos dos credores do Vincenzo.

A seguir ao almoço, vi-a com uma velha caixa de sapatos debaixo do braço. Num sussurro, disse-me para a acompanhar à garagem.

– O anel que ele levou para o Além estava aqui dentro – explicou-me nas escadas. – Mas também havia outras coisas. Temos de ver melhor.

Fechámo-nos na garagem e tirei eu a tampa do mundo secreto do nosso irmão. Um molho de chaves, que não eram de nossa casa. Uma navalha de ponta e mola novinha em folha. A carteira com o bilhete de identidade; na fotografia parecia um procurado pela justiça. Uma meia solitária, inchada por ter qualquer coisa no interior. Enfiei a mão, à cautela, e reconheci o conteúdo só pelo tato. Diante do rosto pálido da Adriana, tirei um rolo de notas presas com um elástico. Havia todo o tipo de notas, de dez a cem mil liras. Eis o que os ciganos queriam. Talvez aquele dinheiro até fosse deles, ou o Vincenzo o tivesse ganhado com os seus trabalhos irregulares e posto de parte para a moto.

A Adriana palpou as notas com as pontas dos dedos, devia ser a primeira vez que tocava numa quantia diferente do pobre metal das moedas que raramente lhe chegavam às mãos. Estava fascinada.

– Quem é este velho? – perguntou, acariciando a barba de Leonardo da Vinci, numa nota de cinquenta mil liras. Falava baixinho, como se pudesse estar alguém escondido entre as velharias em redor.

– E agora? – perguntei-lhe a ela e a mim própria. – É demasiado dinheiro, não podemos ficar com ele.

– Mas que conversa é essa? Nunca é de mais. – E, com uma espécie de espasmo, fechou os dedos sobre o dinheiro.

A excitação dela espantava-me. A avidez do olhar pousado nas notas. Eu não conhecia nenhum tipo de fome e vivia como uma estrangeira entre os esfomeados. Os privilégios que trazia da minha vida anterior distinguiram-me, isolavam-me da família. Era a Regressada. Falava uma outra língua e já não sabia a quem pertencer. Sentia inveja das colegas da escola da aldeia e inclusive da Adriana, pela certeza que tinham acerca das suas mães.

A minha irmã pôs-se a imaginar tudo o que poderíamos comprar. O dinheiro iluminava-lhe o rosto, acendia-lhe nas pupilas um apetite diferente. Sob a incandescência da lâmpada pendurada no teto da arrecadação, tive de lhe tirar as ilusões, enquanto sonhava demasiado alto, com um televisor, uma lápide de pedra brilhante para o Vincenzo, um automóvel novo para o nosso pai.

– Mas não chega para tanta coisa – disse-lhe, tocando-lhe na testa como se tivesse febre.

– Assim ninguém entende nada – impacientou-se. – Uma vez dizes que é de mais, depois que é de menos.

Vi-a sobressaltar-se por causa de um ligeiro ruído ao seu lado, como se qualquer coisa se movesse debaixo de uma caixa. Afugentou-a com o pé e uma cauda fina desapareceu atrás de um caixote de pimentos secos.

– Eu sabia – sussurrou. – Não podemos deixar aqui as notas, senão os ratos comem-nas. Vamos levá-las lá pra cima, mas olho bem aberto. Se o Sergio as encontra, acabou-se.

*

Ao cair da noite, chegou o homem da agência funerária. Os regressos do chefe da família eram amiúde esperados, naquele período. Sem se demorar com conversas de circunstância, o leva-mortos, como toda a gente lhe chamava, exigiu pelo menos metade da soma que lhe era devida pelo funeral do Vincenzo.

O nosso pai disse-lhe para esperar mais um pouco, a fábrica estava à beira da falência e os salários andavam com meses de atraso.

– Assim que me pagarem, o dinheiro é teu, juro-te pelo meu filho – disse ele, mas o outro só lhe concedeu uma semana.

A minha irmã e eu ouvimos a conversa de cabeça baixa, evitando olhar uma para a outra. Pensávamos no dia seguinte, nas compras que tínhamos combinado fazer. À tarde, saímos à hora a que abriam as lojas, fustigadas por uma saraivada cortante. A urgência de um casaco para a Adriana levou-nos imediatamente à única loja de roupa da aldeia, gerida por uma senhora que parecia uma batata encimada por uma cabeça. Tinha os braços pouco móveis, dependurados ao longo do corpo, e até as mãos curtas e grossas só se mexiam em caso de necessidade. O interior da *boutique*, porém, estava bem iluminado e cheirava a velhos tecidos empoeirados. Fomos acolhidas pelo calor agradável do fogão a querosene, mas ela, pelo contrário, esquadrinhou-nos com desconfiança.

– Vieram às compras sozinhas? Ah, sim, vocês são aquelas a quem morreu o irmão e agora a vossa mãe não vos acompanha, claro. Coitada, sempre no cemitério, ninguém esperava isso dela – desbobinou, de um fôlego. – Pelo menos têm dinheiro?

A Adriana quase lhe esfregou um Leonardo da Vinci debaixo do nariz e guardou-o no bolso, muito bem dobrado ao meio. Depois, escolhemos com calma uma capa de lã impermeável verde-floresta, um tamanho acima do dela.

– Ainda me deve servir quando for para o sétimo ano – comentou a minha irmã com a comerciante, enquanto tentava ver no espelho a grande prega atrás. Deixou o velho casaco às avessas em cima do balcão, com o forro meio descosido.

Mais tarde, caminhava em direção a casa com os pés hirtos dentro dos mocassins novos, para não os estragar. Íamos carregadas com queijinhos, lanches e dúvidas sobre como justificar as compras daquela tarde. Encontrámos um porta-moedas com dinheiro, diríamos.

– Não me apetece esconder a comida lá em baixo, vamos comê-la todos juntos – concedeu a Adriana.

Ninguém perguntou nada, a mãe continuava angustiada e o pai, distraído com as dívidas. Os irmãos que restavam contentaram-se em enfardar-se de pão com *Nutella* que tínhamos preparado num tabuleiro. Ao Giuseppe, dei umas colheres.

Durante uma semana, comprámos o que queríamos, mas tratava-se sempre de pequenas despesas, sobretudo guloseimas. Na noite em que o homem da agência funerária voltou, chamámos várias vezes o nosso pai ao quarto e, quando

finalmente se dignou a acudir, pusemos-lhe o dinheiro na mão. Assim, o Vincenzo pagou sozinho o seu funeral.

23.

Faltava uma semana para as Festas. À hora do almoço, em cima da mesa despida, estavam duas caixas de laranjas, nunca vistas naquela casa. Ao lado, um caixote de latas de conserva sobrepostas, umas de atum e a maior parte de carne. De certeza que houvera uma visita tardia de condolências naquela manhã, enquanto a Adriana e eu estávamos nas aulas. Por trás do aroma dos citrinos, eu sentia outro, de vez em quando, mas tão leve e vago que parecia um sonho.

O Giuseppe estava sentado num canto e choramingava, dera uma dentada num fruto e não gostara do sabor amargo. Do quarto, a mãe disse para abirmos uma lata e ficarmos de olho no bebé, que ela se tinha deitado por ter dores de cabeça e acabara por não cozinhar. Havia uns dias que retomara algumas tarefas domésticas, mas, de vez em quando, voltava a enfiar-se na cama de repente e ficava lá horas, de olhos abertos e vazios.

Descasquei a laranja do Giuseppe a partir da incisão dos seus dentinhos e ofereci-lhe um gomo. Pestanejava e fazia caretas devido à acidez do sumo, depois habituou-se, sentiu também o doce e pediu mais. A Adriana abriu um preparado de carne e comemo-lo diretamente da lata, revezando-nos a pescar os pedaços com os garfos. A seguir, ela desceu com o bebé a casa da viúva e eu fiquei sozinha. No quarto conjugal, silêncio.

Como não tinha trabalhos de casa nessa tarde, zanzava de uma assoalhada para outra, entediada e inquieta. A cor daqueles quilos todos de fruta em cima da mesa. A minha mãe do mar era obcecada por vitamina C, quando eu tinha aulas de dança, dava-me sempre duas laranjas descascadas para comer no carro, durante o trajeto. Faziam bem antes do exercício físico, dizia. Tomada por um pensamento, fui direita à despensa. Encontrei o saco cheio de sapatos ao monte que, em agosto, levava como bagagem e vasculhei-o. No fundo, os meus dedos reconheceram de memória as sapatilhas de *ballet*, na cozinha calcei-as com a minha saia aos quadrados. As fitas de cetim estavam um pouco sujas e esfiapadas, os dedos grandes dos pés imediatamente dolorosos como acontecia sempre, depois das férias. Nas minhas pernas, um losango de luz fria, filtrado pela janela. Toquei no peito dos pés, os músculos das barrigas das pernas destreinados. Ainda lá estavam. Com uma mão ao de leve nas costas de uma

cadeira, tentei pôr-me em pontas, na quinta posição, e executei um *battement tendu* rematado por um *plié*.

– Eu disse-lhe que devias de voltar para a cidade, para fazer os estudos superiores e estas coisas bonitas – disse a mãe, da porta do quarto. Abriu a palma da mão, num gesto quase de admiração. – Hoje de manhã, veio cá a Adalgisa e falámos sobre ti. Mas eu e o teu pai pensamos nisso desde que voltastes, aquela sabichona da professora Perilli bem podia ter ficado calada. Estás a desperdiçar a tua vida cá, aqui não há nada. Em outubro do próximo ano, tens de ir para uma boa escola. A Adalgisa concorda.

Não tinha sido um sonho, aquele perfume por trás do aroma a laranjas.

– Então, eles vão-me aceitar de volta... – tentei dizer, com a voz desfazendo-se entre os dentes. Sentei-me, sentia as pernas vacilantes e não era por causa do exercício.

– Isso, não, mas, no fim do verão, ela está a pensar arranjar-te um alojamento na cidade.

– Porque é que veio cá quando eu não estava? Não podia ter esperado por mim?

– A senhora que a trouxe estava cheia de pressa. A Adalgisa soube muito tarde da notícia do meu pobre filho e quis vir visitar-me.

– Como é que soube tarde, se o meu pai foi ao funeral?

– O teu tio não lhe disse nada – corrigiu-me ela.

– Que estranho. Como é que ela está?

– Ah, não está mal – respondeu à pressa, virando-se a três quartos. – Viste a quantidade de comida que mandou entregar? Está na hora de a arrumar. – E começou a guardar as latas num armário de parede, fechando-se nas habituais reticências acerca daquele tema. As minhas perguntas já não a alcançavam. Falava sozinha em voz baixa, como era seu costume, desde que se recompusera um pouco da morte do Vincenzo. Perguntou às latinhas o que continham, à prateleira porque era tão alta que ela já não chegava lá acima, e ao coitado do filho onde estava naquele instante.

Fiquei sentada na cadeira, sem a ajudar. O princípio de uma raiva feroz levedava-me no estômago. No início, tolheu-me as forças, sugou-me o sangue de cada veia. Tirei as sapatilhas de pontas com o esforço de uma velha cansada. Alisei o cetim, um instante, farejei o interior em busca do cheiro despreocupado dos pés de antigamente. De súbito, como se tivesse levado uma injeção de efeito imediato, invadiu-me uma energia destrutiva. Estiquei a mão direita para uma laranja, o primeiro objeto disponível. Estava mole num ponto, podre. Enterrei os

dedos selvagens até ao centro e além, em direção à casca do lado oposto. Tremia-me a mão e o citrino, e a sua cor de sol longínquo. O sumo pingava, desperdiçado, ao longo do pulso, e molhava-me a camisola. Não sei quanto tempo depois atirei a laranja às cegas contra a parede, mas passou a centímetros da cabeça dela. Ainda nem tinha tido tempo de se virar e já eu empurrara a caixa que estava em cima da mesa e os frutos caíam e rebolavam pelo chão em todas as direções.

– Estás louca ou quê? Que ideia foi essa?

– Eu não sou uma encomenda, parem de me mandar de um lado para o outro! Quero ver a minha mãe, diz-me onde ela está e eu vou sozinha. – De pé, eu tremia.

– Não sei onde ela está, só sei que já não vive na antiga casa.

Aproximei-me e encurralei-a contra o lava-louça. Segurei-a pelos ombros vestidos de preto e abanei-a sem respeito nenhum.

– Olha que arranjo um juiz e vos denuncio a todos! Conto-lhe que vocês trocam de filha como se eu fosse um brinquedo.

Fugi e fiquei na rua, pouco depois caiu a noite, que me deixou gelada. Da esquina mais escondida da praça, via as janelas iluminarem-se e, por detrás, o vaivém das silhuetas femininas atarefadas. Eram, aos meus olhos, as mães normais, as mães que tinham parido os filhos e os haviam mantido junto de si. Às cinco da tarde, já estavam empenhadas a preparar o jantar, cozinhados longos, elaborados, como requeria a estação.

Com o tempo, perdi igualmente essa ideia vaga de normalidade e, hoje, não sei verdadeiramente que lugar constitui uma mãe. Falta-me, da mesma maneira que nos pode faltar a saúde, um abrigo, uma certeza. É um vazio persistente, que conheço, mas não consigo superar. Contemplá-lo deixa-me zozza. Uma paisagem desolada que, de noite, causa insónias e gera pesadelos no pouco espaço que deixa ao sono. A única mãe que nunca perdi é a dos meus medos.

Nessa noite, a Adriana foi-me buscar. Dois lampiões estavam fundidos e a escuridão da praça assustava-a. Postou-se junto da porta e chamou o meu nome na direção do escuro. Era doloroso resistir aos seus chamamentos de gato perdido, mas consegui. Vislumbrava-a, tinha descido também ela sem casaco, batia com os pés no chão para se aquecer e friccionava os braços. Vá, volta para casa, suplicava-lhe dentro de mim. Ou então, mais secretamente: espera por mim, espera que eu esteja pronta. Ouviu-me e respondeu a tudo, em voz alta.

– Se não vens, não saio daqui e fico doente e a culpa é tua. Já tenho o nariz a pingar.

Esperei mais um pouco, antes de ceder. Depois, desloquei-me para debaixo de um lampião aceso e ela viu-me. Correu a abraçar-me.

– Doida... – disse, esfregando-me as costas entorpecidas. – Quando te passa pela cabeça fugir, não pensas em mim?

Como não tinha fome, fui direita para a cama. Através da porta fechada, ouvia as vozes na cozinha. Depois, alguém entrou no quarto e eu fingi que dormia. Era a mãe, reconheci a sua maneira de arrastar os chinelos. Deve ter percebido que eu estava acordada.

– Põe isto no peito, senão ficas com febre. – E afastou as cobertas.

Aquecera um tijolo no forno e embrulhara-o num pano, para que eu não me queimasse. Um lento bem-estar difundiu-se sob o seu peso, até ao coração. O meu ritmo cardíaco abrandou.

Deve ter saído silenciosamente, enquanto eu me entregava a um sono breve e profundo. Não tive febre.

24.

Apercebi-me de que era Natal por causa das férias escolares e dos sinos que repicaram à meia-noite. Ouvi-os da cama, não tínhamos ido à missa e não houvera uma ceia à base de peixe. Comemos *pane cotto*¹, mas preferi isso ao ensopado de enguia dos outros anos. Sempre o achei viscoso, mas era obrigada a comer um pouco por respeito para com a tradição, como a minha mãe queria.

De manhã, as mulheres da vizinhança lembraram-se do luto recente e levaram cada uma qualquer coisa para o almoço festivo, caldo de cardo e *stracciatella*², timbale com almôndegas, peru à moda de Canzano com a sua geleia. Os patrões da fábrica de tijolos tinham decidido, só na noite de 24, pagar aos operários pelo menos um dos meses de salário em atraso, por isso o nosso pai passara pela mercearia para comprar duas barras de *nougat*. Terminada a carne, dividimo-las em pedaços e comemo-las com calma, deixando-nos ficar à mesa mais tempo do que era hábito. A Adriana era a mais gulosa e barulhenta a mastigar. De repente, deu um berro e levantou-se de um salto, agarrada ao maxilar. Segui-a até ao quarto, para onde ela correu a chorar.

Escancarou a boca e pôs o indicador num molar de leite meio enegrecido. No buraco central, enfiara-se uma lasca clara, talvez de amêndoa, e acordara a dor que ia e vinha há uns tempos. Para arrancar o fragmento de *nougat*, a Adriana escarafunchou na sua cárie com um palito que tinha no bolso, depois aproximou-mo da ponta do nariz.

– Sente só como cheira mal. Este sacana não quer cair, arranca-o tu, que eu desta vez não consigo.

Eu tinha medo de a magoar, mas ela insistiu. O dente parecia preso à gengiva só de um lado, mas abanava pouco, ainda não era chegada a sua hora. Tentei empurrá-lo com os dedos, mas não aconteceu nada. Também não resultou com um fio amarrado à volta, no instante em que o puxei, dei por mim com o nó vazio.

– Precisas de uma ferramenta – sugeriu ela.

Procurámos na cozinha. Os outros tinham levantado a mesa e desaparecido, esperava-nos só a pilha de louça suja na pia. Abri umas quantas gavetas sem saber muito bem o que procurava, examinando os objetos mais díspares. A faca,

não, assustava-me. O garfo. Aproximámo-nos da janela, na direção do Sol invernal que começava já a descer no horizonte. A Adriana ofereceu-me o seu maxilar inferior. Coloquei uma das pontas num sítio onde o dente estava ligeiramente solto. Ela permaneceu imóvel e muda, com os braços suspensos no ar. Quando inseri a ponta mais fundo, fitei-a nos olhos para aferir a dor. As pupilas dilataram-se-lhe, não moveu absolutamente mais nada. Sustendo a respiração, usei o garfo como alavanca, bruscamente. O dente saltou direito para a garganta, enquanto um fio de sangue brotava da gengiva. Depois de ataques de tosse e muito engasgar, a Adriana livrou-se do corpo estranho, cuspiu-mo para a palma da mão, seguido de uma esteira vermelha. Depois, engoliu a saliva e tamponou a boca com um pano.

À noite, chorei sobre a almofada. Quem é que lhe arrancaria os dentes de leite quando eu regressasse à cidade? Ela ouviu-me e desceu. Falei-lhe do último encontro entre as minhas duas mães, uma semana antes, e da nova mudança que tinham planeado para mim.

– Quer dizer que te vais embora agora? – perguntou a Adriana, apavorada na escuridão incompleta.

– Agora, não, no início do ano letivo, em setembro.

– E não era isso que querias? – perguntou, depois de uma pausa. No tom subitamente adulto, um indício de repreensão, mas ligeiro, afetuoso. – Trouxeram-te para cá à força e tu não gostas d’aqui estar. Desde que regressastes, choras todas as noites, dás voltas e voltas debaixo das cobertas, não consegues dormir. E agora não estás contente por voltar prà cidade?

– Já não tenho certezas de nada, é tudo muito confuso. Ninguém me diz para onde irei. A minha mãe vai-me arranjar um alojamento, talvez um colégio interno.

– Mas ela é maluca ou quê? Nos colégios, são as freiras que mandam e elas são umas bruxas, até as cuecas elas controlam.

– O que é que tu sabes disso?

– Uma miúda que vive por trás da padaria esteve num desses colégios e conta cada história!

– Não são propriamente as irmãs que me preocupam – murmurei, tocando-lhe nos cabelos. – Não te verei mais. – E recomecei a soluçar.

Desesperámos um instante, juntas, depois ela revoltou-se, sentando-se de um salto na cama.

– Mas aquelas duas mandam-te dum lado prò outro quando lhes dá na veneta. Chega, tens de te revoltar – incitou-me, abanando-me pelo ombro.

– E como?

– Assim de repente não sei, tenho de pensar. Entretanto, vamos jurar nunca nos separarmos. Se te fores embora, eu vou atrás.

Cruzou os indicadores e deu-lhes um beijo de cada lado, virando as mãos com um gesto rápido. Eu mal a via na escuridão. Jurei como ela.

Abracei-a e ela adormeceu imediatamente, com as costas de encontro ao meu peito, as vértebras como contas de um rosário. Quando fez chichi, não me mexi, fiquei colada ao calor que me molhava a barriga. De vez em quando, ela sobressaltava-se, a dada altura até se riu, sonhando sabe-se lá com o quê. Noutras noites, o seu corpo abandonado ao sono acalmava-me, mas naquela, não. As angústias não se prendiam comigo e com o meu futuro incerto, eu transferia-as para a Adriana e o Giuseppe. Assim, amansava-as. Poucos minutos depois da promessa, já não acreditava que ficaríamos juntas. Em setembro, deixaria a aldeia sozinha. Como é que eles os dois se desenvencilhariam sem mim? Ela talvez conseguisse, mas o pequenino? Ainda gatinhava e eu nunca o ouvira dizer mamã nem papá. Para o ajudar, eu escandia sílabas lentas e exagerava os movimentos dos lábios, mas a atenção dele perdia-se com outras coisas. Não estava pronto.

*

Na instituição onde ele vive hoje, fala com um dos educadores, sempre o mesmo, e quando este vai de férias, ele cala-se. É o que me dizem.

A cada visita, levo-lhe blocos de folhas e lápis de todas as durezas, ele observa-os e palpa o bico de cada um com o indicador.

– São bons – diz-me. E, depois, sério: – Aqui tens as obras deste mês.

Normalmente, reproduz as suas mãos a desenharem-se a si mesmas, a direita a trabalhar e a esquerda a segurar no papel. Mas também animais a correr, cães, ou cavalos a galope captados no instante em que nenhum dos cascos toca na terra.

O Giuseppe foi, no entanto, o único dos irmãos a terminar o ensino básico, depois esteve vários anos em casa, cada vez mais mudo e isolado, à margem de tudo o que acontecia. O lugar onde se encontra agora é melhor para ele. Em tempos, foi um convento e, no jardim sempre ensoleirado, os hóspedes passam muitas horas do dia, se a estação o permite.

Habitualmente, a Adriana acompanha-me e preenche a hora com conversa. Quando vou sozinha, sentamo-nos num banco e ficamos durante muito tempo em silêncio. Por vezes, o Giuseppe oferece-me uma folha de árvore, quando cai alguma próximo de nós.

Na primavera, levo-lhe um cesto de morangos, lavamo-los na fonte, ao lado da sebe. A seguir, ele come-os, depois de os suspender, um a um, à luz diante dos olhos, pegando neles pela haste. Observa as mais pequenas variações na forma, na cor. Desconfio de que tenta contar todas as sementes que os recobrem.

1 À letra, «pão cozido», um prato do Sul de Itália constituído por um caldo feito com os legumes da época, pão da véspera, queijo e, por vezes, ovo. (*N. da T.*)

2 Sopa feita com ovos batidos, deitados num caldo quente para ficarem esfiapados, e queijo ralado. (*N. da T.*)

25.

O inverno foi longo e rigoroso, em casa gelávamos. De manhã cedo, eu ficava a estudar debaixo das cobertas – a viúva do rés do chão oferecera-me um candeeiro, que eu colocara ao lado da cama – e os dedos hirtos de frio doíam-me quando virava as páginas. No mês de março, venci um concurso escolar com uma redação sobre a Comunidade Europeia e a professora Perilli entregou-me uma caderneta de poupança em meu nome, da parte do Ministério da Educação. Depois, virou-se para a turma:

– Podem ficar orgulhosos da vossa colega – e pousou um olhar insistente naqueles que normalmente troçavam de mim. – Só vinte jovens em Itália receberam este prémio.

– E uma delas é a Regressada – lançou uma voz de escárnio previsível, do fundo da sala.

À saída, a minha irmã já sabia da notícia, sabe-se lá como, e correu à minha frente para contar a novidade à família. Mostrou ela a caderneta aos pais, toda entusiasmada. Era vermelha e, no interior, escrito à mão, dizia na coluna dos depósitos «trinta mil».

– Pode-se levantar o dinheiro no banco? – perguntou a mãe, depois de ler. Fechou a caderneta e pousou-a em cima da mesa, mas continuou de olhos postos nela.

– Nesse dinheiro, ninguém toca – respondeu o pai, para minha grande surpresa. – É dela, ganhou-o com a cabeça que tem – acrescentou, depois de uma pausa.

– Até a Matemática ela tem dez, diverte-se a resolver os problemas – informou-os a Adriana, andando à volta deles.

Eu gostava da Geometria daquele ano, das figuras complexas, pirâmides sobrepostas a paralelepípedos, cilindros com buracos em forma de cones escavados numa das bases. Divertia-me imenso a calcular superfícies e volumes, a somá-los e a subtraí-los, à procura do total. Mas, depois, pensava que aquelas notas excelentes me estavam a projetar diretamente no futuro que as duas mães tinham planeado para mim, na minha ausência. E não tinha a certeza de querer prosseguir na direção escolhida por elas. No inverno seguinte, frequentaria um

liceu na cidade, mas onde comeria, onde dormiria? A Patrizia e eu poderíamos encontrar-nos à tarde? Por vezes, a essa incerteza eu preferia ficar ali, com a Adriana e o Giuseppe, os pais que me tinham aceitado de volta, até com o Sergio e o outro.

A professora Perilli entregava-me o meu trabalho de Latim com o nove escrito no verso da folha de exame e, passado o instante de alegria, eu ficava parada a contemplá-lo, perturbada. A minha mãe, sim, teria ficado contente, se tivesse podido ver a nota. À distância, ela preocupava-se mais comigo do que com a sua doença, eu continuava a acreditar nisso. E, no entanto, nas minhas horas de tristeza, sentia-me esquecida. Eu desaparecia dos pensamentos dela. Já não havia motivos para existir no mundo. Repetia baixinho a palavra «mamã» uma centena de vezes, até ela perder o sentido e ser apenas um exercício dos lábios. Ficava órfã de duas mães vivas. Uma cedera-me ainda com o leite dela na língua, a outra devolvera-me aos treze anos. Era filha de separações, de laços de parentesco falsos ou calados, de distâncias. Já não sabia de quem provinha. No fundo, continuo sem o saber.

*

Na primavera, fiz anos e ninguém se lembrou. Os pais tinham-se esquecido do meu aniversário, no tempo que decorrera na minha ausência, e a Adriana ignorava a minha data de nascimento. Se eu lha tivesse dito, ela teria festejado à sua maneira, saltitando e dando-me catorze puxões nas orelhas. Mas guardei segredo e dei os parabéns a mim própria sozinha, quando soou a meia-noite. À tarde, fui à praça e comprei um mil-folhas na única pastelaria da aldeia. Pedi também uma velinha, uma daquelas que se espetam nos bolos. A senhora fitou-me com uma expressão estranha e não me cobrou nada, por isso recebi uma prenda.

Na garagem, encontrei os fósforos sem qualquer dificuldade, sabia onde estavam. Fechei-me lá dentro e, à escassa luz que entrava por uma espécie de seteira, abri o saco e pousei o bolo, com o papel por baixo, na prateleira empoeirada de um velho aparador. Pus a vela no meio da folha de massa e acendi-a. Na penumbra quase negra, faltavam pontos de referência e eu podia acreditar que se tratava de um verdadeiro bolo de tamanho normal. Fiquei parada a observar a chama ligeiramente trémula, talvez devido à minha respiração tão próxima. Não pensava em nada de concreto, mas sentia dentro de mim, além do medo, uma força luminosa como aquele pequenino fogo. A cera liquefeita começou a pingar ao longo da cera sólida, até ao açúcar em pó. Apaguei-a,

então, com um sopro durante um aplauso solitário e cantarolei os parabéns, baixinho, na escuridão. O mil-folhas era fresco, estaladiço, e saboreei-o até à última migalha. Depois, voltei para casa.

À noite, um homem veio convidar-nos para irmos ao campo no dia seguinte, um domingo. Já era um pouco tarde, ele sentou-se com o nosso pai à mesa da cozinha. Parecia um pirata, por usar uma pala preta no olho direito, presa por um fio que lhe dava a volta à cabeça, quase calva, excetuando uns tufos na nuca, encaracolados e grisalhos. Equilibrava a um canto dos lábios um cigarro apagado, com a ponta escurecida por ele já ter puxado umas fumaças. Nunca o tirava da boca, falava assim, torcendo o maxilar daquele lado. O seu aspeto deixou-me curiosa e um nadinha assustada.

– A esta hora, a tua mulher já está na cama – ouvi-o dizer. – Vê-se que ainda não se refez da desgraça. Amanhã, um bocado de ar fresco vai-lhe fazer bem e, além disso, vai lá estar a avó Carmela, que a quer rever, nunca se esqueceu da sua afilhada. Deu-me isto para ela, debes metê-lo debaixo do colchão, no sítio onde apoia a cabeça.

Vi um objeto de relance, parecia um invólucro de tecido com qualquer coisa lá dentro. O nosso pai enfiou-o no bolso e levantou-se para ir buscar uma garrafa de vinho, a Adriana e eu não chegávamos ao armário onde estava guardada.

– E tu, és filha de quem? – perguntou-me o pirata, à queima-roupa, quando reparou que eu era nova, ali.

– É minha irmã – intrometeu-se a Adriana imediatamente. – Os pais deram-na a uma prima, quando era pequenina. Mas nós ficámos com ela outra vez.

– Sim, eu soube disso. Então, amanhã também vens, que em minha casa não falta nada – encorajou-me, esquadrinhando-me com o seu único olho.

No beliche de cima, a Adriana contou-me, depois, a história do homem com a pala. Era um velho compadre, que vivia numa zona toda cultivada. Quando era pequeno, uma pedra projetada a toda a velocidade pela corrente de um trator em manobras atingira-o na órbita direita, cegando-o. Como tinha a mania de andar com uma ponta de cigarro na boca, toda a gente lhe chamava Beata, mas aí de quem o dissesse à frente dele.

– E qual é o nome verdadeiro dele? – perguntei.

– Não me lembro, mas, de qualquer maneira, no campo debes de chamar tios aos adultos, mesmo se não são da família, é a tradição.

– O que é que ele trouxe para ela? – E inclinei-me para apontar na direção do quarto matrimonial.

– Oh, talvez um amuleto. A avó é velha-velha e é feiticeira. As pessoas procuram-na pra pedir conselhos e mezinhas. Quando tive tosse convulsa, ela mandou-me um xarope nojento, eu cuspi-o sempre. Pràs lombrigas, usa um medicamento... meu Deus, é amargo que se farta!

Só anos mais tarde descobri a que «medicamento» a Adriana se referia: a planta do absinto silvestre, cujas propriedades medicinais eram do conhecimento da curandeira do campo.

Partimos de manhã cedo, no automóvel um pouco recalcitrante. Os irmãos não nos acompanharam, disseram que no campo lhes davam sempre trabalho e eles não estavam para aí virados. A Adriana não costumava enjoar no carro, mas começou a queixar-se de náuseas assim que saímos da aldeia, talvez tivesse bebido um copo de leite à última hora. Parámos mesmo a tempo, na curva a seguir à draga, e ela despejou o pequeno-almoço precisamente na margem do campo que drenara o sangue do Vincenzo. Ao fundo, vi a cerca que pusera fim ao seu voo.

Fiquei eu junto da minha irmã, enquanto ela vomitava, a mãe não saiu do carro, fechou a janela e virou-se para o outro lado, com as mãos na cara. Pelos movimentos dos ombros dentro do automóvel, percebi que soluçava.

26.

Na quinta, fomos acolhidos pelo perfume das acácias em flor e por uma família numerosa, de várias gerações. Estavam todos na eira, ocupados com diversas atividades. O Beata afiava uma foice, batendo ao longo da lâmina com um grande martelo, a ritmo regular. Parecia verdadeiramente contente por nos ver. Provavelmente falara de mim, porque ninguém se surpreendeu com a minha presença, limitaram-se a olhar-me com curiosidade, sobretudo os filhos. Dois rapazes que conduziam ovelhas para o pasto instigaram-nas com gritos e assobios e pararam para nos cumprimentar. A mulher largou o balde do milho destinado às galinhas e entrou em casa para ir buscar qualquer coisa para nos oferecer. Os homens beberam aniseta e para nós, mulheres e crianças, ela preparou uma bebida de ginja conservada do ano anterior.

– Quando se forem embora, levam uns frascos – disse e, mais baixinho, virando-se para a nossa mãe: – A avó Carmela está à tua espera, no sítio do costume.

Tirou-lhe o Giuseppe suavemente do colo e apontou com o queixo para um carvalho secular que se erguia ao lado da casa. Segui a mãe naquela direção, sem compreender. Só a uns passos de distância é que a vi e detive-me imediatamente. Ocupava uma cadeira alta, com as costas grosseiramente trabalhadas, como um trono rústico ao ar livre. Estava vestida com uma bata abotoada à frente, da cor da sombra que a envolvia. Fiquei parada a observá-la, fascinada com a sua fabulosa imponência. A pele do rosto tisonada pelo sol de cem verões fundia-se com a casca da árvore atrás de si, tinham a mesma imobilidade, a mesma trama de rugas. Aos meus olhos, pareciam ambas eternas, a velha e a árvore.

Depois, contaram-me que, uma vez, ela tinha estado na morte, onde permanecera vários dias, mas, como não conseguira aguentar a solidão, voltara.

– Comadre Carme’... – chamou a afilhada, com a voz embargada.

– Sei tudo, filha, sei como te sentes. – E chamou-a a si, com um gesto mínimo do braço. A cada movimento seu, eu ouvia esticções, estalidos, rangidos, das suas articulações ferrugentas.

A mãe ajoelhou-se junto dela, em lágrimas, e pousou a cabeça no colo da mulher, com uma face virada para cima. Imediatamente, uma palma larga e

antiga cobriu-lhe o rosto.

– Para o mal de que padeces, não há remédio – confessou em dialeto, sem nenhum sentimento de culpa. Levantou a mão um instante, observando-a na sua impotência, depois pousou-a novamente para lhe oferecer o que podia: uma rude carícia.

– Bom dia – disse eu, por delicadeza.

Ela fitou-me, concentrando-se, mas praticamente não se lhe viam os olhos, cobertos pelas pálpebras caídas, apenas duas finas fendas pelas quais entrava o que ainda lhe restava saber acerca do mundo. Uma menina apareceu a correr, com um ramo de ervas acabadas de colher.

– Estas dão? – perguntou, ofegante.

– Têm gotas?

Sim, estavam húmidas de orvalho. Então, davam. A bisneta colocou-as num copo, em cima de uma mesinha baixa em que eu não tinha reparado, à sombra do carvalho. No tampo, estavam garrafas e frascos com estranhas poções e cataplasmas, de todas as cores e sortilégios. Até um galheteiro e um prato com água, para descobrir e tratar o mau-olhado. Uma faquinha, com a qual traçava sinais nos corpos, correspondentes aos órgãos culpados, mas sem fazer incisões.

Nesse instante, chegou um automóvel e saíram duas pessoas, em busca de conselhos e remédios da tia Carmela.

A mãe levantou-se. A velha falou-lhe.

– Tu nasceste sob um mau planeta, mas essa rapariga deixar-te-á muito orgulhosa – disse, sacudindo o dedo na minha direção.

Depois, recebeu clientes durante horas, de vez em quando até se formava uma fila, ali na eira. As pessoas aproveitavam o quarto minguante, a fase mais propícia da Lua para fazer regredir as maleitas, explicou-me a mulher do Beata.

Não era verdade que teríamos de trabalhar, naquele dia, mandaram-nos só colher as favas num campo, para as comermos ao almoço. Deram-nos cestos e lá fomos nós, o Giuseppe ficou em casa com uma miúda que o adorava. Acompanhava-nos uma algazarra de pássaros, um frenesim contínuo de andorinhas por cima das nossas cabeças. Levavam insetos aos passarinhos recém-nascidos que as esperavam nos ninhos presos às traves do estábulo. Bordejámos o campo de cevada, com as espigas verdes e pilosas. Eu roçava, ao passar, nas hastes de ervas banhadas pela insistência do Sol, cujos raios me aturdiavam depois de um inverno tão longo. A horta, com os seus sulcos retos e paralelos e, nas cavidades, pés de alface a intervalos regulares. A zona reservada ao tomate, com as plantas ainda tenras e frágeis.

Chegámos às favas. Arranquei a primeira vagem com tão pouco jeito, que o caule delgado se dobrou até à terra. Olhei para ele, mortificada.

– Vem cá, que eu mostro-te como se faz – disse a mãe. – Com uma mão, seguras na parte de cima e, com a outra, colhes.

Eu estava ao lado dela, usávamos o mesmo cesto. Os outros encontravam-se um pouco mais longe.

– Prova, são boas.

E encheu-me o punho de grãos. Sabiam a verde, a seiva matinal, a criaturinhas que uma pessoa lamentava esmagar com os dentes.

Avançávamos na colheita. Entre as folhas, de vez em quando, novelos de uma espuma esbranquiçada. Era o cuspo do cuco, explicou-me ela, e a comadre Carmela usava-o por vezes nas suas poções. Só há pouco tempo é que, por acaso, li algures que é produzida pela larva da cigarrinha-da-espuma e lá se foi a fábula.

– Está tudo tão bem tratado e em ordem, aqui – comentei, com um suspiro. – Gostava que a minha vida fosse como este campo – escapou-se-me a seguir.

Talvez fosse o lugar, em si, que convidava a confidências, ou então, a influência da feiticeira.

A mãe não respondeu, mas escutava-me.

– Que idade é que eu tinha quando me deste à tua prima? – perguntei, baixinho, com um cansaço sem raiva.

– Tinhas seis meses, eu estava a deixar de te amamentar. Depois de te ter vindo trazer uma prenda de recém-nascida, a Adalgisa começou a aparecer todas as semanas, queria sempre levar-te para casa dela.

– Mas porquê?

– Há anos que tentava engravidar e não conseguia.

A poucos passos de nós, os outros colhiam e comiam, chegava-nos de vez em quando a voz estridente da Adriana, seguida de risadas.

A princípio, a minha mãe tinha recusado, mas depois engravidara pela quinta vez e o meu pai ficara desempregado. Uma noite, falaram, fechados no quarto, enquanto eu dormia, inocente, no berço, e os meus irmãos também, no outro quarto. Acabaram por ceder.

A prima queria-me a mim, menina e bebé, senão o amor não despontaria dentro dela. Ficou comigo quando eu era demasiado pequena para perceber.

– De nossa casa, não levou nada para ti, comprou-te tudo novo. Guardei as tuas coisas para o filho que tinha na barriga, mas, passados vinte dias, tive um desmancho. Perdia sangue por baixo e só não morri por um triz.

– Não me podias ter ido buscar? – perguntei, sem forças.

– A Adalgisa não te teria devolvido, já te estava a criar à sua maneira.

Sentei-me no chão, com o queixo nos joelhos. Os olhos ardiam-me do esforço de conter as lágrimas. Ela ficou de pé, com o cesto cheio dependurado de um braço. Devia ser meio-dia, ela suava em silêncio. Não conseguiu dar o único passo que nos separava do consolo.

Da eira, chamaram-nos para o almoço. Deixámos o campo, saindo todos do mesmo lado para o carreiro que dividia as culturas. As plantas, livres do perigo dos nossos pés, reaproximaram-se.

– Porque é que estão com essas caras sérias? – perguntou a Adriana, toda alegre.

Sob um telheiro, esperava-nos uma mesa comprida, toda posta. E pão ainda quente, para comer com azeite e favas cruas; favas cozidas com cebolas brancas, formas de queijo de ovelha, presunto do porco sacrificado no ano anterior. Ao abrigo do vento, o braseiro onde assavam as espetadas de carneiro. O meu pai conversava com o Beata, bebiam o vinho da vindima precedente, elogiando-lhe a força e a cor. Julgo que nunca o vira rir assim, porque só nessa altura reparei que lhe faltavam dentes.

A velha não saiu da sombra do carvalho, levaram-lhe qualquer coisa, mas, naquela época, comia pouquíssimo e não tocava em carne. Durante o nosso longo almoço, continuou a receber pessoas, a tratá-las com emplastros e palavras antigas e reservadas.

Foi ao encontro da morte suprema aos cento e nove anos, sentada no lugar de sempre. Do seu último sopro de vida, saiu uma espécie de chama que secou imediatamente a cabeleira da árvore, folha a folha. Foi assim que se aperceberam de que ela já não estava no mundo dos vivos. Três dias antes do funeral, com um estrondo noturno que acordou a vizinhança inteira, o tronco monumental caiu por terra. Do lado certo, porém, sem atingir a casa. Durante anos, o carvalho ofereceu lenha para a família do Beata queimar e quiçá ainda os aqueça a cada inverno.

27.

Brincávamos na praceta, por volta do meio-dia. O filho do Ernesto veio a correr avisar-me de que, às quatro da tarde, me iam telefonar para a tasca. Como não falara com a pessoa em causa, não sabia quem era. Dei por mim imediatamente a imaginá-la, a tal pessoa em causa, e ao almoço fiquei sem vontade de comer o feijão-verde com batata.

Nesse dia de manhã, tinha ido à escola com a minha mãe, para levantarmos o diploma do ensino básico. Como sempre desde a morte do Vincenzo, ela ia vestida de preto, com uma saia um nadinha deformada e uma camisa desbotada das lavagens. Entre os resultados fixados no corredor, eu lera-lhe o meu EXCELENTE e ela ficara impassível. Pensava que tudo me era fácil, não sabia o quanto eu sofrera no exame de Latim, com aqueles dois *aut* suficientemente distantes para me turvarem a evidência do seu significado. Na segunda hora, a professora passara perto da minha carteira e, por duas vezes, desenhara com os lábios a palavra «ou», fazendo com que a meada enredada da frase se libertasse subitamente do seu sortilégio.

Quando me preparava para entrar na sala onde decorreria a entrega dos diplomas, senti a mão da minha mãe deslizar-me nas costas e deter-se com firmeza sobre a omoplata. Enfiei a cabeça entre os ombros, como um cão amedrontado e satisfeito com a primeira carícia após um longo abandono. Mas depressa me esquivei com um movimento brusco e me afastei um pouco. Tinha vergonha dela, dos dedos gretados, do luto desbotado que ela envergava, da ignorância que se lhe escapava da boca a cada palavra. Nunca deixei de me envergonhar da sua língua, do dialeto que se tornava ridículo quando ela tentava exprimir-se corretamente.

*

A cabina pública situava-se nas traseiras da tasca do Ernesto, ao sol. Ali chegava o cheiro intenso a vinho de má qualidade e as conversas pastosas dos velhos que o bebiam inclusive àquela hora, com aquele calor. Como estava adiantada, esperei pelo telefonema sentada num velho banco que abanava de cada vez que eu me mexia. Levantei-me de um salto ao primeiro tinido, o

Ernesto atendeu na taberna e passou-me a chamada. Tinha medo de pegar no auscultador e ouvir a voz dela, depois de tanto tempo. Fechei e abri logo de seguida a porta da cabina, faltava-me o ar. Contive-me ainda uns instantes, pensando que me devia despachar, caso contrário poderia desligar, talvez para sempre. Disse «estou» e respirei para os buraquinhos do microfone.

Pensava que ela se mostraria comovida, mas não foi isso que aconteceu. Cumprimentou-me ao ouvido e perguntou-me como estava, só com uma ligeira hesitação.

– E *tu*, como é que estás?

– Bem, graças a Deus. Mas fala-me de ti.

Interrompeu rapidamente o silêncio que se seguiu.

– Sei que foste a melhor aluna da tua escola, já estava à espera disso.

A sua capacidade de obter informações à distância era surpreendente. Apenas umas horas antes, a professora Perilli retivera a minha mãe na sala, no fim da breve cerimónia de entrega dos diplomas.

«A sua filha foi a melhor aluna, tem um verdadeiro talento para os estudos. E, agora, não devem estragá-lo, já falámos sobre isso, lembra-se?», perguntara-lhe, de olhos fixos nela. «Aqui tem o nome de três liceus na cidade, pensem nisso com calma e depois digam-me em qual deles tencionam inscrevê-la. Se não se importarem, eu gostaria que me mantivesse ao corrente do percurso escolar da sua filha», concluía, entregando-lhe uma folha.

Para mim, levava no saco alguns livros para eu ler no verão. No fim, segurara-me no rosto com as duas mãos, como se fosse uma coisa preciosa, e dera-me um beijo na testa. Um dos seus anéis prendera-se numa madeixa e, quando conseguira soltá-lo, um cabelo meu ficara preso à volta da ametista do Brasil. Não lhe tinha dito nada; assim, uma minúscula parte de mim ficaria mais um pouco com ela.

À porta, a minha mãe pensara melhor e virara-se para trás.

«Não andei na escola, senhora professora, mas burra é que eu não sou. Já tinha percebido sozinha que ela tem cabeça pròs estudos.» Tocava-me na testa, enquanto falava. «Vou ver como é que me posso arranjar, mas ela vai continuar a estudar.»

A voz no auscultador era um pouco diferente da última vez que tínhamos falado, afigurou-se-me mais cheia e redonda, mesmo depois de ter percorrido tantos quilómetros de cabos. Não parecia atormentada, nem dava a entender uma doença. Por um instante, acreditei que estivesse curada e pronta para me ir buscar, seria por isso que ligava? Uma lâmina de angústia trespassou-me a

garganta, de surpresa, perante a perspectiva mais desejável para mim. Já não sabia o que desejar. Foi só um instante de confusão, porque, entretanto, ela continuou, calmamente:

– Talvez a tua mãe já te tenha dito que queremos mandar-te para um bom liceu, tu mereces.

Fiquei gelada com aquelas palavras que lhe vieram à boca tão espontaneamente, como se ela não fosse também minha mãe, mas sim uma velha tia endinheirada disposta a financiar o meu futuro.

– Quer dizer que volto para casa? Na aldeia, não há liceus – tentei, após uma pausa.

– Estava a pensar inscrever-te nas Ursulinas, é um ótimo colégio interno para raparigas. Eu encarrego-me das despesas.

– Podes esquecer o colégio interno. Prefiro desistir dos estudos – respondi, secamente.

– Então, vamos tentar arranjar outra solução, talvez uma família de confiança que te aceite como hóspede.

– Mas porque é que não posso voltar para vossa casa? O que é que eu vos fiz? – perguntei, quase aos gritos.

– Nada, agora não te posso explicar. Mas quero muito que continues os estudos.

Um rapaz aproximou-se da cabina, andava para trás e para a frente, impaciente. Fechei a porta bruscamente com um puxão.

– E se os pais da Patrizia quisessem ficar comigo? – provoquei.

– Não me parece a família mais adequada. Mas não te preocupes, temos muito tempo para nos organizarmos.

Um ruído ao fundo, como de uma cadeira arrastada. Depois, uma voz masculina que dizia qualquer coisa. Mas eu não podia jurar, porque, às vezes, ouviam-se interferências na linha.

– Quem é que está aí contigo, o papá? – perguntei, com o corpo todo a transpirar. O rapaz bateu no retângulo de vidro e depois tocou várias vezes com o indicador no relógio de pulso.

– Não, é a televisão – respondeu ela. – A propósito, estava a pensar oferecer-te um televisor, julgo que não têm nenhum aí.

– Vocês vêm cá trazê-lo?

– Eu não posso, mando entregar.

– Então, poupa o dinheiro, não o quero. De qualquer maneira, vocês decidiram que em setembro me vou embora, não foi? E além disso, no verão, passamos os

dias na rua, não vemos televisão.

Esperava tê-la provocado, mas ela não reagiu. Estava com pressa, agora, mais ainda do que o tipo que andava lá fora de um lado para o outro, a bufar. Ouvi outra vez a voz lá atrás, mas não percebi as palavras. E, depois, uma espécie de grito. Ela garantiu que me telefonaria novamente, até nos podíamos encontrar, disse. Terminou com uma despedida precipitada e desligou, sem esperar pela minha resposta. Fiquei com o auscultador suado na mão e um *bip* intermitente, na cabeça uma raiva inflamável. Decidi subitamente nunca mais a ver na vida, e chegava de «mamã», dentro de mim chamar-lhe-ia Adalgisa³, com todo o gelo que o nome escondia em si. Perdi-a verdadeiramente e, por um par de horas, pensei que conseguiria esquecê-la.

– Ah, só podia ser a Regressada – disse o rapaz, quando saí da cabina. Cuspiu para o chão, fitando-me.

– Telefona com toda a calma, que entretanto eu já cá volto com os meus irmãos e eles fazem-te em fanicos – ameacei-o, com os dentes cerrados e ferozes.

*

A meio da tarde, sentei-me a pentear o Giuseppe com os dedos e ele manteve-se quieto e calado em cima da minha cama, a apreciar. Perguntava-me se ela teria feito um esforço muito grande por não chorar, ao ouvir-me passado quase um ano. Ou, durante uns segundos, talvez tivesse sido obrigada a tapar o auscultador com a mão, eu conhecia aquele seu gesto. Se ainda não me podia receber de volta, de certeza que havia motivos graves que mais tarde ela me explicaria, era o que tinha dito. No fundo, uma miúda como eu não conseguia compreender tudo. Mas tinha a certeza de que, um dia, regressaria a casa, embora ninguém falasse nisso. Seria uma surpresa, uma bela surpresa, dessa vez.

Ela continuava a pensar em mim, preocupava-se com o meu futuro. Encontrar-nos-íamos. Que mais queria eu? Respondera-lhe como uma ingrata e não sabia como localizá-la para pedir desculpa. Verti umas lágrimas sobre o rosto do Giuseppe, que abriu os olhos.

Também me arrependi de ter recusado o televisor. Reconfortaria a Adriana, quando eu fosse para a escola superior, como ela lhe chamava. Tinham-nos oferecido um em segunda mão, certa vez, mas avariara ao fim de uns meses e não fora possível consertá-lo, nem comprar um novo. Fora parar à garagem pouco antes de eu chegar. Naquele inverno, tínhamos visto todos os episódios do *Sandokan* no rés do chão, sentadas no sofá da viúva. Com ela, chorámos a

Marianna, debicando grão-de-bico assado. A Pérola de Labuan morria entre os braços possantes do Tigre da Malásia, de quem éramos loucas. Mas ele tinha dito que mais nenhuma mulher receberia o seu amor.

Com um ataque de orgulho, eu privara a Adriana de um passatempo, para enganar a minha futura ausência. Refleti sobre isso, um pouco envergonhada.

Esse dia de junho, presa entre as minhas duas mães. De vez em quando, penso na mão da primeira, assente durante um momento no meu ombro, na escola. Continuo a perguntar-me porque é que a terá pousado, avara de carícias como ela era.

3 Trocadilho com «álgida». (*N. da T.*)

28.

Passara pouco mais de um ano, mas fora o mais longo dos que eu vivera e, de todos, o que mais influenciaria o meu futuro. Eu era demasiado jovem e arrastada pela corrente para conseguir ver o rio para dentro do qual me tinham atirado.

Subia umas escadas diferentes, com a mesma mala numa mão e, na outra, o saco com os sapatos ao monte. O meu pai andava às voltas, à procura de um lugar para estacionar, não estava habituado a conduzir na cidade, justificara-se de antemão durante a viagem e remetera-se ao silêncio até chegarmos. Nos cruzamentos, tinham-lhe buzinado várias vezes por causa da sua indecisão. Eu não conseguira ajudá-lo, de tão angustiada que ficara devido à partida. Com um pé dentro e o outro fora, eu permanecera um instante a observar o Giuseppe, que gritava e me estendia as mãos, enquanto a mãe o segurava. «Vai, vai», dissera ela, sobrepondo a sua voz aos berros e foi assim que nos despedimos. A Adriana recusara-se a dizer-me adeus, furiosa comigo por eu ter infringido o juramento de nunca nos separarmos. Escondera-se na garagem.

Bem ou mal, acabámos por chegar ao endereço que eu tinha anotado. O prédio situava-se a um par de quilómetros da praia e a poucas ruas do liceu onde eu andaria. Assim que saí do automóvel, observara-o de baixo, com o seu volume austero e compacto, o reboco cor de avelã. Em relação à casa onde eu tinha vivido até ao final do ano anterior, situava-se na outra ponta da cidade. No terceiro patamar, uma porta esperava-me, entreaberta. Detive-me um instante, para retomar o fôlego e acalmar o coração. Preparava-me para bater, quando a porta se abriu devagar e, na penumbra da entrada, apareceu uma rapariga colossal. Pelo menos, assim me pareceu, comparada comigo. Cumprimentou-me com um olá largo e acolhedor, já cheio de familiaridade. A voz era hipnotizante, tilintavam dentro dela minúsculos guizos que perduravam uns instantes depois de as palavras terem esmorecido.

– Entra, a minha mãe vem já – disse, pegando-me nas bagagens.

Segui-a até ao quarto que íamos partilhar. Em cima da cama que me estava destinada, duas caixas de sapatos e vestidos novos para usar durante o ano escolar. Estavam expostos por uma certa ordem, como as prendas para a noiva,

nos dias que antecedem o casamento. Os meus futuros manuais ocupavam uma prateleira da estante que a Sandra me mostrou, os cadernos estavam prontos na secretária, ao lado de uma calculadora. A Adalgisa passara por lá um pouco antes, sempre generosa.

– A tua tia veio cá trazer estas coisas todas para ti – confirmou a Sandra.

Fitava-me com os seus grandes olhos castanhos, surpreendidos, talvez devido à minha falta de entusiasmo pelas ofertas que me haviam precedido. No entanto, necessitava delas, as roupas que levava no corpo não eram grande coisa. Mas estava farta de receber coisas daquela maneira.

Observava-a eu também, de baixo para cima, discretamente. Apesar do seu tamanho, aparentava menos de dezassete anos, por causa da pele perfeita de menina, o rosto de anjo desproporcionado.

A mãe dela chegou com o meu pai, que encontrara nas escadas. Ele não se lembrava do apelido da família que me devia hospedar e errava de um patamar para outro, tocando às portas. A senhora Bice tirara-o de embaraços e levava-o a reboque, falando-lhe com o forte sotaque que conservava da sua longínqua Toscana. Conduziu-nos à cozinha e serviu-nos biscoitos acabados de sair do forno, ao meu pai ofereceu inclusive um copinho de *vin santo* para os molhar.

– Costumo comprá-lo em Florença, quando vou visitar a minha outra filha. Prove. – E esperou pelo comentário. A seguir, virou-se para mim, que mordiscava um biscoito por uma questão de educação, e analisou-me em largura. – És demasiado magrinha, olha só para nós! – Apontou para si própria e para a filha e riu-se, sacudindo os seios opulentos. O maxilar proeminente e os caninos inferiores sobressaídos faziam lembrar um alegre *bulldog*.

Tenho a certeza de que a senhora Bice intuía ao primeiro olhar que as carências de que eu sofria não se prendiam com comida. Nos anos que passei com ela, não se apresentou como substituta, limitou-se a alimentar-me com carinho, a apreciar o meu desempenho nos estudos, a inventar o ritual da camomila depois do jantar, para facilitar o sono, sempre inacessível. Era já muito mais do que lhe tinham pedido.

De manhã, vinha ao quarto para nos acordar, encontrava-me de olhos abertos, muitas vezes com um livro nas mãos. «Olha só para esta preguiçosa», dizia, apontando para a filha gigante, adormecida debaixo das cobertas. Sorríamos, cúmplices, e ela começava a chamá-la.

Ainda hoje lhe estou grata, mas nunca mais a visitei depois dos exames do décimo segundo ano. Não tenho o hábito de voltar a ver as pessoas que deixei.

Naquela tarde, antes de o meu pai se ir embora, procurei entre os vestidos expostos em cima da cama qualquer coisa que servisse à Adriana. Eram demasiado grandes para ela, exceto um gorro e uma *écharpe*. «Não fiques irritada comigo, no sábado vou-me embora logo a seguir às aulas, espera por mim na praça às três», escrevi num bilhete. Entreguei estas coisas ao meu pai, para que ele lhas levasse.

– Se for preciso, dá-lhe uma bofetada, faz como se fosse tua filha – recomendou ele à senhora, avançando para a porta.

Não sabia tratá-la por você. Com os seus modos rudes, pedia-lhe para me amar como uma mãe, hoje acredito que foi essa a sua intenção.

– Tem cuidado no sábado, quando apanhares a carreira para a aldeia, porque há várias que partem da cidade. Vê lá não te enganes – disse-me e, depois, dirigindo-se novamente à dona da casa: – Talvez seja melhor ires com ela até à paragem, pelo menos da primeira vez. E para a escola também, faz favor, que ela não sabe onde fica.

Falava como se eu fosse sua. Nunca se preocupara comigo, nem com os outros filhos, na verdade. Ou, então, era eu que nunca tinha reparado. Baixei a cabeça, de emoção.

– Endireita os ombros, senão ficas marreca.

A palmada fez-se sentir imediatamente, vigorosa e corretiva. Fiquei com a marca da palma da mão pesada do meu pai nas costas.

Mais tarde, a Sandra apercebeu-se do meu ar perdido.

– Eu ajudo-te a arrumar as tuas coisas – sugeriu.

– Incomoda-te, se eu puser uma coisa na parede? – perguntei.

– Não, claro que não, toma os pioneses.

Um desenho da minha irmã, que ela fizera aplicadamente num dia de chuva que fechara o verão. Na folha, ela e eu estávamos de mão dada no meio da vegetação em flor. Com a mão livre, eu segurava num livro, cuja capa dizia HISTÓRIA. Ela pegava numa sanduíche, da qual saía um pedaço de mortadela, reconhecível pelos círculos de gordura branca no meio do rosa. Ela adorava mortadela. Uma outra diferença captada pelo lápis: ela sorria com os seus dentinhos, eu não. Foi sempre um génio, a Adriana.

Prendi a folha à parede atrás da secretária, ao lado acrescentei um lenço que ela usava para proteger a cabeça do sol e que eu tinha levado comigo sem ela saber, até porque não ia precisar mais dele naquele ano. Vira-a, por exemplo, apertá-lo várias vezes com toda a destreza na nuca, quando fomos apanhar favas.

«Esta porcaria faz-me suar, mas sem o lenço começo a deitar sangue pelo nariz», dizia.

Enquanto prendia os cantos do quadrado de tecido, sentia o cheiro dos cabelos da Adriana e a minha mágoa atenuava-se um pouco, como uma febre. E todas as noites tinha esse lenço diante de mim, com os seus motivos geométricos esbatidos. Casinhas, árvores estilizadas, cestos vibravam na escuridão, como figuras fosforescentes projetadas pelos meus olhos. Então, pensava nela e no pacto que ela julgava traído. Um dia, redimir-me-ia, se conseguisse levá-la para ali comigo. Já calculara as medidas do quarto, cabia mais uma cama e talvez a Sandra, a mãe, o pai que entretanto eu conhecera, não se importassem com mais uma hóspede. Eles rir-se-iam das respostas fulminantes da Adriana, ficariam espantados com o seu bom senso demasiado adulto para a idade.

Sentia já que devia recompensá-la por algumas oportunidades de que eu desfrutava, ao contrário dela. E, no entanto, de nós as duas, não pareço ser eu a mais adaptada à vida.

Sabe-se lá o que lhe aconteceria, na minha ausência. As minhas noites eram povoadas pelas desgraças que podiam abater-se sobre ela. Já tínhamos perdido um irmão e talvez aquela casa atraísse as desgraças. Atribuía-lhe a ela as insónias daquele primeiro período, mas, ao longo dos anos, nunca me faltou um pretexto para me inquietar e não dormir. Ainda experimento alguns remédios, um colchão novo, um fármaco acabado de lançar no mercado, uma técnica de relaxamento inventada recentemente. Já sei que não me deixarei apagar, senão em breves intervalos. Sobre a almofada espera-me, todas as noites, o mesmo núcleo de fantasmas, de obscuros terrores.

Habituei-me também àquela casa, à família. Ao senhor Giorgio, o pai da Sandra, brando e silencioso. Era o único magro ali, a mulher desistira de o engordar. Consegui, porém, fazer-me aumentar uns quilinhos, como uma feiticeira bondosa que não me devoraria. Servia-me porções generosas e eu comia tudo, com vergonha de deixar restos no prato.

No primeiro dia, a senhora Bice acompanhou-me ao liceu, como o meu pai lhe pedira. Aprendi o trajeto mais curto; numa varanda a meio caminho, chilreavam canários numa gaiola que, todas as manhãs, eu reencontraria.

– Aqui está bom, obrigada – disse-lhe eu, quando já se via o edifício amarelado e grupos de adolescentes barulhentos à espera de entrar.

Dirigi-me sozinha para o portão aberto. Na garganta, a sensação de nó de todos os inícios, de excitação e medo. Na minha turma, conhecia uma rapariga que andara na mesma piscina que eu, anos antes. Não a tinha visto, como ia de olhos baixos, mas ela chamou-me e sentámo-nos lado a lado. Mudara-se recentemente com a família para aquele bairro.

– E tu, porque é que te matriculaste neste liceu, não vives na costa norte? – perguntou-me, mais tarde.

Abri a boca para responder, mas voltei a fechá-la. Não sabia o que dizer, tudo menos a verdade e, naquele momento, nenhuma mentira credível me socorreu.

– É uma longa história – murmurei, um momento antes de ressoar o toque libertador da campainha. Noutra altura, contar-lhe-ia; até lá, preparar-me-ia para mentir.

Começaram assim os anos da vergonha. Nunca mais me abandonaria, como uma mancha indelével na pele, uma nódoa de vinho na face. Construí uma fábula possível para justificar aos outros, professores, colegas de escola, o deserto familiar que viam à minha volta. Repetia que o meu pai carabineiro fora transferido para Roma e eu não quisera afastar-me da nossa cidade. Estava hospedada em casa de uma familiar e, ao fim de semana, ia ter com os meus pais à capital. A mentira era mais plausível do que aquilo que acontecera realmente.

Numa tarde, a Lorella, minha vizinha de carteira, telefonou a pedir-me para lhe emprestar o caderno de Matemática.

– Eu levo-to, onde é que vives ao certo? – perguntei, com uma pressa excessiva.

– Não é preciso, eu estou mesmo a passar na tua rua com a minha mãe, qual é o teu prédio?

Encurralada, tive de lhe indicar o número da porta e o andar. Por sorte, só estava a senhora Bice em casa.

– Vem cá uma colega minha do liceu. Eu disse que era minha tia, está bem?

– Está, mas lembra-te de me tratares por tu. – E piscou-me o olho com uma expressão quiçá de pena. Compreendia a situação, sem precisar de explicações. Quis ser ela a receber a Lorella. – Entra, a minha sobrinha está à tua espera.

Insistiu em acompanhar-me também à paragem da camioneta, no primeiro sábado. A viagem parecia interminável e eu tinha medo. Talvez já se tivessem esquecido de mim na aldeia. Fora breve, o tempo para criarmos laços, se é que éramos capazes disso.

Na segunda-feira, mandara um postal à minha irmã, pedindo-lhe para dizer olá por mim a todos. Tornar-se-ia um hábito, enviaria um por semana, para relembrar à minha família que eu existia e que voltaria lá a casa. Para a Adriana e o Giuseppe, desenhava corações e escrevia *chuac*. Em alguns períodos, os correios eram mais lentos e eu chegava antes dos postais, na camioneta de sábado.

Logo da primeira vez, a estrada estava bloqueada por um acidente, a uns quilómetros do meu destino, e ficámos parados durante muito tempo. De certeza que a minha irmã já se fartara de me esperar, se é que tinha ido ao meu encontro. Quando, finalmente, a camioneta passou pela placa a dizer BEM-VINDOS, senti que ela não estaria na praça e que me seria ainda mais difícil ir lá a casa sozinha. Mas, afinal, ela ali estava, com os punhos nas ancas e os cotovelos espetados para fora, no rosto a expressão de desilusão que eu lhe conhecia tão bem. Faltavam poucos minutos para as quatro da tarde.

– Não posso ficar horas à tua espera. Tenho muito que fazer – explodiu.

Ela tinha piada: no ar ainda tépido, envergava o gorro de lã que eu dera ao nosso pai para lhe entregar. Na linguagem teatral da Adriana, isso significava que me perdoara por a ter abandonado. Quase nos esmagámos num abraço.

Talvez só ela e eu é que tivéssemos visto no meu regresso à cidade uma nova separação. Em casa, a nossa mãe comportou-se como se eu tivesse saído cinco minutos para ir comprar um pacote de sal à mercearia. Mas guardara-me no forno apagado um prato de massa do almoço. Até o aqueceu, enquanto fui à casa

de banho. Devia ter calculado que, entre as aulas e a camioneta, eu não teria tempo para comer.

– Olha esta, voltou – disse-me o Sergio, lançando-me um olhar estranho. Nada mudara numa semana.

*

Numa sexta-feira de dezembro, fiquei com febre e, no sábado, a senhora Bice mostrou-se irredutível: eu não podia ir de fim de semana. Telefonei para a tasca do Ernesto, a pedir-lhe para avisar a minha família, ele disse que sim, mas eu não sabia se ele tinha percebido bem, ouviam-se as vozes exaltadas dos clientes, o tilintar dos copos inquebráveis. Não queria, acima de tudo, que a Adriana me fosse esperar à paragem. contei os dias que faltavam para as férias de Natal e, depois, subtraí-os um a um, à medida que iam passando.

Quando regressei, encontrei-a mais magra e em guerra com todos. Até a mim se limitou a brindar com um aceno de cabeça, quando entrei em casa com o saco e, logo a seguir, foi para casa da viúva, de burro amarrado. Ela queria que outra pessoa qualquer me explicasse o que se passava.

– O que é que ela tem? – perguntei à minha mãe, de pé diante da mesa da cozinha. Ao seu lado, no chão, um balde com batatas para descascar.

– Quem, a tua irmã? Ensandeceu, não come. Só gemadas com marsala⁴, de manhã muito cedo, mas ninguém a pode ver, senão deixa de lado. Eu faço as gemadas e volto para o quarto.

– E porque é que se comporta assim? – perguntei, mastigando o nabo com feijão que ela me pusera de parte. Sentara-me à sua frente, com o prato na mesa despida.

– Não quer continuar a viver aqui, aquela gata selvagem. Quer ir contigo para a cidade. – E agitou uma faca incrédula no ar. – Às vezes, é teimosa como uma mula e não vai à escola, nem sequer tem medo de levar uma sova do pai.

Sacudiu a cabeça e deixou cair no chão uma casca em forma de espiral.

– Vou só acabar de comer e já a chamo – respondi.

– Vê lá se falas com ela, que a ti sempre te ouve um pouco. O teu pai está muito preocupado, tem medo que esta filha lhe morra também. Volta todas as noites com um ovo fresco, pede-os a um colega que trabalha na fábrica e tem terras.

Desci as escadas ao encontro da minha irmã. Estava sentada no sofá e, assim que me ouviu, agarrou na primeira revista ao seu alcance e fingiu concentrar-se na leitura. Em cima da mesinha baixa, um prato com biscoitos, mas pareceu-me

que não faltava um único. A viúva tentava alimentá-la, a minha mãe avisara-a. Mas a Adriana não era do tipo de cair na esparrela.

Sentei-me ao lado dela, estávamos à vontade ali em casa. Debiquei uma rosca e depois outra, com a esperança de a contagiar. Esgotada a conversa de circunstância – eu tinha crescido ainda mais e estava muito bonita –, a Maria foi para a cozinha. Abriu o forno, cujo rangido conhecíamos de cor. Chegou-nos o cheirinho a rolo de carne. A Adriana tinha os olhos postos na página da *Grand Hotel* ⁵, o pescoço hirto.

– Que história é essa? – perguntei-lhe, sussurrando-lhe ao ouvido.

– Não vês que é uma fotonovela? – ripostou, numa voz um nadinha esganiçada, que quase se desfazia em lágrimas.

– Não é isso. Tu, que ideia é a tua?

– Não sei do que é que estás a falar – respondeu, continuando sem se virar.

Cruzou as pernas e inclinou ligeiramente o tronco, de maneira a aumentar a distância entre nós as duas, deixando a revista resvalar do lado onde eu não estava. Umhas páginas fecharam-se e ela recomeçou a ler ao acaso, com demasiada curiosidade.

– Parece que te recusas a comer, que só vais à escola dia sim, dia não. Lá em cima, estão preocupados contigo.

– Aqueles, preocupados? Até parece! Querem lá saber se morremos. – E virou umas páginas com tanto ímpeto, que quase as arrancava.

– Posso ajudar-te?

De repente, não respondeu. Peguei-lhe no braço filiforme com a mão e ela não me repudiou. Não conseguia ver-lhe o rosto, mas sentia a sua resistência a ceder pouco a pouco.

– Quando for hora, eu digo-te. – E fechou a revista bruscamente. – Adeus, Mari’ – despediu-se, levantando-se, e eu segui-a. A Maria saiu da cozinha, fitou-me e crispou os lábios em sinal de impotência e apreensão. A Adriana já ia nas escadas.

Jantámos sem ela, enfiara-se no quarto. O Giuseppe não me largava desde que eu chegava, adormeci-o e, depois, fui ter com ela. Não me lembro de onde é que os outros dois rapazes passaram a noite, nem porquê. A minha irmã estava sentada na beira da cama de cima, balouçando as pernas no vazio. Imobilizou-as quando subi a escada.

– Foi o estúpido do Sergio que o partiu – disse, quando viu que eu tinha reparado que faltava um degrau. – Eu não quero continuar nesta casa – começou calmamente, antes mesmo que me instalasse ao seu lado.

Pôs-se a arrancar das costas da mão esquerda a crosta escura de uma ferida.

– Desde que voltastes prà cidade, sinto-me perdida aqui. Estou sempre a pensar em ti e no Vincenzo. – E apontou com o queixo para a cama vazia que ninguém tivera coragem de tirar do quarto.

Como, com as unhas, não conseguia arrancar um pedaço, tentou com os dentes. Por baixo, apareceu a pele nova, rosa-viva, desejosa de ceder à pressão do sangue que a irrigava.

– Tens que me levar prò pé de ti, pede à senhora que é tão boa – acrescentou, como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

– Como é que sabes se é boa ou má? Além disso, não há espaço para mais uma pessoa, já estamos muito apertadas, eu e a filha dela – respondi, com uma dureza inesperada.

– Mas eu ocupo pouco espaço. Até posso dormir contigo, viramo-nos ao contrário, deitamo-nos com a cabeça pròs pés da outra, como fazíamos quando viestes pra cá, lembras-te? – perguntou, fitando-me com aqueles seus olhos esperançosos de menina mendiga.

É claro que me lembrava, no entanto sentia uma resistência dentro de mim e não compreendia de onde surgira. Imaginara muitas vezes levá-la comigo. Encostei os ombros ao tabique atrás de nós, que dividia o nosso quarto do dos nossos pais.

– Mesmo que eu dissesse que sim, quem é que lhes dava o dinheiro para eles pagarem a tua pensão? – E bati devagar com os nós dos dedos na parede.

– Dinheiro é coisa que eles não têm de certeza – respondeu prontamente a Adriana. E, a seguir, num tom firme e ponderado: – Mas há uma pessoa que tem. A Adalgisa. Podias tentar.

Endireitei as costas, bruscamente.

– Mas como é que podes pensar numa coisa dessas? Enlouqueceste de vez. Eu nem sequer sei onde é que ela está.

– Pronto, então. Aqui, não engulo mais nada. Se morrer de fome, depois não chorem. – Recomeçou a balouçar as pernas, sem pressa, fixando a parede em frente. Tinha uma vantagem sobre mim, uma espécie de plano já bem definido. Fazia a sua jogada como uma adulta.

– Vê se usas a cabeça, por favor. Ela já me paga os estudos. Que motivo teria para se encarregar também de ti? Não és filha dela – disse, suando.

– Nem tu, se a questão é essa. A Adalgisa só ficou contigo uns anos e depois devolveu-te.

Tentei uma derradeira defesa, não estava disposta a deixá-la atacar por outro lado.

– Ela devolveu-me porque estava doente e não podia cuidar de mim. Queria proteger-me.

Se a Adriana tivesse olhado para mim, talvez se tivesse calado, mas os seus olhos continuavam postos naquela parede branco-suja, em frente, e não viram o meu desespero.

– Doente, a sério?! Ainda acreditas nas histórias da carochinha, tu! Ela estava mas é grávida, por isso é que se vomitava toda. Como é que nunca pensaste nisso?

– És tão estúpida! – disse eu, abanando a cabeça. – Ela é estéril, por isso é que me adotou.

– Pois eu sei que quem não podia ter filhos era o marido, ela tem um bebé e não é do carabineiro. Por isso é que houve esta confusão toda.

– Mas o que é que tu sabes? Não passas de uma mexeriqueira ignorante. – E virei-me para o outro lado, repugnada e arquejante. O meu coração batia furiosamente dentro das têmporas, como punhos de um diabo prisioneiro.

– Toda a gente sabe. Ouvi a mãe e o pai a falar, estavam chateados porque o bebé está a crescer e eles ainda não lhe ofereceram nada prò batizado.

Foi assim que a Adriana me prendeu à verdade, na antevéspera do Natal de 1976. No almoço festivo, seríamos duas a não tocar na comida, sobraria caldo de cardo e *stracciatella* para o dia seguinte, nevoso.

Fiquei sem palavras para lhe responder, no andar de cima do beliche que a Adalgisa nos mandara no ano anterior. Peguei-lhe na mão esquerda e enterrei o mais possível as unhas na carne, reabrindo a ferida. Observámos ambas o sangue a aflorar em redor dos cortes infligidos com as únicas armas que me restavam. Ela não gritou, nem fugiu. Quando tirei os dedos, empurrei-a para fora da cama com uma pancada nas costas, mas ela sabia como cair dali de cima. Chorei com uma violência inusitada.

Depois, fui-me estender e não me mexi mais. O corpo pulsava, respirava por si próprio. A Adriana percebeu que era melhor não voltar a subir e deitou-se no andar de baixo, a uns palmos do meu ódio.

⁴ As gemadas eram um pequeno-almoço muito comum em Itália, ao qual por vezes se acrescentavam umas gotas de marsala, um vinho da Sicília, muito alcoólico. (N. da T.)

⁵ Revista feminina semanal, publicada desde 1946. (N. da T.)

30.

O estranho grito que eu ouvira lá por trás, quando a Adalgisa me telefonara para a tasca do Ernesto. Eis o que era: o choro de um bebê. Do bebê. E a voz masculina que a chamava – talvez tenha dito que acordou –, mais grave do que a voz que eu conhecia. É o pai, perguntara-lhe eu, e ela, não, é a televisão. Ah, a televisão.

O repouso na cama, as náuseas dos primeiros meses de gravidez e não de uma doença. As crises súbitas de choro – lágrimas por mim, pensava eu – nas últimas semanas em que vivi com eles, as vozes exaltadas numa noite, atrás da porta fechada do quarto conjugal. Os toques do telefone seguidos de silêncio, sempre que era eu a atender. E depois, aquela ânsia de sair de repente, para ir à farmácia ou ao médico. Eu vou buscar-te os medicamentos, mamã, dá-me a receita. Não, já passou, um pouco de ar fresco vai-me fazer bem. Mas, um dia, o consultório do médico estava fechado, reparei por acaso, quando zanzava por aquela zona. E, um pouco mais tarde, ela voltara de lá.

Na camioneta demasiado lenta, reconstituí, uma vez mais, os indícios que deixara passar, sempre os mesmos, mas, de vez em quando, vinha-me à mente um novo. A sua embalagem de pensos higiénicos intacta, na casa de banho. E, recuando mais no tempo, os seus compromissos na paróquia que se tornaram quase quotidianos, eu já era crescida, podia ficar sozinha em casa. Era catequista, a Adalgisa. Ouvia o *credo* recitado de cor pelas crianças, tamborilando com os dedos no livro de orações, era assim que a via, quando ela ainda me levava consigo.

*

Decidi que voltaria para a cidade antes de terminarem as férias de inverno, com o pretexto de que tinha trabalhos para fazer num caderno de que me esquecera em casa da senhora Bice. Na verdade, eu sentia urgência em perguntar-lhe uma coisa. E não conseguia aguentar nem mais um dia naquela casa onde a Adriana me dissera: toda a gente sabe. Nessa noite, só me apeteceu morrer de vergonha. A mãe adotiva tinha-me devolvido porque ia ter um filho de verdade, todos sabiam, menos eu.

Nas horas mais negras, depois da notícia, tentei parar o meu peito, não era preciso muito. Bastava mantê-lo em passividade, como debaixo de água. contei em silêncio, esperando que o oxigénio restante se dissolvesse no sangue e que o sono me engolisse, cada vez mais pesado, até se transformar em morte. Mas, atingido o limite, inspirei fundo com um longo silvo, era a nadadora que emergia e se enchia de ar para sobreviver. O mundo que conhecera desmoronava em redor, fragmentos de céu abatiam-se sobre mim como cenários leves.

Quando a luz da véspera de Natal apareceu na janela, o meu pai acordou do outro lado da parede. Rangidos rítmicos da velha cama desconjuntada. Nunca mais os tínhamos ouvido, desde a morte do Vincenzo.

A minha mãe na cozinha, a seguir. Eu já lá estava, no escuro quase total. Não me viu imediatamente, um movimento meu assustou-a.

– Porque é que não me disseste que ela estava à espera de bebé?

Abriu os braços e sentou-se, abanando a cabeça devagar, como se há muito tempo esperasse por essa pergunta e agora não soubesse a resposta.

– Ela queria-te contar, mas o tempo passou e nunca mais a vimos.

– Quem é o pai do bebé?

– Não sei. Era o marido que não conseguia fazer filhos, o outro emprenhou-a sem problema nenhum.

– Deve ser alguém que frequentava a paróquia, ela passava lá tardes inteiras – pensei, em voz alta. Sentei-me também. Pousei um braço na mesa, ao lado.

– Desde que não seja o padre – disse a minha mãe, tentando brincar. – Vou fazer um café, queres um bocadinho? Já és crescida. – E levantou-se.

Não olhei para ela, enquanto se atarefava com a cafeteira e a colher. Passados uns minutos, o borbulhar e o cheiro a café. Agarrei-lhe no pulso, quando pousou a chávena para mim no tampo de fórmica, e o pouco que eu teria bebido derramou-se.

– Porque é que não me contaste?

Não se irritou por causa do café, deixou que se espalhasse, perfumado e a ferver, até à borda da mesa. Caiu um pingo, depois outro. Percebi, pelo cheiro, que já tinha posto açúcar. Continuei a agarrá-la, a sua pele empalideceu à volta da pressão dos meus dedos.

– Estava à espera que crescesses um bocado, antes de te dar esse desgosto.

Soltei-a e afastei o braço de mim.

– Onde é que eles estão? – perguntei.

– Quem?

– A Adalgisa, o filho.

– Não sei onde é que ela vive com o bebé, por isso é que ainda não lhe ofereci nada.

Limpou a mesa com a esponja, os pingos no chão.

– Mas não faças como a outra, que deixou de comer. Vou bater-te uns ovos, tenho tantos prò Natal.

Afastei-me antes que ela se pusesse a cozinhar.

*

Nos dias que se seguiram, a Adriana e eu não falámos, mas sentia pesar sobre mim o seu olhar culpado, atento. Raramente ia a casa da viúva, estava sempre por perto, à distância certa. Numa noite, eu estava a ler na cama e o livro escorregou-me da mão. Ela foi mais rápida do que eu, desceu a escada com os seus modos de gata e apanhou-o.

– É bom? – perguntou, abrindo-o.

– Parece. Ainda só vou no início.

Ela ajoelhou-se no chão e folheou umas páginas.

– Credo, não tem um único desenho. Emprestas-mo quando acabares? Agora que já estou no sexto ano, tenho de começar a ler.

– Está bem – respondi, e ela voltou para a cama de cima, toda entusiasmada.

Suspendera a greve da fome e também eu me esforçava por comer, embora tudo me parecesse amargo como um medicamento. Comia o mínimo para não chamar demasiado a atenção.

Deixei o livro em cima da almofada da Adriana, antes de voltar para a cidade. Ela não estava em casa e já era tarde, fui-me embora sem me despedir dela. Assim que cheguei ao outro lado da praceta, reconheci-lhe os passos atrás de mim, veio ao meu encontro, ofegante.

– A Maria é uma chata, não para de me chamar. Queria ajuda pr’arredar os móveis, mas eu fugi. – Pegou numa das alças do saco que eu transportava, para partilhar o peso. Caminhávamos em direção à paragem da camioneta e era quase como se fôssemos de mãos dadas.

– Às vezes, acho que falo um bocado de mais – admitiu, arquejando na subida.

– A culpa não é tua por dizeres a verdade. A verdade é que é má.

No primeiro degrau da camioneta, virei-me para a fitar.

– Vou perguntar à senhora se tem lugar para ti. Tens razão, ela é boa pessoa.

Não era essa a pergunta mais urgente que me queimava a boca, quando o senhor Giorgio abriu a porta. Já me tinha esquecido da Adriana, pelo menos durante uns momentos. Ele encontrava-se sozinho em casa, a mulher e a filha

estavam no hospital. A Sandra partira uma perna, sem ter dado nenhuma queda, imaginei o osso a quebrar sob o peso. Teria alta na manhã seguinte, portanto a mãe passaria a noite com ela e eu teria de esperar para lhe falar. Liguei à Patrizia e ela convidou-me para jantar em sua casa; desde que eu regressara ao liceu na cidade, víamo-nos a intervalos irregulares.

Quando eu vestia o casaco na entrada, a senhora Bice rodou a chave na fechadura. Estava com pressa, viera só buscar qualquer coisa. Perguntei pela Sandra, por delicadeza, mas nem ouvi a resposta, pouco me importava.

– Perdi o número de telefone da minha tia, pode dar-mo?

Pareceu um pouco surpreendida, talvez por se lembrar da minha reticência sempre que ela mencionava a Adalgisa. Eu ainda não tinha percebido o que é que ela sabia sobre mim, certamente que aquela tia me pagava os estudos.

– Eu tinha um número, mas depois ela mudou de telefone e esqueceu-se de me dar o novo. Tenho pena.

– Então, como é que faz para... receber o dinheiro? – perguntei ousadamente, sem a fitar.

Ela hesitou um instante, talvez estivesse a perguntar-se se podia dizer-me ou não.

– Ela passa por cá para me pagar, na última sexta-feira de cada mês.

Seguramente de manhã, quando eu não estava em casa. Senão, já nos teríamos encontrado.

– Sozinha? – escapou-se-me.

– Sim. Agora tenho de me despachar, a Sandra está à minha espera. – Deu dois passos na direção da casa de banho e imobilizou-se. Eu continuava no mesmo lugar, com a mão na porta. – Voltaste de férias mais cedo e com uma cara sombria. Acho uma ótima ideia ires a casa da tua amiga, assim desanuvias um pouco. Se quiseres ficar lá a dormir, eu deixo.

31.

A fatia de panetone diante de mim, na mesa coberta pela toalha com decorações natalícias. No rebordo, as renas em fila puxavam os trenós carregados de prendas, mas a primeira tinha ficado decapitada pelo corte do tecido e as outras pareciam a caminho do mesmo destino.

– Também não gostas de fruta cristalizada? – perguntou a mãe da Patrizia, uma vez que não me decidia.

As lágrimas, porventura libertadas pelas palavras dela, fugiram-me dos olhos, para cima da fruta cristalizada e das passas, do miolo doce e amarelado. A Vanda fez um sinal e o marido foi para a sala e ligou o televisor. Imóvel e tensa na cadeira ao meu lado, a Pat fitava a mãe. À parte umas quantas tentativas infrutíferas do Nicola, o jantar fora insolitamente silencioso. O tilintar dos talheres nos pratos e nada mais. Eles estavam tristes devido à morte do velho gato da casa.

– Ela não estava doente. Estava grávida. – E enxuguei as faces com o guardanapo vermelho. – Eu devia ter percebido logo, antes de me mandarem de volta para a aldeia.

– Na altura, não estavas pronta. – A Vanda deu a volta à mesa, ao meu encontro.

– Foi por isso que ela me mandou para trás. Mas o que é que eu tinha a ver com a história? Eu tê-la-ia ajudado a cuidar do bebé.

– Foi ela que te contou?

– Não, soube pela minha irmã.

A Vanda pousou uma mão nas minhas costas, incrédula, e eu encostei a cabeça à sua anca macia, de lã, abandonando-me. Ela estreitou-me ligeiramente. Fechei os olhos de cansaço, gostaria que ela não dissesse nada e se deixasse ficar imóvel, pelo menos durante um momento, uns instantes de descanso para mim, encostada a um corpo humano, perdida no seu perfume, num breve esquecimento.

– Teve de ser uma miúda a contar-te, não é possível! Estava convencida de que a Adalgisa te contaria, mais cedo ou mais tarde, cabia-lhe a ela dar-te uma explicação.

Debaixo do meu ouvido, vibrava a sua profunda indignação. Endireitei-me, como se tivesse sido sujeita a uma descarga.

– Agora sei que ela vai sempre pagar o mês a casa da senhora Bice, de manhã, enquanto estou nas aulas. Da próxima vez, vai-me encontrar à espera.

O Nicola chamou a Vanda, tinha uma chamada urgente.

– Eu posso fazer-te companhia nesse dia, falto às aulas – ofereceu-se a Pat, que se mantivera muda o tempo todo.

– Não. Sozinha.

– Uma vez, encontrei-a, à Adalgisa, com o bebé e o tipo atual – retomou a Patrizia, como se tivesse recuperado subitamente a memória. – Lembras-te do viúvo que frequentou a paróquia durante uns tempos, aquele rapaz giro e musculoso?

Estava-me a borrifar para ele, mal me lembrava da cara. Casara-se na nossa igreja e, depois de perder a mulher, ia lá nalgumas tardes.

Discuti um pouco com a Pat – mas, agora, com uma espécie de resignação rotineira –, por mesmo ela ter ficado calada até àquele momento.

– E o bebé? – perguntei, depois do silêncio que se seguiu.

– Achas que olhei para ele? Estava demasiado concentrada a olhar para o pai. Além do mais, ele estava a dormir.

Pelo menos viste quem é que o levava ao colo? Isso, sim: a Adalgisa. Nem sequer era meu meio-irmão, pensei. A mãe dele não era minha mãe.

A Patrizia queria envolver-me nos mexericos, mas o assunto era demasiado doloroso para mim. A Vanda apanhou o último comentário dela, ao voltar para a sala.

– Cala-te – disse-lhe, com um olhar duro.

*

Mais tarde, a Pat pediu-me para a acompanhar a uma festa, daí a uma semana. Eu não tinha vontade nenhuma e ela não percebia. Estávamos sentadas cara a cara, de pernas cruzadas, no tapete indiano do quarto dela. Na mesinha de cabeceira, a luz do candeeiro de vidros variegados. Ela enumerou os rapazes nossos conhecidos que iriam de certeza e mostrou-me os seus primeiros sapatos de salto alto, que tinha comprado numa loja do centro. Eu poderia usar uns da mãe, insistia, calçávamos o mesmo número. A Vanda passou naquele instante para nos desejar boa noite e a Patrizia pediu-lhe para intervir, a ver se me convencia. Repeti que não estava interessada em festas.

– Não tens nada de que te envergonhar, aquilo que te aconteceu não foi uma escolha tua. A responsabilidade é dos adultos. – Disse-o assim, com o indicador espetado para o teto, como uma admoestação.

– Ah, obrigada. Mas não vou aguentar estar no meio de uma multidão de adolescentes a divertir-se, já não me sinto igual aos outros. Pensava que era como eles, mas era tudo falso. Agora sei que o meu destino é diferente. – Dirigia-me exclusivamente à Vanda, como se a Patrizia não estivesse ali à minha frente, em cima do tapete.

– Destino é uma palavra de velhos, não podes acreditar nisso aos catorze anos. E, se acreditas, deves mudá-lo. É verdade que não és igual aos outros, ninguém tem a tua força. Depois do que te aconteceu, estás de pé, limpa, organizada, com média de oito no primeiro trimestre. Nós admiramos-te – disse, olhando por um instante para a filha, como se procurasse uma confirmação assumida.

– Nem imaginas como me cansa manter-me limpa e organizada, como dizes, e estudar.

Sentou-se na cama com um suspiro.

– Eu sei, mas continua assim, não te deixes distrair por pensamentos feios.

A Patrizia segurou-me nos pulsos e apertou-mos.

– Tu és a minha amiga, entre nós as duas continua tudo como antes.

– Entre nós as duas, sim. – E inclinei-me para a frente até as nossas cabeças se tocarem com um ligeiríssimo ruído.

Na rua, rebentou uma salva de petardos, antecipando o Dia dos Reis.

Despi-me à luz fraca que emanava dos lampiões mais próximos. Até do céu sereno pendia sobre a cidade uma claridade estranhamente seca. Na varanda da senhora Bice, a espreguiçadeira ficara aberta desde o verão anterior e, nas suas costas, enquanto me despia, pousei as duas peças do pijama, as cuecas, a malha íntima ainda quente da minha pele. O reflexo pálido das estrelas no meu peito. No quarto, deixara a Sandra entregue aos seus sonhos, a perna engessada a parecer uma coluna debaixo das cobertas.

O frio apoderou-se de mim, como eu queria. Só precisava de tempo. Arrepiava-me e tremia, batia os dentes. Decidira ficar ali, nua, durante meia hora, controlaria o tempo pelo despertador que levara comigo. Peguei nele com uma mão, observando o movimento impercetível do ponteiro fluorescente dos minutos, depois pousei-o no chão e sentei-me na espreguiçadeira. Sentia a contração dolorosa dos mamilos, enquanto os dedos dos pés, mais distantes do coração, adormeciam como que mortos. Com os olhos postos nos números luminosos e no segmento esverdeado que girava tão devagar, resisti, repetindo para mim própria o que diria no dia seguinte. Era a noite antes da última sexta-feira de janeiro, tinha de acordar com febre de manhã.

Pouco antes das oito, a silhueta da senhora Bice, que não me vira sair do quarto durante a noite, apareceu por trás do vidro opaco da porta, mas eu já estava doente. Ela ouviu a tosse e procurou o termómetro na mesinha de cabeceira da filha. Eu tinha febre, mais de trinta e oito.

– Tens de ficar em casa. Eu trago-te o pequeno-almoço ao quarto. – E, dando dois passos, foi direita à cozinha. Deteve-se, tomada por um pensamento inesperado. Fitou-me.

Fiquei na cama com um livro nas mãos, mas não consegui avançar sequer uma página. Lia umas linhas e, como não deixavam vestígio, tinha de recommençar sempre no mesmo parágrafo. Esperava pelo toque da campainha. Da primeira vez, era apenas o carteiro, com qualquer coisa para assinar. Umas quantas tentativas da Sandra para fazer conversa, quando acordou, caíram no vazio das horas. Às onze, era a Adalgisa. Enquanto ela subia as escadas, a senhora Bice enfiou a cabeça dentro do quarto, com ar interrogativo.

– Tenho de falar com ela – anunciei.

– Está bem, assim que tivermos tratado das nossas contas, chamo-te. – E fechou a porta.

Os passos no patamar e, depois, na entrada, abafados; o clique da fechadura nas costas da mulher que me criara. As vozes a cumprimentarem-se, a Adalgisa atenta, à escuta, desconhecendo ainda que eu estava em casa. Entraram na cozinha, talvez para o café. Ao fim de uns minutos a ouvir o ruído de cadeiras a arrastar, temi que me fugisse outra vez. Não esperei que me chamassem.

A sua expressão quando me viu é uma das recordações mais vívidas que guardo dela e, provavelmente, a mais nociva. Os seus olhos eram os de uma pessoa presa numa ratoeira sem conseguir encontrar escapatória, como se um fantasma tivesse emergido de um passado enterrado, para a perseguir. Era eu, pouco mais do que uma criança, e as crianças não metem medo.

Ela ficou sentada, um nadinha inclinada para o lado, depois de um ligeiro afastar do busto. O sinal que tinha no queixo parecia mais escuro, talvez sob o efeito da palidez que o rodeava. Tinha cortado, rente à pele, os pelos que lhe cresciam no sinal. Em cima da madeira castanha, destacava-se, ao lado do açucareiro, o dinheiro que todos os meses ela pagava por mim.

– Então, não foste às aulas? – articulou ela, penosamente, movendo os lábios pintados de um vermelho mais garrido do que era hábito.

Não respondi. Ardia e só me conseguia manter de pé apoiando-me à parede.

– Está com febre – interveio a senhora Bice. – Ela quer falar consigo, venham para a sala de jantar, ali ninguém as incomodará.

Ela acompanhou-nos, a Adalgisa ia à minha frente e não parecia segura, empoleirada nos saltos dos seus sapatos de camurça. O seu corpo suavizara-se com curvas ainda mais femininas, via-o mover-se ao longo do corredor numa espécie de bruma leitosa. Na sala que quase nunca era usada, sentámo-nos à mesa retangular, como a senhora da casa sugeriu. Depois, ela saiu e ficámos sozinhas com o silêncio, cara a cara. O vestido de lã verde estava-lhe justo no peito, por os seios se terem tornado mais opulentos.

Observava-a agora sem pressa, sentia-me forte da injustiça sofrida. E furibunda, mas ao mesmo tempo calma, passado tanto tempo. Esperava-a há um ano e meio, cabia-lhe a ela começar.

Tirou as mãos do colo e pousou-as na mesa. Os dedos nus, já não usava a aliança. Veio-me à mente o seu bebé e perguntei-me com quem o teria deixado àquela hora, era quase meio-dia e ela acabara de chegar. Um suspiro levantou-lhe a medalha que lhe pendia sobre o peito, arrancando-lhe uma centelha.

– Eu amei-te e ainda sinto muito amor por ti – declarou.

– Estou-me a marimbar para o teu amor, viu-se quanto gostavas de mim. Diz-me porque é que me mandaste embora.

– Não foi fácil. Não sei o que é que pensaste... – E seguiu com o indicador o bordo entalhado da madeira.

– O que é que eu devo pensar? Só me contaste a mentira da família que me queria de volta, na aldeia sabiam e ninguém dizia nada. Eu tinha-te deixado de cama, a vomitar, pensei que tivesses uma doença grave. *Eu* preocupei-me contigo. Telefonava e ninguém atendia, fui a nossa casa duas vezes e estava fechada. Pensei que estivesses num hospital qualquer muito longe, que pudesses morrer. Esperei-te durante meses, com a esperança de que ficasses bem de saúde e me viesses buscar.

Enxugou as lágrimas com um lenço que tirou da carteira, pendurada nas costas da cadeira vizinha.

– Não foi fácil – repetiu, abanando a cabeça.

– Podias ter-me dito simplesmente a verdade. – E debrucei-me para ela, por cima da mesa.

– Eras demasiado pequena para saber a verdade, quis esperar que crescesses um pouco. – O mesmo discurso da outra.

A tosse, que antes não se atrevera a interromper-me, atacou-me e concedeu-nos uma pausa.

– Não eras tu quem dizia sempre que o casamento é um sacramento indissolúvel?

– O bebé devia ter o pai junto de si – justificou-se. – Compreendo a tua raiva, mas eu não tinha liberdade para tomar decisões sozinha.

– Mas eu teria ido viver convosco, só para ficar perto de ti.

Tentava controlar a voz e conter o choro. De repente, sentia todos os graus da temperatura interna e uma prostração sem remédio.

– Fiz os possíveis por arranjar a melhor solução para ti. Não queria afastar-te de mim, mas foi isso que acabou por acontecer.

– E o teu marido não disse nada? Não podia ter ficado comigo?

– Foi um momento difícil para ele. Não teve coragem.

Pousou as mãos no colo, de cabeça baixa. Abandonei-me de encontro às costas da cadeira e fixei os pingentes do lustre, com as suas mil facetas. Tive a sensação de que tremiam, como se houvesse um terramoto, mas era simplesmente da minha febre.

– Não me procuraste uma única vez, aliás, evitavas-me de propósito.

– Já te disse que estava à espera do momento certo. Ajudei-te à distância.

Tudo o que eu imaginara gritar contra ela varreu-se-me ou saía-me pela boca sem energia, como se, agora, pouco importasse. No fundo, o que é que eu lhe podia fazer? Até o botão do pijama em que eu mexericava havia uns minutos saltou na sua direção sem a atingir.

Calámo-nos durante um momento. Os lábios dela, duas linhas finas e encarnadas. Levantou ligeiramente um dedo.

– Eu mantive-me a par do que se passava contigo. Não penses que não me sentia responsável por ti.

– Esquece. – E virei-me de lado, na direção da estampa de Florença antiga na parede. Da cozinha, o cheiro da bolonhesa que a senhora Bice estava a preparar. Depois, o ruído das chaves e a porta da rua a abrir e a fechar, o senhor Giorgio viera a casa para o almoço.

– Estás contente agora? – escapou-se-me, num tom entre a acusação e uma espécie de curiosidade.

Não respondeu, mas, passados uns instantes, o seu rosto iluminou-se e tirou uma carteira da mala de mão. Com gestos delicados, puxou de uma fotografia, sorriu-lhe e pousou-a na mesa, fazendo-a deslizar, satisfeita, na minha direção. Desobedeci ao impulso de lha rasgar debaixo do nariz, senti-me superior por esse autocontrolo. Sem me dignar dar uma olhadela, virei a fotografia do bebé ao contrário e empurrei-a para a sua mãe, até à borda do tampo de madeira. Ela apanhou-a antes que caísse.

O tilintar dos talheres na cozinha, a senhora Bice estava a pôr a mesa. A Adalgisa estremeceu, olhou com um sobressalto para o pequenino relógio de ouro que eu sempre lhe vira no pulso. Levantou-se, eu mantive-me imóvel. Não sabia muito mais do que antes.

– Espera um instante, por favor, preciso de ajuda para a minha irmã Adriana. Ela não pode ficar muito mais tempo naquela aldeia.

– Em que ano anda? – perguntou, tentando disfarçar a impaciência.

– No sexto.

– Falamos sobre isso da próxima vez, fica descansada. Lembra-te de que estou aqui. E peço-te que continues a ser tão boa aluna.

Escreveu rapidamente o seu novo número de telefone numa folha de papel.

– Se precisares, liga.

Hesitou um instante, não percebi porquê, uma vez que estava cheia de pressa. Talvez se perguntasse se deveria aproximar-se de mim e quanto, para se despedir. A minha atitude deve tê-la desencorajado, porque se manteve do lado

de lá da mesa. Levantei-me também – com as pernas demasiado fracas – e fui para a janela, como se ela já ali não estivesse. Olhei lá para fora e contemplei a rua e as varandas do prédio em frente, sem flores por ser inverno, o autocarro que levava os alunos a casa.

A partir dessa sexta-feira de janeiro, a Adalgisa começou a surpreender-me. Pensei que não voltaria a vê-la durante sei lá quanto tempo, talvez para sempre. Gastaria dinheiro comigo à distância habitual. Em vez disso, telefonou dois dias depois. A senhora Bice atendeu: «Ela está aqui», lançando-me um olhar penetrante. Apontei para a casa de banho com um gesto de urgência e fechei-me lá dentro. Sentada na borda da banheira, percebi que falavam de mim, dos estudos, das refeições, os assuntos habituais. Ligou mais tarde e não consegui esquivar-me.

– Estava a pensar renovar a tua inscrição na piscina, podíamos ir juntas, uma destas tardes.

– Não estou interessada – respondi, sem hesitar.

– Na escola de dança, então.

– Também não.

Mas eu gostava tanto, insistiu ela, além disso reencontraria as minhas amigas.

– Já se devem ter esquecido de mim. E agora, desculpa, mas o jantar está pronto.

Dela, eu só queria o estritamente necessário. Mas o meu «não» à dança pesou-me de noite como uma comida indigesta. Gostava mesmo das aulas.

Encontrei-a à saída do liceu, num dia de chuva que começara desanuviado. Na multidão de pais que tinham ido socorrer os filhos, ela esperava-me com um grande chapéu de chuva de homem. Retraí-me, mas fui empurrada pelos adolescentes que debandavam. Estava ali de propósito por mim, cumprimentou-me e não pude evitá-la.

– Sabia que não tinhas trazido nada para te abrigares, como estava sol de manhã.

Ofereceu-me o braço e eu ignorei-a, caminhei ao seu lado, esperando que nenhum dos meus colegas reparasse em nós. Não saberia explicar quem ela era.

Ao mesmo tempo, experimentava uma espécie de alívio, a tentação de me sentir igual aos outros, por uma vez na vida. Alguém também me viera buscar, no temporal de inverno.

Ela falou do automóvel, disse que estava estacionado um nadinha longe de mais, toda a gente decidira sair ao mesmo tempo, com aquele tempo horrível. Por cima de nós, chovia a cântaros. Ei-lo, lavado pela chuva, o seu carrinho azul. Abrigou-me, enquanto eu entrava no habitáculo, e deu a volta para se sentar ao volante. Perdurava um cheiro um pouco acre, ali dentro, de quando ela derramara uma garrafa de vinagre, anos antes. Mas mais forte ainda era o seu perfume, que me assolava assim que virava a cabeça. De manhã, ela punha umas gotinhas no recôncavo atrás das orelhas e nos pulsos, gestos que efetuava diante do espelho e que eu conhecia de cor.

No tabliê, destacava-se, reluzente, um íman de São Gabriel, com uma fotografiazinha a cores do bebé e a frase VAI COM CALMA, LEMBRA-TE DE MIM. Ao lado, o íman antigo, com a minha cara esbatida, a preto e branco. Observei as gotas que se colavam ao vidro embaciado e mantive-me em silêncio até chegarmos.

– Aqui tens a carne à *pizzaiola* que fiz hoje, é só aquecer – disse, à porta, dando-me um tachinho envolto numa toalha.

Detive-me uns minutos nas escadas. O que é que estava a acontecer? Que disponibilidade inesperada era aquela da Adalgisa? Assustava-me, confundia-me. Agora que renunciara a ela, a confiança sumira. Mas, de repente, ela mostrava-se assim, tão querida, depois do encontro que eu lhe impusera. Apercebia-me do perigo de me entregar novamente. E do desejo indizível.

Durante umas semanas, não voltei a ter notícias dela. Parecia ter desaparecido uma vez mais. Lavado e enxugado, o tachinho em que ela me dera a carne esperava-a em cima de uma prateleira, na cozinha da senhora Bice. Tê-la-ia eu afastado com os meus modos intratáveis? Não, era apenas o início das suas intermitências. Com o tempo, habituei-me àquela sua maneira de aparecer e desaparecer de vez em quando, por períodos mais ou menos breves. Dividia-se entre mim e a sua nova família. Eu esperava-a, sem o confessar a mim própria. A cada regresso, mostrava-me um pouco ofendida. Foi sempre assim, enquanto senti necessidade dela.

Convenci-me de que me estava nas tintas para as suas visitas, mas sobressaltava-me sempre que a campainha tocava.

Apareceu com uma camisola da minha cor preferida, arranquei-lha das mãos com um movimento demasiado brusco.

– Escolhi em vermelho. É o tamanho certo?

Encolhi os ombros e fui guardá-la sem sequer a experimentar, ela seguiu-me até ao quarto. Olhou em redor.

– Estão um bocado apertadas, aqui – disse, pensativa. Contou que tinha mudado de casa, por isso desaparecera. – Desculpa se não te vim ver, mas tinha mil coisas na cabeça. – Voltara para a casa à beira-mar.

– É preciso arrumá-la de cima a baixo. Com o Guido sempre fora a trabalhar e um bebé pequeno nos braços, vou demorar meses.

Nunca a tinha ouvido proferir o nome da pessoa que mudara as nossas vidas. Sorriu ao mencionar o nome do filho: Francesco, como um dos santos que ela venerava. Eu escutava-a, atenta, embora me virasse a três quartos para não lho mostrar.

– A tua cama ainda lá está – murmurou, mais para si própria do que para mim, tocando na coberta dos Abruzos que me aquecia à noite.

No saco, trazia mais coisas para mim: meias até ao joelho, uma pulseira de prata, manteiga de cacau para os lábios eternamente gretados. Aceitei sem constrangimento e sem lhe agradecer. Enquanto ela as pousava na mesinha de cabeceira, eu decidia o que levaria à minha irmã.

– Domingo vens almoçar connosco? – perguntou, inesperadamente.

– No fim de semana vou à aldeia – respondi, depois de uma pausa, sem a fitar.

– Talvez para a próxima – sugeriu.

Passaram-se vários domingos.

*

Nas férias da Páscoa, falei à minha mãe do convite, num daqueles momentos de confiança que surgiam quando ficávamos sozinhas na cozinha. Ajudava-a a descascar os ovos cozidos que o pároco tinha benzido.

– Aceita, lembra-te que a Adalgisa te criou.

Não foi a única tentativa de reconciliação da sua parte, ao longo dos anos. Ela sentia em relação à prima uma espécie de gratidão fria, por me ter educado de uma maneira tão diferente da dos seus outros filhos.

– Se não fosse ela, em vez de estudares tinhas ido prò campo trabalhar como braçal. Tu não conheceste a miséria, a miséria é mais do que passar fome – disse-me, um dia, como admoestação. E depois: – Ela errou, mas não podes ficar amuada a vida inteira.

A Adalgisa não voltou a falar do almoço, mas eu sentia que era uma ideia fixa para ela. Continuámos a ver-nos em casa da senhora Bice, exceto uma vez, em que me convenceu a acompanhá-la aos Grandes Armazéns. Estava com vontade de gastar dinheiro, comprou coisas para mim, para o bebé. Enquanto

passeávamos de uma secção para outra, podíamos parecer novamente mãe e filha.

No início de maio, ela fez uma nova tentativa. Subiu as escadas, entusiasta e afogueada, com uma estranha irrequietude.

– O Guido quer muito conhecer-te – disse, unindo as mãos várias vezes, numa espécie de aplauso lento e silencioso. – Não me digas já que não, eu ligo-te na sexta-feira.

A senhora Bice observava-nos, com um sorriso encorajador. Na sexta-feira, passou-me a chamada, mas, antes, tapou o auscultador por um instante.

– Vai, ela quer muito que vás.

Assim, dei por mim, surpreendida, a vestir-me com esmero, no domingo de manhã, a sublinhar os olhos com o lápis preto e o rímel da Sandra, porventura exagerando um pouco. A Adalgisa telefonou cedo, impaciente para me ir buscar. Disse-lhe que preferia ir a pé, com aquele sol.

Não estava satisfeita, troquei de roupa à última hora. Acrescentei um nadinha de cor às maçãs do rosto pálidas. Não percebia sequer para quem me estava a arranjar. Cheguei atrasada ao terminal, a Adriana já tinha saído da camioneta e esperava-me, de semblante enervado.

– Endoideceste ou quê, deixares-me sozinha no meio da cidade? Ligas-me prà cabina do Ernesto, fazes-me levantar cedo e depois não apareces?

Eu pedira-lhe para me acompanhar, não queria ir sozinha. Por um instante, arrependi-me. Trazia uma roupa demasiado apertada, os sapatos sujos. Os mesmos cabelos oleosos de sempre e, no entanto, era domingo, dia do banho. Apercebeu-se do meu olhar.

– Se me lavasse, perdia a camioneta.

– O autocarro, Adriana, não te esqueças de dizer que vieste de autocarro e que não me avisaste antes. – Abracei-a.

Cuspimos as duas para um lenço e limpámos os velhos mocassins, rindo-nos um pouco. Despachámo-nos, conversando a passo rápido, eram tantas as recomendações que eu tinha para lhe fazer.

– Fala em italiano e não em dialeto, por favor. Não pegues na comida com as mãos, a não ser no pão, usa os talheres. Se não souberes como, observa-me. E mastiga de boca fechada, sem fazer barulho com a língua.

– Meu Deus, dás-me cabo dos nervos. Até parece que vamos a casa da rainha de Inglaterra. Já te esqueceste de tudo o que ela te fez?

– Não te metas nisso. Porta-te bem, se queres que a Adalgisa te ajude a vir para a cidade.

Ainda tínhamos muito caminho para percorrer, mas, a cada paragem de autocarro, a Adriana teimava que queria continuar a pé.

*

Chegámos atrasadas. Toquei à campainha do portão do jardim, o toque era novo, mais melodioso. Tinham substituído também a vedação, não se via nada do lado de fora. Um último olhar ao rosto suado da Adriana, ajeitei-lhe os cabelos atrás das orelhas, talvez assim se notasse menos que estavam oleosos.

– Não te esqueças – repeti.

O clique da fechadura e entrámos. De relance, a relva recém-cortada, canteiros de flores variadas, dispostas segundo uma ordem geométrica. Um arbusto acabadinho de plantar, a terra ainda remexida. A minha boca seca e o peito em tumulto. O homem à porta, de camisa branca.

– Estávamos à espera de uma menina e afinal vieram duas – disse, sorrindo, afável. Deu-nos um aperto de mão, como se faz entre adultos, com um gesto vigoroso e simpático.

– Bom dia. A minha irmã fez-me uma surpresa – justifiquei-me.

– Bom, entrem. Pomos mais um prato na mesa.

Na sala de jantar, mantivemo-nos imóveis e lado a lado, intimidadas. No interior da casa, que aparentemente continuava na mesma, qualquer coisa de indefinível parecia ter mudado irremediavelmente.

– A Adalgisa vem já, está com o bebé. Ele come ao meio-dia em ponto e a esta hora tem de dormir a sesta. Entretanto, podem ir lavar as mãos, a casa de banho é ali.

– Eu sei, obrigada.

Apertando as pernas, a Adriana precipitou-se para a porta e abriu-a ruidosamente. Estava aflita já há uns bons minutos e eu tinha-me esquecido. Enquanto eu fechava a porta, apercebi-me do olhar que nos seguira.

– Fiquei com uns pingos nas cuecas, espero que não se sinta o cheiro a mijo.

Tranquilei-a a ela, mas não a mim. Ela ficou fascinada com a prateleira cheia de produtos de maquilhagem, mas obriguei-a a sair. Sem relógio, eu perdera a noção do tempo, parecia-me muito tarde para almoçar.

Não estava ninguém na sala. Mas, na cozinha, as duas vozes e o cheiro do peixe que a Adalgisa costumava preparar. Da vida precedente, veio-me o impulso de entrar, bisbilhotar o fogão, provar qualquer coisa. Dei um passo e detive-me, confusa. A casa já não era minha. Eu era uma convidada.

Gostava de rever o quarto, porém, nem que fosse só um instante.

– Adriana, vou-te mostrar onde eu dormia antes, é o quarto aqui ao lado.

A minha cama ainda lá estava, era verdade. Mas tinham desaparecido os meus livros, os peluches, as barbies com que brinquei até ao sexto ano. Todas as prateleiras estavam ocupadas com navios dentro de garrafas de todas as dimensões, alguns muito pequenos, com velas do tamanho de selos. Um, ainda em construção, estava pousado na secretária, já debaixo de vidro, mas com os mastros dobrados sobre a ponte e uns fios compridos dependurados até ao exterior. Em redor, as ferramentas: pinças, um estojo de goivas, outros instrumentos minúsculos que serviam sei lá para quê.

Já não havia nada meu, ali dentro.

– Gostas?

Sobressaltei-me, mas a pergunta destinava-se à Adriana. Eu perdera-a de vista; pegava uma garrafa, com aquelas suas mãos demasiado curiosas.

– Foi um dos mais difíceis de montar – disse ele, aproximando-se para lhe explicar o mistério.

– Tens jeito, ficou muito bonito – elogiou ela.

– Deves tratá-lo por você – sussurrei-lhe, mas não suficientemente baixo.

– Não, deixa-a estar, é tão espontânea.

A Adalgisa apareceu, finalmente.

Vinha vestida de azul, por baixo do avental da cozinha. Não se mostrou surpreendida com a presença da Adriana, recebeu-a com simpatia, perguntou-lhe como estavam os nossos pais. Pegou-me numa mão, a dela estava um pouco húmida da emoção.

– Guido, falei-te dela tantas vezes e agora ei-la aqui connosco. Já fizeram as apresentações, não já?

– Já. Tinhas razão, é uma rapariga formidável.

Então, ela apertou-me com mais força e escapou-se-lhe um «obrigada» em meu nome, seguido de um pequeno movimento, quase um saltinho infantil de alegria.

Acompanhou-nos à mesa e acrescentou um prato para a Adriana. Quando a minha irmã a viu alinhar os talheres de sobremesa diante do prato debruado a dourado, exclamou:

– O que é que eu faço com tanto talher? Só preciso dum garfo e duma faca, uma colher se a sopa for muito líquida.

Pisei-lhe um pé sub-repticiamente, tinha-me sentado ao lado dela para a controlar. Ele estava sentado em frente, observava-a, divertido.

– Não te preocupes, usa os que quiseses. Mas verás que os mais pequenos te servirão para uma coisa muito boa, no fim.

A seguir, perguntou-lhe se gostava da escola e a Adriana respondeu «assim, assim».

– De ti, já sei que és excelente aluna, a Adalgisa está sempre a falar nisso – disse-me, quase como se pedisse desculpa pelo interesse que denotava pela minha irmã.

Falaram sobre a aldeia, onde ele costumava visitar alguns familiares, quando era pequeno. Lembrava-se de refeições longuíssimas, umas salsichas maravilhosas. Em troca, ela descreveu-lhe o lombo de porco do Beata, que ressuscitava os mortos. Sentia-se mesmo à vontade com ele, esqueceu-se completamente das minhas recomendações. Eu tremia de cada vez que ela abria a boca. A Adalgisa ia e vinha da cozinha, contente.

Entrada de marisco. Ela observou a primeira garfada do seu companheiro, para ver se estava boa. Ele aprovou com um aceno de cabeça. A Adriana examinava um lagostim descascado, girando-o na ponta do garfo.

– Algum problema? – perguntou-lhe o Guido.

– Parece uma minhoca. – E provou-o alegremente.

Começaram a brincar acerca dos povos que comem insetos e larvas. Eu tinha calor e pouco apetite. Desistira de pisar o pé da Adriana sempre que ela era inoportuna. Estava a ser ela própria.

Ao servir o esparguete com amêijoas, a Adalgisa salpicou a camisa do Guido com um pouco de azeite.

– Desculpa, amor, vou já buscar o pó de talco.

Ela aplicou-o na nódoa com mãos devotas, ele inclinou o tronco para trás, para lhe facilitar a tarefa. Uma carícia lenta, sobre o peito, antes de o deixar e de voltar para a cadeira. Eu nunca a vira assim, com o marido.

– Não tem grãos de areia desta vez, pois não? – perguntou ela, depois, com uma ligeira apreensão.

– Está delicioso – disse a Adriana, mastigando a comida e as palavras, mas a pergunta não era para nós.

– Areia, não, não me parece, pelo menos até agora. Está só um bocado salgado, mas não tem mal. As amêijoas deviam ter ficado mais tempo em água.

Subitamente, ao fundo, uma vizinha chamou «mamã».

– Acordou antes da hora. Vocês vão poder vê-lo agora – disse a Adalgisa, levantando-se.

– Não, querida, fica aqui e come. O Francesco deve respeitar os horários.

– Mas está a começar a chorar – protestou ela, debilmente.

– São as regras que combinámos com o pediatra. Não importa se chora, daqui a pouco readormece. – Apontou-lhe para o prato: – Vá, coragem, a tua comida está a arrefecer.

Ela voltou a sentar-se, mas na borda da cadeira, com as costas hirtas. Enrolou o esparguete no garfo e deixou-o pousado, segurando no cabo com os dedos inertes. O choro do bebé alternava com pausas, durante as quais o rosto da Adalgisa serenava. Preparava-se, então, para levantar o garfo, como o Guido mandara, mas o pranto recomeçava, cada vez mais ruidoso.

Ele bebeu um gole de vinho branco do copo de cristal, secou os lábios dando toquezinhos com o guardanapo de pano.

– Não insistas. Se está fechada, põe-na de parte. – No seu tom neutro, restava apenas um vestígio da delicadeza jocosa de antes.

Virei-me para a Adriana, que tentava abrir uma amêijoia à força, com a ponta da faca.

– Não queria desperdiçá-la – disse ela, abandonando-a no fundo do prato vazio.

O som da concha a tocar na louça foi abafado pela voz mais alta do bebé. O pai tamborilava com a mão direita na mesa. A certa altura, levantou-se e nós as três seguimo-lo com os olhos, convencidas de que ia ao quarto do filho. Em vez disso, ele foi à cozinha, a Adalgisa tinha-se esquecido do segundo prato: robalo no forno com batatas. Ela tirou as mãos do colo, sem forças.

– Vais buscá-lo, não vais? – incitou-a a Adriana, aproveitando aquela breve ausência.

Ela não respondeu, talvez nem sequer tivesse ouvido. Ele voltou com a travessa e pousou-a diretamente em cima da toalha de linho. Tirou a pele e as espinhas e serviu-nos generosas porções de peixe branco. Depois, o acompanhamento. Disse-nos para comermos, tentando desencantar um sorriso. Os gritos vibravam no ar.

– Talvez esteja com dores – tentou a Adalgisa, numa voz de súplica.

– Daqui a cinco minutos, ele adormece. São caprichos.

Foi mais uma vez à cozinha e voltou com o cesto do pão. Substituiu o esparguete da Adalgisa, que entretanto arrefecera, pelo robalo e ela virou-se um pouco, nem sequer queria ver o prato. Dois sulcos profundos de cada lado da boca envelheceram-na de repente.

A Adriana limitou-se a provar o peixe, mais ninguém tocava na comida. Apenas o silêncio, face àqueles guinchos, a poucos metros de nós. Abrandaram e

cessaram de um momento para o outro e o Guido fez que sim com a cabeça, satisfeito. Depois, mais gritos, mais intensos.

Eu não percebia como é que a Adalgisa conseguia resistir àquela gritaria, tive pena dela. Mas era o seu companheiro que a imobilizava com o olhar.

A Adriana levantou-se e talvez eles nem se tenham apercebido. Pensei que ela fosse à casa de banho. Eu estava como que paralisada no meu lugar, os guinchos ocupavam a casa e as mentes. Talvez fossem só uns minutos, mas o tempo daquele pranto que mudara o dia parecia interminável. A Adalgisa na sua cadeira, abandonada de encontro às costas, o olhar posto no lustre apagado. A maquilhagem esborratada numa das pálpebras. Ele seguia com a ponta do dedo o debrum dourado do prato. Depois, vi-o estremecer devido a qualquer coisa que se passava atrás de mim. Virei-me.

A Adriana tinha o bebé ao colo e embalava-o com movimentos ligeiros. O menino já se estava a acalmar, embora ainda tivesse o rosto vermelho e convulso, umas quantas madeixas de cabelo coladas à testa suada.

– Quem é que te deu autorização para tocares no meu filho? – disse o pai, levantando-se bruscamente. A cadeira caiu atrás dele. Arquejava, uma veia saliente latejava-lhe no pescoço.

A Adriana nem lhe ligou. Devolveu o bebé à mãe, com gestos delicados.

– Ele tinha entalado a mão nas barras da cama. – E apontou para as marcas vermelhas no pulso pequenino, a pele visivelmente inchada. Penteou-lhe os cabelos para trás e enxugou-lhe as lágrimas com um guardanapo, antes de voltar a sentar-se ao meu lado. A Adalgisa beijava, um a um, os dedinhos doridos.

Com a mão, toquei na perna dura e tensa da minha irmã. Tinha sido tão corajosa, mas toda ela tremia.

O Guido apanhou a cadeira e deixou-se cair em cima dela, com os braços pendendo para o chão. Não havia vestígios sequer do homem que levantara a voz contra uma menina, apontando-lhe um dedo ameaçador. Olhava sem forças para os seus dois copos, o da água e o do vinho. Não sei quanto tempo ficou assim, mas é a imagem que guardo dele, daquele dia.

Ninguém falava. Apenas um soluço de vez em quando, no sono em que o bebé voltara a mergulhar. Bastou-me roçar num dos ombros da Adriana para nos entendermos.

– Obrigada pelo almoço, estava tudo delicioso, a sério. Mas agora é melhor irmos andando, daqui a uma hora a minha irmã tem de apanhar o autocarro para a aldeia – disse eu, de enfiada.

A Adalgisa fitou-nos com um olhar impotente, angustiado. Com um movimento quase impercetível, fazia que não com a cabeça. Não era assim que ela imaginara aquele domingo.

Aproximei-me para me despedir dela e senti o cheiro a pão quente que emanava do seu filho. De vez em quando, ele sobressaltava-se num sono muito profundo. Cedi ao impulso de lhe tocar por cima da camisola de algodão tricotado. Talvez fosse uma das minhas, tão macia. A Adalgisa conservara-as numa caixa, na prateleira mais alta do armário, com outras recordações da minha infância. Instintivamente, tirei-lhe um cabelo perdido sobre o azul do vestido, como que para a devolver à perfeição de antigamente.

– Pelo menos levem a sobremesa – tentou.

– Talvez prà próxima – respondeu a Adriana.

– Um instante – disse o Guido. Embrulhou um pedaço de bolo em papel e acompanhou-nos à porta. – Estou a fazer umas obras aqui fora. Voltem, comemos ao ar livre.

Fechei o portão atrás de nós e respirámos fundo.

– Foste incrível – disse-lhe eu.

– Alguém tinha que ir ver o coitado do bebé. Não pensaram que podia estar a chorar de dor?

Despachámo-nos ao longo do passeio, bordejando o jardim. À esquina, mudei de ideias, ainda era cedo para a camioneta. Convenci-a a ir à praia. Eram poucos os chapéus de sol abertos, a temporada ia apenas no início. Tirámos os sapatos e ela seguiu-me até à beira da água, um pouco hesitante. Estávamos quase no mesmo lugar daquele outro dia distante, que partilhámos com o Vincenzo. Em silêncio, lembrámo-nos dele.

A Adriana fitou-me como se eu tivesse enlouquecido, depois despiu-se também e deixou as roupas na areia tépida, juntamente com o medo. Entregou-se à minha mão e entrámos no mar, só de roupa interior. Um cardume de peixes minúsculos roçou-nos nos tornozelos. O tempo de nos habituarmos ao frio. Ela caminhava cautelosamente, eu nadava um pouco em redor. Salpiquei-a e, em troca, ela enfiou-me a cabeça debaixo de água.

Imobilizámo-nos diante uma da outra, tão sós e próximas, eu mergulhada até ao peito, ela até ao pescoço. A minha irmã. Como uma flor improvável, que despontara num pequeno grumo de terra preso a uma rocha. Com ela, aprendi a resistência. Hoje, somos menos parecidas fisicamente, mas a nossa noção de termos sido atiradas para o mundo permanece igual. A cumplicidade salvou-nos.

Observávamo-nos por cima da superfície trémula do mar, os reflexos ofuscantes do sol. Nas nossas costas, o limite das águas seguras. Semicerrando um nadinha as pálpebras, aprisioneiei-a entre as minhas pestanas.